

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
MESTRADO EM DESIGN

CAMILA DE PADUA ABOUD

**Colaboração e correspondências: o design participativo no complexo de
valores da renda de bilro na Raposa – MA.**

SÃO LUÍS

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
MESTRADO EM DESIGN

CAMILA DE PADUA ABOUD

**Colaboração e correspondências: o design participativo no complexo de
valores da renda de bilro na Raposa – MA.**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Design do Programa
de Pós-Graduação em Design, Departamento de
Desenho e Tecnologia da Universidade Federal do
Maranhão.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha

SÃO LUÍS

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

de Padua Aboud, Camila.

Colaboração e correspondências: : o design participativo no complexo de valores da renda de bilro na Raposa MA / Camila de Padua Aboud, Camila de Padua Aboud. - 2019.

159 f.

Orientador(a): Raquel Gomes Noronha.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Design/ccet, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Complexo de valores. 2. Correspondências. 3. Design participativo. 4. Raposa. 5. Renda de bilro. I. de Padua Aboud, Camila. II. Gomes Noronha, Raquel. III. Título.

CAMILA DE PADUA ABOUD

**Colaboração e correspondências: o design participativo no complexo de
valores da renda de bilro na Raposa – MA.**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Design do Programa
de Pós-Graduação em Design, Departamento de
Desenho e Tecnologia da Universidade Federal do
Maranhão.

Aprovado em: 26/04/2019

Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha (Orientadora)
(Doutora em Ciências Sociais)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Profa. Dra. Kátia Andréa Carvalhaes Pêgo
(Doutora em Systemic Design)
Politecnico di Torino

Prof. Dr. Raimundo Lopes Diniz
(Doutor em Engenharia de Produção)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS

Prof. Dr. Denilson Moreira Santos
(Doutor em Química)
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me permitir estar nesta terra de tantos encantados fazendo o que eu gosto!

Aos meus pais, por sempre me incentivarem a seguir meus sonhos.

Aos meus irmãos, Guilherme e Carlos, por sempre terem uma palavra de motivação quando eu precisava.

A minha avó Elzira, pelo aconchego e acolhida de sempre. Por nossas conversas, nossa convivência carinhosa. Por me lembrar da origem de meu avô: um maranhense que amava falar de sua origem!

A minha prima Ana Gabriela por me apoiar desde antes de chegar em São Luís, por ser um exemplo de foco e objetivo e por estar sempre perto! Ao Villy e José Miguel pelo companheirismo, alegria e incentivo em todos os momentos dessa caminhada.

Ao Alex Soares, por me entregar seis livros para ler, por me inserir nas trilhas do design e me ajudar com o projeto do mestrado!

À Flávia e Renata por me acolherem quando cheguei em São Luís e por me apresentarem à Raquel!

A minha orientadora, amiga, incentivadora, Raquel Noronha, gratidão por me aceitar como sua orientanda e por me incentivar sempre! Por ser uma professora tão querida, que nos faz ir além, para retribuirmos ao seu empenho e esforço diário. E acima de tudo, por ser uma grande amiga!

À Raiama Portela por estar sempre por perto com uma palavra de incentivo!

Ao Marcio Lima com seu jeito carinhoso, por fazer de nossas manhãs momentos tão especiais!

À Keila por ser minhas mãos, meus braços e olhos quando eu pesquisava e por me ajudar a ter foco, registrando tantos momentos belos na minha pesquisa!

À Zita, a mexicana mais criativa e inovadora que já conheci, obrigada por me acompanhar na Raposa, por desenhar lindas imagens para esta dissertação.

Ao Michael, pelo carinho e por sempre me incentivar a ir além!

À Mariela e Grace por me ensinarem tantas coisas!

Aos meus queridos amigos Claudia, Nayara, Mariana, Ferdinan, Alice, Larissa por estarem junto comigo em tantas manhãs e por fazerem tudo ter mais vida!

Aos meus colegas e amigos do mestrado: Railde, Mauro, Raíssa, Marina, Larissa, Ledilson, Verônica, Samuel, Paula, Maureen, Juliana, Vinicius, Keila por todos os nossos dias de aula juntos!

À Cida e Gracinha, ao José Brasileiro por sempre torcerem por mim em todos os momentos!

À Rosângela, gratidão pelo carinho, por de ter lido e me ajudado com as revisões de português desta dissertação!

À Ivana e Priscila por estarem sempre próximas e por me incentivarem a ir além!

A todos os que fazem parte do NIDA por estarem presentes em minha vida, por me ajudarem nas reflexões e em pensar novas formas de ver e viver a vida.

Aos professores do PPGDG – UFMA por estarem próximos e nos incentivando em nossa trajetória.

À FAPEMA por me ajudar a realizar esta pesquisa e pela bolsa do mestrado.

E às artesãs Marilene, Dorizete, Gláucia, Marcia, Edvanda, Edimar, Natalice pela acolhida nesses últimos anos, por fazerem de minhas tardes de pesquisa momentos mágicos e por serem especiais em minha vida! Por me mostrarem através da simplicidade em suas vidas, a grandiosidade de seu amor, sua paixão e seu carinho pelo que têm e por todos os que estão ao seu redor.

Gratidão!

RESUMO

Os valores não estão relacionados apenas com o preço, com bens materiais ou dinheiro, mas também sobre atitudes que geram importância afetiva para pessoas ou qualidades intrínsecas ao saber-fazer que atraem o respeito delas. São esses valores sobre a produção das rendas de bilros da Raposa, no Maranhão, percebidos a partir do contato com as artesãs que constituem o objeto desta pesquisa. Nos deslocamos para esta comunidade, a fim de compreender as relações estabelecidas não só entre as rendeiras e o comércio no qual atuam, mas toda a complexidade de valores que acompanham suas relações. Baseando-nos nos princípios do design participativo, vivenciados e mediados por nós, pesquisadores e rendeiras. Essa possibilidade permitiu-nos uma ação menos hierárquica da prática projetual para trabalharmos juntas, partindo das práticas de correspondências (GATT; INGOLD, 2013), com as trocas e o compartilhar de um conhecimento esquecido pelas rendeiras da Raposa: a criação do “papelão”, que é o molde fundamental para a produção de rendas com desenhos originais.

Palavras-chave: *Complexo de valores; Design participativo; Correspondências; Renda de bilro, Raposa.*

ABSTRACT

Values are not just about price, goods or money, but about gestures that generate affective for people or qualities that attract their respect. These values on the production of bobbin laces from Raposa, in Maranhão, from the prolonged contact with the artisans who constitute the object of this research. We went to this community in order to understand the relations established not only between the lacemakers and the commerce in which they operate, but among all the complexity of values that accompany their relations. Based on participative design principles experienced and mediated by us designers and lacemakers. This possibility allowed us a less hierarchical action of design practice to work together, starting with the correspondences (GATT; INGOLD, 2013) with the exchanges and the sharing of a knowledge forgotten by the lacers from Raposa: the creation of the cardboard, which is a fundamental mold for the production of lace with original designs.

Keywords: *Complex of values; Participatory design; Correspondence; Bobbin lace; Raposa.*

Pra você, o que significa a renda?

Pra mim... bem, significa muita coisa. Primeiro lugar: prazer mesmo, de trabalhar na renda. Complemento de renda familiar. Eu me divirto. Quando eu pego uma renda assim nova, eu me divirto com ela. Eu fico querendo saber o final. Às vezes eu nem durmo mais meio dia, na pressa de vê aquele pedaço já feito. Então, é uma coisa que eu gosto demais! Eu gosto demais! Eu pretendo, em nome de Jesus, quando eu me aposentar eu vou passa o tempo todinho nessa almofada aí, de manhã e de tarde! Às vezes, até de noite!

Dorizete, rendeira, 2019.

[...] O que realmente faz diferença entre lidar com a vida e vivê-la é a atenção.

(INGOLD, 2018)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A autora e Marilene em feira de artesanato embaixo da Ponte Bandeira Tribuzi	20
Figura 2 – Dorizete em sua casa, na Raposa	21
Figura 3 - Edvanda em casa, na Raposa	22
Figura 4 - Glaucia em sua loja, na Raposa	22
Figura 5 - Marcia na loja da Edvanda, no corredor das rendas	23
Figura 6 - Exemplo de papelão utilizado para o fazer das rendas	24
Figura 7 - Porta copos de renda de bilros	39
Figura 8 - Mapa geográfico - Raposa à Acaraú.....	40
Figura 9 - Mapa da Ilha Upaon-Açu, que compreende as cidades de São Luís, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar	41
Figura 10 - Passeios náuticos na Raposa	41
Figura 11- Mercado de peixes na Raposa.....	42
Figura 12- Dorizete fazendo renda.	42
Figura 13 - Corredor das rendas em Raposa	43
Figura 14- Cartografia do corredor das rendas.....	44
Figura 15 - Bilros.....	46
Figura 16 - Espinhos de mandacaru	47
Figura 17 - Almofada com bilros, espinhos, papelão e a renda sendo confeccionada ...	48
Figura 18 - Almofada completa com o papelão guiando a confecção das rendas.....	48
Figura 19 - Papelão.....	49
Figura 20 - A renda sendo elaborada pelas mãos da rendeira	50
Figura 21 - A rendeira Maria Edimar em sua loja, com seus produtos todos expostos.	51
Figura 22 - A rendeira Dorizete enchendo os bilros com linha.....	52
Figura 23 - Marilene assentando a renda na almofada	53
Figura 24 - Uma das oito faixas de renda.....	55
Figura 25 - Marcação dos pontos inicial em papel quadriculado	57
Figura 26 - Marcação dos pontos em papel quadriculado (continuação).....	57
Figura 27 - Traça.	58
Figura 28 - Pano de trocado inteiro	58
Figura 29 - Pano de meio trocado.....	58
Figura 30 - Trocado Inteiro ou “metidinho”.....	59

Figura 31 - Embuchado.	59
Figura 32 - Ponta de trocado inteiro.	59
Figura 33 - Castanha (externo) e Charita (interno).	60
Figura 34 - Rendas vendidas na Raposa.	68
Figura 35 - Corredor das Rendas.	69
Figura 36 - Um dos mapas mentais dos alunos com os principais questionamentos antes de desenvolver o jogo	74
Figura 37 - Mapa mental1	75
Figura 38 - Mapa mental 2	75
Figura 39 - Jogo da vida e jogo elaborado pelos alunos com inspirações no jogo da vida	76
Figura 40 - Jogo Banco Imobiliário e jogo desenvolvido com inspirações no Banco Imobiliário	76
Figura 41 - Jogo elaborado para o tema união das rendeiras.	77
Figura 42 - Jogo que lembra um tear com perguntas e afirmações para as rendeiras contestarem.	78
Figura 43 - Jogo inspirado no corredor das rendas.	78
Figura 44 - Jogo de tabuleiro 1	79
Figura 45 - Jogo de tabuleiro 2	80
Figura 46 - Papelão sem marcações, apenas com o molde da regata	84
Figura 47 – Estrela de valor.	90
Figura 48 – Cadeia de valor, de acordo com Keller (2012)	91
Figura 49 – Uma representação de complexo de valores	96
Figura 50- Complexo de valores	145

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Camila, vá pra Raposa!	18
1. CATEGORIAS ANALÍTICAS E CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DA RAPOSA: ASPECTOS TEÓRICOS.....	27
1.1 O novo papel dos designers na contemporaneidade e o design participativo	28
1.2 <i>DA</i> , observação participante e correspondência como categoria	32
1.3 Raposa, contexto histórico e suas rendeiras	39
1.4 Cadeias produtiva e de valor	44
1.4.1 Cadeia Produtiva	45
1.4.1.1 Materiais e coisas.....	45
1.4.1.2 Etapas para produção do dia-a-dia.....	51
1.4.1.3 Etapas para produção das encomendas.....	53
1.4.1.4 Etapas para elaboração dos papelões.....	55
1.4.2 Cadeia de valor.....	62
1.5 Os 4Ps de Marketing	65
2. PERCURSO METODOLÓGICO	71
2.1 Aproximação com o Campo.....	71
2.2 – Desenvolvimento dos Jogos Mediativos	72
2.3 - Sistematização dos dados coletados.....	80
2.4 – Observação participante	80
2.5 – Correspondência por meio dos papelões	82
2.6 – Encerramento da pesquisa de campo.....	86
3. PARA ALÉM DAS CADEIAS PRODUTIVA E DE VALOR: A FORMAÇÃO DO COMPLEXO DE VALORES	87
3.1. Assentando a complexidade de valor na almofada.....	96
3.1.2. Gosto.....	100
3.1.2.1. Gosto e o material.....	103

3.1.3. Ser rendeira.....	105
3.1.3.1. Desvalorização das rendeiras.....	107
3.1.3.2 Orgulho das rendeiras.....	110
3.1.3.3. Identidades das rendeiras.....	112
3.1.3.4 A complexidade de Ser Rendeira.....	114
3.1.4. A renda que gera renda.....	116
3.1.4.1. O tempo das rendas.....	117
3.1.4.2. “Alisar a cara”.....	119
3.1.4.3. Ética na concorrência.....	120
3.1.4.4. Roupas Diferentes.....	123
3.1.4.5. A complexidade da renda que gera renda.....	124
3.1.5. Aprendizado.....	126
3.1.5.1. Aprendendo a fazer papelões.....	127
3.1.5.2. Aprender com as redes sociais.....	131
3.1.5.3. Hereditariedade.....	132
3.1.6. Linhas da vida e das rendas.....	134
3.2. Tirando o complexo de valores da almofada.....	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS: TECENDO A COMPLEXIDADE DE VALORES....	141
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICES.....	154

INTRODUÇÃO

Quanto vale uma pessoa ou uma coisa? Uma vida? O caminho percorrido por esta vida? Memórias ou identidades de um lugar? Valor ou valores são constantemente confundidos com preços na economia capitalista em que vivemos. No entanto, existem valores que não são quantificáveis. São valores de histórias e memórias das pessoas em relação a um lugar, o esforço das pessoas por cuidar de suas famílias, a transmissão de um saber-fazer de geração em geração, a coragem e valentia de alguém para assumir posturas em determinadas situações da vida e diversas outras oportunidades que a vida nos permite perceber o mundo além dos índices demográficos.

Estes valores, além de nortear esta pesquisa, também me conduziram através de algumas atividades que realizei na graduação acadêmica. Sou graduada em administração pela ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing, que tem a área de marketing como foco principal em seus cursos e incentiva a prática de atividades sociais, através de uma empresa júnior voltada para o terceiro setor que desenvolve projetos para organizações não governamentais, a ESPM Social.

Ao finalizar minha graduação, algumas oportunidades me levaram a outras áreas, mas sempre intencionava retornar à atividade de contribuir para a sociedade usando os conhecimentos de minha formação acadêmica em entidades não governamentais ou comunidades sociais. A possibilidade de desenvolver uma dissertação, cujo tema de estudo fora a comunidade de rendeiras do município de Raposa, no estado do Maranhão, permitiu-me no mestrado, onde a administração esteve presente com uma parte de sua visão teórica, contribuir também para a interdisciplinaridade no campo do design.

Observei esta comunidade artesã, inicialmente, sob influência da abordagem dos 4Ps de *marketing* (preço, praça, produto e promoção), que compõem o *mix de marketing*. Segundo Philip Kotler e Kevin L. Keller (2012), “O *marketing* envolve a identificação e a satisfação das necessidades humanas e sociais. Uma das definições de *marketing* é “suprir necessidades gerando lucro” (KOTLER; KELLER, 2012, p. 3)”. Este foi meu foco inicial, imaginando de que forma as rendeiras poderiam vender e lucrar mais com seus produtos.

Com esta ideia e em parceria com a minha orientadora e os alunos da graduação de design da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), na disciplina de Projeto Gráfico II, produzimos jogos mediativos, que Eva Brandt *et al* (2008) conceituam como ferramentas

lúdicas elaboradas para fomentar discussões sobre temas pré-definidos, são relevantes nas conversas sociais, pois permitem que conversas sociais ocorram com temas pré-determinados auxiliados pela ludicidade. O objetivo destes jogos foram o de conhecer um pouco mais sobre a realidade comercial destas rendeiras. Eles também foram responsáveis por criar temas, encontros e situações que permitiram instigar atores sociais a discutirem temas que estão em seu dia-a-dia, mas de forma naturalizada. As trocas que estabeleci com as rendeiras por conversas mediadas utilizando jogos como ferramentas lúdicas, permitiram-me debater tais temas como o tempo de produção, a presença de atravessadores, de forma específica e direcionada.

Embora os valores que a administração traz para o cotidiano das pessoas sejam focados em valores materiais e monetários, nesta pesquisa, analisamos principalmente os valores imateriais, observados na comunidade de rendeiras da Raposa, na qual atuei como mestranda em design e mediadora de processos. Mediador de processos é definido por Manzini (2017) como um dos papéis do designer na contemporaneidade e, sendo assim, no contexto da pesquisa em epígrafe, a mediação de processos permitiu-me entender as relações de valor por meio das falas das rendeiras e pelas trocas nas relações estabelecidas entre nós.

Arturo Escobar (2016) afirma que o design possibilita pensar novas situações, através da mediação de processos e permite a nós, designers difusos ou *experts*, conceitos atribuídos por Ezio Manzini (2017) para se pensar a atuação das pessoas, que como designers difusos possuem a habilidade de projetar, mas sem o conhecimento acadêmico deste saber e já como designers *experts* possuem o conhecimento acadêmico em sua formação profissional, atuarmos no mundo como impulsionadores de transformações sociais.

Para compreender produção das rendeiras e a construção de valores em seu cotidiano, apoiei-me nos conceitos de cadeia de valor e produtiva de Lia Krucken (2009) e Paulo Keller (2012), pois são autores que consideram relações sociais nas suas abordagens. No decorrer desta pesquisa, as práticas estabelecidas na Raposa permitiram-me compreender quais valores são representativos para uma comunidade artesã e qual a importância deles na vida dessas pessoas.

Apropriei-me do conceito de design participativo, proposto pelos escandinavos (SMITH; KJAERGAARD, 2015), que se trata de um projetar em conjunto com os artesãos, onde conversas sociais também acontecem, surgindo a partir da ludicidade do fazer. O design

participativo, além de proporcionar uma construção de conhecimento em conjunto, possibilitou também que nós conhecêssemos melhor nossas copesquisadoras, borrando as hierarquias do conhecimento acadêmico e do saber-fazer. Nesta pesquisa, empenhei-me por trabalhar de forma não hierárquica, o que me permitiu como pesquisadora uma aproximação maior com as rendeiras da Raposa, trocando informações e compreendendo seus modos de vida e de produção das rendas. Esta aproximação possibilitou-me alcançar discursos mais genuínos e entender a realidade em que vivem. Desta forma, o termo copesquisadoras atribuídos às rendeiras justifica-se para nos posicionarmos no mesmo patamar, no qual os nossos conhecimentos difusos e especializados possuem o mesmo valor.

Além do design participativo, as práticas de correspondência, que Tim Ingold (2018) trata como filosofia de projeto, onde as relações de trocas, de dedicar atenção são estabelecidas entre os diversos públicos, foram vivenciadas por mim e as copesquisadoras nesta pesquisa. A partir dela, a construção do conhecimento dos “papeldões”, que se constitui como uma espécie de molde para as rendeiras elaborarem diferentes formas de rendas, foi fundamental para que tanto meus conhecimentos e habilidades se juntassem ao saber-fazer das rendeiras, construindo um novo saber-fazer.

Assim, por meio da vivência da correspondência, conheci a comunidade de rendeiras e me aproximei dos seus valores. Estes puderam ser observados durante todo o percurso desta pesquisa e foram fundamentais na construção do conceito complexo de valores, que se trata do conjunto de valores originados a partir da produção, das relações, das tradições, da cultura e dos costumes das rendeiras de bilros do município da Raposa.

O complexo de valores será detalhado no capítulo 3 desta dissertação, e consiste em uma reflexão teórica sobre uma possível ampliação do conceito de cadeia de valor, que, por conceber o processo produtivo como linear, admitindo uma entrada de insumos e uma saída de produtos, não contempla a multiplicidade de valores que são produzidos pelas relações que encontramos em campo, e ao mesmo as produzem, sendo ao mesmo tempo causa e efeito do processo produtivo da renda de bilro.

O conhecimento das rendeiras está no saber-fazer das rendas, que proporciona modelos diversos de rendas. E as particularidades de cada rendeira, seus gostos, seus costumes e seu “papeldão” proporcionam a cada peça um tom de exclusividade (algumas com mais

desenhos de flores, outras com determinadas cores e tamanhos, outras com desenhos geométricos, cada uma com sua característica particular da rendeira que a confecciona).

E, nesta pesquisa, denominei o conceito de complexo de valores porque vai além de um processo linear e lógico de uma cadeia de valor no qual o início ocorre no planejamento e entrada de matérias-primas e os resultados são os produtos. Os valores estão nas relações de tradição que foram conduzidas à Raposa pelas esposas dos pescadores cearenses, no processo de migração que levou à formação deste município; estão nas relações estabelecidas entre as rendeiras e suas famílias, seus amigos, turistas e todas as pessoas que direta ou indiretamente interferiram na complexidade deste saber-fazer. Além disso, as relações particulares de cada rendeira, as da comunidade como um todo e os pequenos grupos formados por elas contribuíram e contribuem para a construção da teia de relações, que não é constituída pela linearidade da cadeia de valor.

Sendo assim, o problema desta pesquisa consiste em analisar os diversos valores que são produzidos pelo encontro entre pesquisadora e artesãs durante o processo produtivo da renda e as trocas de conhecimento não hierárquicas que podem acontecer neste processo.

O objetivo geral desta pesquisa é produzir troca de conhecimentos a partir do fazer coletivo do papelão, por meio de práticas de correspondências, e a partir destas trocas, mapear e analisar a produção de valores, em todos os níveis da produção de renda da Raposa.

Como objetivos específicos temos: mapear os processos de produção, o uso de artefatos e insumos das rendas; identificar as principais relações de valor dentro da comunidade de rendeiras da Raposa; produzir práticas de correspondência com o aprendizado do “papelão” e analisar tais processos de trocas de conhecimentos, a partir do design participativo; sistematizar estas informações obtidas em um conceito teórico, que denominamos complexo de valores.

Como hipótese da pesquisa tem-se que o design participativo e as práticas de correspondência amplificam e possibilitam identificar a multidimensionalidade da cadeia produtiva na comunidade de rendeiras do município de Raposa, Maranhão, trazendo para o debate contemporâneo as formas de atribuição de valor aos processos e produtos artesanais.

Desta forma a pesquisa justifica-se por entendermos que a produção das rendas vai muito além do entrelaçar dos bilros e suas linhas pelas mãos das rendeiras. São histórias, memórias deste saber-fazer, costumes das comunidades nas quais as rendeiras vivem e os relacionamentos entre as diversas pessoas com quem convivem. Este saber-fazer também está presente na escolha dos materiais para a elaboração das almofadas, no momento da compra das linhas que compõem as rendas, nas relações entre as pessoas que as fazem, vendem e compram e nas diversas situações que ocorrem por conta deste processo produtivo.

Sendo assim, pode-se dizer que a renda confeccionada nesta comunidade significa também a transmissão de conhecimentos da avó, que ensina a mãe, que ensina a filha, que ensina a neta e assim por diante. E por meio das rendas, as relações de vida são estabelecidas entre essas mulheres e com os outros membros da comunidade. As relações construídas ao redor do saber-fazer das rendas estão ligadas ao esforço que estas artesãs fizeram para manter seus filhos bem cuidados, alimentados e educados, além de cuidar da casa e de seus maridos, pois a atividade da renda nunca acontece isoladamente, mas em conjunto com as tarefas domésticas que as artesãs acumulam.

Estar inserida nesta comunidade e aproximar-me ao máximo destas rendeiras foi uma tarefa que me demandou tempo de convivência, conquista da confiança, dedicação e atenção, constituindo aquilo que se denomina por práticas de correspondência. Tal processo participativo será explicado com profundidade no capítulo 2.

O delineamento teórico desta dissertação foi realizado de acordo com o caminhar da pesquisa, e consistiu em duas etapas: uma revisão de literatura sobre a metodologia, inicialmente e sobre os aspectos teóricos determinados a priori, antes da pesquisa de campo.

A segunda etapa foi realizada durante e após a pesquisa de campo, com os experimentos de correspondência, na qual os temas e valores que emergiam da prática, eram sistematizados a partir de teoria especificamente direcionada a tais valores.

Entre os principais marcos teóricos e metodológicos da pesquisa, trazemos Ingold (2018) com a filosofia de correspondência; Rachel Charlotte Smith e Mette Gislev Kjaersgaard (2015) com o design participativo, Krucken (2009) com a cadeia produtiva e Keller (2012) com a cadeia de valor, Brandt *et al* (2008) com a teoria de jogos mediativos. Tais

abordagens teóricas auxiliam-nos, pesquisadores, artesãos e atores sociais, a pensarmos possíveis situações e imaginar futuros possíveis.

Camila, vá pra Raposa!

Um dos motivos que me instigou a escolher as rendeiras da Raposa como interlocutoras para essa pesquisa foi minha primeira visita a este município, ainda como turista. Além dos barcos, do passeio náutico, também pude conhecer várias lojas de rendas e artesanatos. Com minha percepção ainda focada na administração, atentei-me ao atendimento nas lojas. Percebi que os preços mudavam de local para local, em relação ao mesmo produto. Observei o local de venda das rendas, que são bastante peculiares: palafitas, na beira da avenida principal, onde a parte da frente dessas casas são transformadas em lojas e as rendeiras passam o dia tecendo suas rendas. Além disso, a divulgação tanto da Raposa quanto das suas rendeiras é algo que normalmente não se encontra, seja em São Luís, ou outros locais do Brasil. Os produtos me chamaram bastante atenção, pois gostei das rendas, seus desenhos e modelos, no entanto, não tinha conhecimento técnico para uma percepção mais detalhada.

A segunda visita ocorreu quando eu estava iniciando meu projeto de pesquisa. Precisava saber se as rendeiras seriam receptivas a mim e a minha pesquisa. O início dessa visita não foi algo tão fácil. Mas após um tempo aguardando, Marilene, meu primeiro contato entre as rendeiras, atendeu-me com empatia e atenção. Este momento fora crucial, pois foi quando tive a permissão para que eu realizasse minha pesquisa.

Uma terceira visita com Rogério Vasques, um amigo e estilista de moda, que possui olhar técnico da renda com relação à moda, permitiu-me perceber algumas particularidades: os desenhos e modelos de rendas eram bastante semelhantes em todas as lojas, a linha utilizada normalmente era mais grossa do que o tipo que ele procurava e raramente as rendeiras utilizavam linha fina (linha grossa e linha fina são os tipos de linhas denominadas pelas rendeiras por causa das espessuras desses materiais).

Estas três primeiras visitas ocorreram antes de eu iniciar a observação participante, uma técnica de investigação social que permite ao pesquisador viver o campo de pesquisa e participar dele (INGOLD, 2016). O percurso no campo de pesquisa me permitiu compreender a problemática nele existente. Assim, após quatro meses de visitas, sendo em torno de três por mês, e refletindo a partir do processo de orientação, surgiu a possibilidade de desenvolver jogos mediativos em parceria com minha orientadora e seus

alunos. Com estes jogos conheci mais a respeito dos discursos apresentados pelas rendeiras.

A criação dos jogos mediativos possibilitaram conversas sobre temas comuns ao dia-a-dia delas, mas que não são percebidos e racionalizados pelas artesãs. Eles possibilitaram-nos experimentar situações fictícias da vida delas como rendeiras e comerciantes. Através deles percebemos que existem diferentes argumentos para determinados tipos de turistas: os descendentes de japoneses, por exemplo, são os que mais questionam e menos compram. Estes jogos proporcionaram uma interação maior entre mim, os alunos de graduação, minha orientadora e as rendeiras. Por meio deles, conversamos sobre novas possibilidades de locais de vendas, novos produtos e outros assuntos abordados mais adiante no capítulo dois.

Em janeiro de 2018, em uma viagem de férias, tive a oportunidade de conhecer Acaraú, um município Cearense, de onde a maior parte das rendeiras da Raposa migrou entre os anos 1950 e 1960. Nessa visita, conversei com a presidente da Associação das Rendeiras e ela afirmou que as encomendas dificilmente eram aceitas pelas artesãs. Também disse que poucas pessoas sabiam *pinicar*, ou seja, marcar e furar o papelão com agulhas, deixando as marcas dos pontos das rendas. Além disso, elas também forneciam rendas para as lojas da Raposa.

Retornando do passeio, fui conversar com algumas rendeiras da Raposa (Marilene e Dorizete) que confirmaram que elas não conseguiam fazer todas as rendas e que, além disso, compravam as rendas de sacoleiras de Acaraú. Afirmaram, também, que são poucas as rendeiras que aceitam trabalhar para produção das encomendas. Então, percebi que os discursos que tinham para os turistas eram prontos, com o intuito de agradá-los.

Sempre que eu tinha alguma dúvida, ou que minha orientadora me questionava sobre algo da Raposa que eu não tinha as respostas, ela me falava: “Camila, vá pra Raposa”. E posso confessar que esta frase me marcou, pois foram inúmeras vezes que a escutei dizendo. E às vezes, os integrantes do NIDA – Núcleo de Inovação, Design e Antropologia –, da UFMA, por brincadeira repetiam com ela a mesma frase: “Camila, vá pra Raposa!”.

Estas visitas à Raposa foram importantes para entender o campo, delinear o recorte da pesquisa e seus objetivos. O período de visitas, para conhecermos e nos aproximarmos desse campo, ocorreu no período entre março de 2017 a março de 2018. Foram duas visitas por mês durante este tempo, sendo intensificadas nos meses de janeiro e fevereiro

para conseguirmos mapear todas as lojas. Algumas vezes, eu realizava as visitas sozinha, em outras, tive a colaboração de pesquisadores da minha turma de mestrado, que participavam e me auxiliavam com as fotografias.

As visitas iniciais propiciaram-me conhecer melhor Marilene (Figura 1), presidente da Associação das Rendeiras Bilro de Ouro, que tem um importante papel de liderança entre as rendeiras associadas. Ela é responsável por organizar e mediar negociações entre as rendeiras e clientes (na questão das encomendas), entre rendeiras e a participação em feiras, entre rendeiras e bancos (quando são disponibilizadas linhas de crédito para elas). Enfim, seu papel é fundamental: organizar, ao menos, uma parte das rendeiras da Raposa.

Figura 1 – A autora e Marilene em feira de artesanato embaixo da Ponte Bandeira Tribuzi



Fonte: Autora (2017)

Dorizete (Figura 2) é uma das rendeiras que está quase diariamente na Associação das Rendeiras Bilros de Ouro. Ela trabalha para entregar as encomendas solicitadas por Marilene, além de fazer renda para que Marilene possa levar para os pontos de venda fora da Raposa. É uma das poucas rendeiras que faz trabalho com linha fina, um tipo de linha mais frágil por ser mais fina que a linha normal e que necessita de menos força e mais delicadeza para manusear (as rendas de linha fina normalmente são feitas sob encomenda, porque ela não gosta de trabalhar com este tipo de linha).

Figura 2 – Dorizete em sua casa, na Raposa



Fonte: Autora (2019)

Por meio do contato que tivemos com Marilene e Dorizete pudemos aprender que os discursos na Raposa seguem um padrão para atender aos turistas e aos clientes que, geralmente, fazem encomendas das rendas. Elas sempre partem do pressuposto de que fazem todos os desenhos de renda e que aceitam todas as encomendas feitas, além de dizerem que toda a renda vendida no “corredor das rendas”¹ é confeccionada por suas artesãs.

Atualmente, conseguir ser atendido para uma encomenda, precisa mais do que uma simples solicitação à presidente da Associação. As rendeiras também precisam aceitar fazer as encomendas, o que implica ter metade do valor acordado pago.

Caminhando pelo “corredor das rendas”, conhecemos Edvanda (Figura 3), uma das rendeiras que não é associada à Associação das Rendeiras Bilros de Ouro, e que trabalha como rendeira autônoma. Ela tem sua loja no “corredor das rendas” e reveza sua participação na feira da praça Benedito Leite no Centro de São Luís, local onde ocorre, aos domingos, uma feira aberta com exposições diversas, vendas de artesanatos, alimentação e apresentações culturais em São Luís, no Maranhão.

¹ Avenida principal do município de Raposa onde se localizam as lojas que vendem rendas.

Figura 3 - Edvanda em casa, na Raposa



Fonte: Autora (2019)

Vizinha à Edvanda, mora a Glaucia (Figura 4), uma crocheteira que, apesar de não saber fazer renda, compra-as para vender em sua loja no “corredor das rendas”. Ainda que suas habilidades sejam com o crochê, ela sabe reconhecer quando uma renda é “bem feita” (este termo está relacionado com a qualidade percebida da renda pelas artesãs e com a forma como as emendas das rendas são feitas, pois precisam ser da mesma cor da renda e não podem estar em evidência – devem parecer parte da própria renda) ou não. Além disso, Glaucia procura inovar sempre em seus produtos e pediu às rendeiras que fizessem modelos novos ou de tamanhos diversos, o que dificilmente ocorre.

Figura 4 - Glaucia em sua loja, na Raposa



Fonte: autora (2019)

Seguindo a avenida em sentido ao mar, localizam-se as lojas de Márcia (Figura 5) e Raquel que são irmãs, rendeiras, e têm duas lojas, uma em frente à outra. Elas trabalham,

muitas vezes revezando: uma vai ajudar os pais, levá-los ao médico, enquanto a outra cuida das lojas ou vice-versa. Elas são netas de Chico Noca, conhecido por ter sido um dos fundadores da Raposa. Márcia faz renda tanto em linha fina, quanto em linha grossa, o que é raro pelo “corredor das rendas”.

Figura 5 - Marcia na loja da Edvanda, no corredor das rendas



Fonte: Autora (2018)

Nomearemos essas mulheres de “copesquisadoras”, porque o saber-fazer dos papelões foi construído em conjunto com elas. Assim, elas participaram e fizeram parte da cocriação deste instrumento de extrema importância para a diferenciação do produto resultante no trabalho das rendeiras. E a partir das relações que estabeleci com elas, por meio desta pesquisa, tive a oportunidade de observar como elas vivem e convivem.

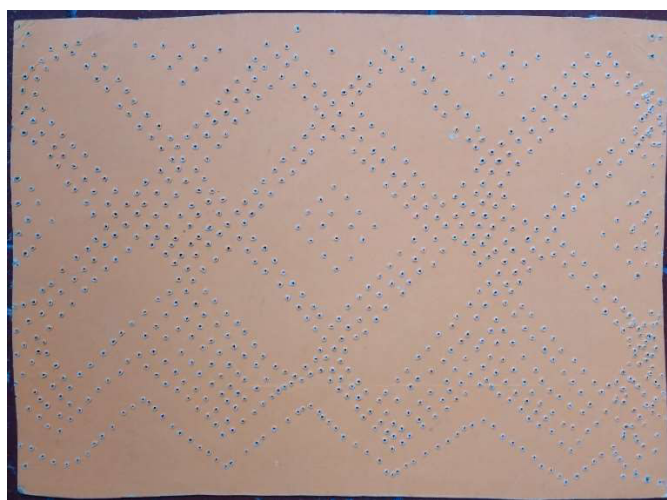
Observei, durante minha pesquisa o “complexo de valores” – uma categoria analítica que estabeleci pesquisando esta comunidade rendeira e entendendo que os valores em uma comunidade artesã são multidimensionais e extrapolam o que hoje é proposto pelo conceito de cadeia de valores. Pelo conceito de cadeia de valores (KELLER, 2012), entendemos que os valores são lineares, em decorrência dos valores adicionados (entradas) em cada etapa de produção, e ao mesmo tempo os valores que são produzidos (saídas), também em cada uma delas.

Entretanto, o que propomos pelo conceito de complexo de valores é que a formação de múltiplos valores ocorre pelas complexidades do viver e corresponder da vida, muito além dos valores materiais que identificamos na cadeia de valor, como a produção de imagem, valor financeiro, o valor da hora trabalhada e do produto em si.

Além de observar os valores vivenciados pelas rendeiras, também tive a oportunidade de atuar em conjunto com elas como designer difuso, a partir de um ponto chave da produção dessas mulheres: a confecção do papelão. O papelão (Figura 6) é como um molde de costura que, colocado sobre a almofada, norteia e parametriza a produção das rendas. No campo, pude identificar o papelão como um elemento de poder: apenas algumas rendeiras detêm tal conhecimento e outras vivem uma relação de dependência.

Para que o valor do papelão pudesse ser distribuído de forma mais equânime, lancei mão de fazer do papelão como uma tática de mediação em um processo de correspondência.

Figura 6 - Exemplo de papelão utilizado para o fazer das rendas



Fonte: autora (2018)

Outra teoria de grande relevância para esta pesquisa é o *Design Anthropology* (DA), que Otto e Smith (2013) definem como áreas do saber que têm um estilo de produção de conhecimento próprios e no âmbito do DA se congregam potencializando uma a outra. O design e suas ferramentas projetuais em conjunto com as informações do campo de pesquisa da antropologia formam conhecimentos novos a partir de práticas que vão além do pesquisador em campo com uma prancheta fazendo coleta de dados. Nesta área, os designers vão a campo como pesquisadores, utilizam suas ferramentas tais como protótipos, mock-ups, jogos, “provótipos”² para compreender melhor o local onde a pesquisa é realizada e tirar as pessoas de seus discursos mecanizados e permeados pelo senso comum.

² Protótipos com a intenção de provocar reações nas pessoas estudadas, na definição de Gunn e Logstrup, 2014.

Nesta pesquisa, o fazer do papelão se configurou como uma prática de correspondência. A elaboração dos protótipos (os novos papelões) foi utilizada para provocar conversas e discussões, a fim de observar as respostas que surgiram a partir de nosso aprendizado em conjunto (do papelão).

A importância do DA – nesta pesquisa – está em possibilitar a conjunção de conhecimentos de ambos os campos, que qualificam as práticas de correspondências concebidas por Ingold (2018; 2016; 2013) e Gatt e Ingold (2013) como forma atencional de estar no mundo, em um constante processo de responder àqueles com quem nos encontramos, em nossas linhas de vidas. Nesta pesquisa as correspondências se estabelecem por meio da produção do papelão, juntas, pesquisadora e artesãs, com o intuito de provocar uma forma atencional de construir relações a partir deste saber-fazer e o resultado desses encontros, que foi a produção de valores coletivos sobre a produção da renda.

Para entender os valores de uma comunidade rendeira, precisei estar imersa neles para então compartilhá-los. Os jogos e a correspondência por meio dos papelões foram fundamentais neste processo de descoberta. Ao final da pesquisa foi possível compreender a complexidade das relações envolvidas no saber-fazer das rendas.

Para isso, estruturei esta dissertação em três capítulos sendo o primeiro “categorias analíticas e contextualização da Raposa: aspectos teóricos”. Este aborda as teorias que embasam a pesquisa, sendo elas: *design anthropology*, observação participante, correspondência, o designer como mediador de processos, as cadeias produtiva e de valor, os 4Ps de marketing, a contextualização histórica das rendeiras e a descrição da cadeia produtiva atual da Raposa.

O segundo capítulo “percurso metodológico”, que relata toda a trajetória de pesquisa, desde a nossa aproximação do campo e a observação participante, a elaboração dos jogos mediativos e a ação de jogá-los com as rendeiras, o segundo momento da observação participante e a criação e elaboração dos papelões em um projeto de correspondência

O terceiro “para além das cadeias produtiva e de valor: a formação do complexo de valores”, onde transcrevemos e categorizamos as falas das rendeiras e as classificamos de acordo com os contextos que estavam inseridas.

As “considerações finais: tecendo a complexidade” foi o capítulo de conclusão no qual unimos as classificações obtidas no terceiro capítulo com as associações dos 4Ps de marketing e onde encerramos com as possibilidades de estudos futuros a partir desta pesquisa.

1. CATEGORIAS ANALÍTICAS E CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DA RAPOSA: ASPECTOS TEÓRICOS

A construção das etapas desta pesquisa ocorreu respeitando as copesquisadoras, seus afazeres, suas encomendas e disponibilidades, para que nossos encontros ocorressem durante estes dois anos de convívio. Além disso, estas trilhas nos levaram também a viabilizar nossas trocas de experiências, a doar nossa atenção e a afetar e sermos afetados pelo nosso convívio, pois pudemos nos corresponder com estas artesãs.

Ingold (2018) nos direciona a pensar sobre os processos de correspondência a partir da dedicação da atenção que temos com o mundo. Segundo ele, corresponder vem da capacidade que o ser humano tem de se comunicar e relacionar com outros atores. Ingold (2018) faz um trocadilho com o termo responsabilidade, que em inglês lê-se *responsibility*. Sendo assim, através da morfologia da palavra tem-se *response* (responder) + *ability* (habilidade), que pode ser interpretado como a habilidade de responder/corresponder ao mundo. Tomar tal abordagem pertinente, ao âmbito de DA, como percurso metodológico, implica assumir a ideia que Ingold nos traz sobre fazer antropologia por meio do design e, no nosso caso, pensar uma prática de design por meio da antropologia.

Gatt e Ingold (2013) afirmam que a proposta da antropologia por meio do design tem como objetivo principal perceber os efeitos do design na observação participante, no momento real em que trabalham juntos. Percebemos que o mundo nos ensina com estas práticas e nós, designers, quando estamos entendendo nosso campo de pesquisa, estamos também fazendo parte dele.

Neste capítulo, abordamos a correspondência (INGOLD, 2018) como filosofia de aproximação com o outro, que suporta o processo de design participativo, objetivando produzir troca de conhecimentos a partir do fazer coletivo do papelão e a partir destas trocas, mapear e analisar a produção de valores, considerando não uma ideia de produtividade e desenvolvimentismo, mas o bem viver, o respeito ao ritmo de vida da comunidade de rendeiras da Raposa e o próprio tempo do artesanato (NORONHA, 2015a).

Aqui, apresentamos a abordagem teórica que nos embasará para a construção de nosso percurso metodológico: i) o novo papel do designer na contemporaneidade e o design participativo; ii) conceitos de correspondência; DA e observação participante; iii) um

relato histórico sobre a Raposa e suas rendeiras; iv) as cadeias produtiva e de valor; e v) e os 4 Ps do marketing.

1.1 O novo papel dos designers na contemporaneidade e o design participativo

O design tem ido além de projetar produtos ou serviços. Também projeta formas de viver a vida: “[...] nosso mundo, o mundo dos seres humanos, é o mundo onde construímos a nós mesmos e preenchemos com significado” (MANZINI, 2017, p. 44). O projetar do design não é restrito apenas aos designers e, cada vez mais, é exigido das pessoas que utilizem suas capacidades criativas ou o que podemos chamar de uso natural das habilidades de projetar ou fazer design. A frase “somos todos designers” (MANZINI, 2017, p. 44) é muito atual, pois afirma que todos nós somos capazes de criar, de solucionar algum problema, de lidar com o mundo de uma forma criativa. Afinal, nós somos os responsáveis por trilhar os caminhos das nossas vidas, de fazer nossas escolhas. Além disso, escolher implica tomar decisões, com as quais vamos trilhando os nossos caminhos, que segundo Manzini (2017) constroem nosso meio.

Encontramos em diversos lugares pessoas que projetam com base em sua intuição. Até mesmo em nossas vidas fazemos isso, quando estamos planejando algo. Sempre existem caminhos a serem percorridos e etapas a serem alcançadas e os resultados não são apenas produtos ou coisas tangíveis mas, muitas vezes, são formas de ver e viver a vida. Manzini (2017) aborda o modo de design como combinações de dons humanos: senso crítico e com ele a capacidade de aceitar ou não coisas, situações formas de viver; a criatividade e com ela a competência de se imaginar algo ainda inexistente; o senso prático e com ele a possibilidade de perceber diversas formas de se fazer a mesma coisa. Ao analisarmos cada uma dessas capacidades, veremos que todos nós temos aptidões para exercê-las, algumas vezes focados em coisas, ou áreas diferentes, mas somos todos capazes de projetá-las.

Pensando estas formas de projeto, também nos voltamos aos dois grandes propósitos do design, conforme Manzini (2017): resolver problemas e produzir sentido.

O foco na solução de problemas permite-nos buscar alternativas que facilitam o dia a dia e que, muitas vezes, nos proporcionam melhor qualidade de vida. Um exemplo poderia ser a solução do problema de dores de coluna das rendeiras de bilros da Raposa por meio do desenvolvimento de uma cadeira ergonômica, ou uma almofada que fosse confeccionada tendo em vista a postura destas mesmas artesãs.

Com relação a produzir sentido das coisas, os designers se preocupam, por exemplo, em transmitir as histórias e os valores das comunidades por meio dos artesanatos produzidos localmente. Muitas vezes, os turistas se esquecem que um artesanato é feito manualmente e que existem horas de dedicação para o fazer, o fazer e o comercializar daquele produto. As características existentes nos produtos, serviços ou fazeres tradicionais precisam ser reconhecidas pelo consumidor em forma de valores. É uma atribuição do design os processos de tangibilização de tais valores, que podem ser expressos em material gráfico, campanhas informativas e mesmo em processos de *storytelling*, nos quais as origens, memórias e sonhos das artesãs podem ser materializados em produtos gráficos e audiovisuais. Geralmente, este reconhecimento, é que faz o cliente perceber algo como caro ou barato e ao transformarmos em preço, poderiam não ser comercializáveis. Portanto, o fazer sentido das coisas precisa estar coerente com todo o projeto de existência de um produto, serviço ou o que se estiver projetando.

Além de pensar na produção de sentido das coisas ou solucionar problemas, o fazer compartilhado com outros profissionais, pessoas com outros conhecimentos ou com formas diferentes de ver o mesmo projeto propicia soluções variadas para o mesmo problema. Assim, podemos descrever a experiência do design participativo como uma forma compartilhada de pensar e projetar: “É a crença de que todas as pessoas têm algo a oferecer para o processo de design e que elas podem tanto ser articuladas quanto e criativas quando ferramentas adequadas são dadas a elas, com as quais podem se expressar.” (SANDERS, 2002, p. 1, tradução nossa)³.

O design participatório na Escandinávia evoluiu de uma abordagem usada inicialmente onde os usuários participavam das experimentações dos designers para elaboração de produtos (SMITH; KJAERGAARD, 2015). Os usuários participavam e emitiam suas opiniões a respeito de suas necessidades e os designers aproveitavam a oportunidade para aprimorar os produtos. Com a evolução do conceito de design, os limites de diversidade entre as relações, a materialidade e o projetar do designer, assim como as diferenças entre pesquisa e design foram se tornando menos hierarquizadas. Com o conceito de DA, houve também a possibilidade de que a abrangência do design participativo fosse além dos produtos, também permeando as conversas sociais e possibilitando que propostas de mudanças sociais fossem repensadas e planejadas. Sendo assim, as ideias criativas dos

³ It is the belief that all people have something to offer to the design process and that they can be both articulate and creative when given appropriate tools with which to express themselves.

designers abrangeram, além de produtos e serviços, possibilidades de mudanças técnicas, políticas, sociais e econômicas.

Além de uma mentalidade nova, a participação de diversas pessoas, profissionais, *experts* com conhecimentos focados em diferentes áreas propiciam visões mais amplas e completas sobre o mesmo problema. O design participativo é uma abordagem que possibilita um fazer mais completo, além de fornecer ferramentas que facilitam participação de designers, atuando também como pesquisadores, e de seus copesquisadores. Como Sanders (2002) aborda, na experiência de design participativo, os papéis dos designers se misturam com os dos copesquisados, tornando este fator crítico para a condução de todo o processo: as hierarquias perdem força, pois todos têm voz na ação, mesmo que os objetivos da participação sejam diferentes. Ambos têm responsabilidade direta no desenvolvimento do processo de design, com resultado satisfatório.

Manzini (2017) refere-se a codesign como um amplo diálogo entre pessoas das mais variadas formações e experiências de vida “um diálogo social no qual diferentes atores interagem de diferentes maneiras” (MANZINI, 2017, p. 62). Nesta pesquisa, não tratamos da interação, mas da correspondência, não como um caminhar de pessoas que apenas estão lado a lado, mas de pessoas que estão dedicando atenção, cuidando umas das outras, dedicando seu carinho, seu tempo e a si mesmas. No processo de design participativo desta pesquisa, a correspondência entre os designers e as copesquisadas foi além de um simples trabalho, pois foram meses de convivência e de trocas.

Ao trabalhar o design participativo, tanto para elaborar projetos quanto para discutir temas sociais e problemáticas concernentes aos seus cotidianos, os *stakeholders*⁴ podem dialogar entre si e colocar suas visões de mundo de forma compartilhada. As tradições culturais, históricas e de costumes devem ser respeitadas. E vemos o design participativo como uma cultura de projeto que nos permite entender o saber-fazer de uma comunidade artesã. Assim, Manzini nos diz:

o papel de especialistas em design é aquele de um mediador (entre diferentes interesses) e facilitador (de ideias e iniciativas de outros participantes), mas também inclui a criatividade e a cultura de especialistas em design (isto é, a sua capacidade de conceber grandes cenários e/ou propostas de design originais) e a possibilidade de usá-las para desencadear o diálogo social e alimentá-lo com novas ideias (MANZINI, 2017, p. 63).

⁴ Termo utilizado para designar as pessoas ou partes implicadas em um processo (MANZINI, 2017).

O designer como mediador de processos tem a possibilidade de transformar realidades sociais. Na mediação é possível criar encontros e gerar contextos de conversas que no dia a dia não seriam abordadas, nem estudadas. Podemos usar como gatilhos: jogos, peças teatrais, *provótipos* e protótipos, e demais ferramentas que nos permitam adentrar a realidade dos atores sociais e compreender formas como pensam assuntos em questão. O designer no papel de mediador tem a possibilidade de sair de sua realidade e entrar na realidade do outro, dos atores sociais com os quais colabora. É uma forma que nos permite vislumbrar novos horizontes e formas de viver.

À medida que o design sai do estúdio e das profissões clássicas (desenho industrial, engenharia, arquitetura, arte) e chega a todos os âmbitos do conhecimento, rompe-se a distinção entre o expert e o usuário/cliente. Não apenas todo mundo passa a ser visto como uma espécie de designer, senão que o argumento a favor de uma troca com destino ao design centrado nas pessoas, se reconhece mais facilmente (ESCOBAR, 2016, p. 52, tradução nossa).

Conforme Escobar (2016), com a saída do design das profissões clássicas, fechadas em estúdios e escritórios, os designers passam a centrar-se nas pessoas ao seu redor. Eles passam a vislumbrar um mundo novo do ponto de vista das pessoas para quem projetam ou que precisam ser estudadas como público-alvo, para então entendermos a percepção delas e poder projetar de forma mais dirigida. Escobar (2016) também sugere um deslocamento do foco do design dos produtos e pessoas, para suas experiências e contextos, convertendo tudo em novas diretrizes. Nesta esfera, o papel do designer é muito mais o de facilitador e mediador do que um especialista. Ele sai das estruturas comuns que o rodeiam para construir visões culturais alternativas que possibilitam que transformações sociais ocorram através do design.

Nesta pesquisa, a observação participante foi uma abordagem metodológica que nos auxiliou a entender melhor o contexto de vida das copesquisadoras. Permitiu-nos entrar no mundo dessas rendeiras e compreender suas experiências e contexto de vida. Além disso, possibilitou-nos mediar conversas através de jogos e lançar temas que elas normalmente não pensavam em seu contexto de vida diário.

A criação e aplicação de jogos possibilitam que conversas sociais e temas abordados sejam discutidos de forma lúdica. Segundo Brandt *et al* (2008, p.1), “desde a década de 90, alguns autores sugeriram jogos ou teatros como guias de metáforas para a interação

entre designers e usuários”. Esses jogos são ferramentas que propiciam conversas sociais de forma lúdica e descontraída. Eles são elaborados de forma customizada, com a função de detalhar e enriquecer as conversas com informações específicas do grupo com o qual é feita a pesquisa.

Os designers desempenham o papel de mediadores de processos, e devem ter a habilidade de imaginar e criar cenários, utilizando-os como facilitadores para as conversas sociais, de forma a sustentá-las com novas ideias. Neste papel, o designer deve compreender a realidade em que o artesão vive, seus costumes, sua cultura, o local e o contexto social em que está situado. Também precisam se despir de seus conceitos de vida e adentrar no universo do outro. É necessário que sejam criativos o suficiente para usar o conhecimento a seu favor, criando cenários que possibilitem compartilhar novas realidades com os artesãos.

1.2 DA, observação participante e correspondência como categoria

DA é um subcampo do conhecimento que existe a partir da sobreposição de duas áreas do saber, para potencializarem-se mutuamente e expandir seus escopos e alcances. Para definir o subcampo, a partir de seus precursores, traremos a reflexão de Tom Otto e Rachel Charlotte Smith (2013), antropólogos que estudam o *DA* para suas pesquisas, seja com comunidades, seja com tecnologias emergentes em ambientes industriais. Para eles, o design é definido como todo o caminho, o processo de uma ideia: o pensar, planejar, dar forma, estruturar e dar uma função. Seja formal ou informalmente, fazer design pressupõe planejamento e etapas bem definidas, além do conhecimento de diversas áreas do saber.

Antes do planejamento é necessário conhecer o ambiente no qual irá trabalhar. Se for uma indústria, por exemplo, devemos entender as necessidades do que será feito dentro dela (funcionários, local, infraestrutura, etc). Se for uma comunidade artesã da qual conheçamos o seu dia a dia, as pessoas que fazem parte, as relações estabelecidas entre elas, seus valores, sua cultura local. Seja qual for o público a que se destina o projeto de design é necessário que o profissional conheça muito bem e observe as pessoas, o lugar, as necessidades a serem atendidas, enfim, é preciso compreender o contexto de tudo antes de planejar algo efetivamente.

A antropologia tem como campo privilegiado de pesquisa as sociedades, culturas, valores com as quais o designer pode vir a trabalhar. No século XIX, seu foco era nas instituições

culturais e práticas das sociedades não ocidentais. Hoje já existem estudos em diversas áreas, inclusive nas companhias de alta tecnologia e laboratórios científicos, nos centros urbanos. Além disso, a observação participante, como forma de atuação prática da antropologia, permitiu aos pesquisadores a imersão em seus campos de pesquisa (OTTO; SMITH, 2013).

Observar como o antropólogo realiza sua pesquisa a partir da observação participante é de extrema importância para o designer compreender o meio que precisa pesquisar. Entender qual a relação das pessoas com o meio e entre elas, qual a cultura e os valores nos quais elas estão inseridas, se o meio modifica seu modo de ver e viver no mundo, entre outras questões, são fundamentais para se perceber melhor os contextos do mundo.

Além disso, hoje, a antropologia está preocupada em construir teorias e generalizações humanas, indo além dos habituais relatórios etnográficos. E o avanço do design é em direção ao futuro, a partir da própria origem etimológica da sua forma de atuar, a partir da categoria projeto – que podemos ler como *pro-jetar*, implicando a ideia de “lançar à frente”. Sendo assim, conforme Otto e Smith (2013), o objetivo da união das duas áreas do saber em DA é criar produtos, processos e soluções que transformem realidades, integrando observações e reflexões similares aos da antropologia.

Otto e Smith (2013) acreditam na definição de um novo estilo para DA que surge da união das práticas de design com os experimentos de antropologia. Trata-se de trabalhos com ciclos: ação e reflexão. São ciclos repetidos nos quais ferramentas, tais como gravações de vídeo, cenários, *mock-ups*, provótipos e protótipos, várias formas de jogos, performances e atuações possibilitam manter estes ciclos funcionando de forma ativa.

Caroline Gatt e Tim Ingold (2013) propõem a antropologia por meio do design ao invés da antropologia por meio da etnografia. Com isso, o objetivo deles é o de incluir o design nos efeitos transformacionais da observação participante. Estarmos, por exemplo, juntos às nossas copesquisadoras e com elas resgatarmos conhecimentos que foram esquecidos com o passar dos anos, é uma das formas que encontramos de fazer antropologia por meio do design. Este resgate é uma ação que só ocorre na observação atencional e no relacionamento com a comunidade local.

O relacionamento construído entre nós, muitas vezes, é mais importante do que os textos e relatórios gerados a partir dos encontros que temos, como abordado por Gatt e Ingold (2013).

Nós concordamos com Das (2010) que estes produtos antropológicos no campo de trabalho são tão importantes, senão mais importantes, quanto os textos etnográficos. Pensar a observação participante como correspondência, estas relações no campo de trabalho - estes produtos resultantes de diálogos – exemplificam como o design pode mostrar passos para continuar ao contrário dos pontos finais⁵. (GATT; INGOLD, 2013, p. 260, tradução nossa)

Ingold (2012), ao abordar as relações das coisas, animais e seres humanos, também se refere aos emaranhados ou *meshwork* como a malha da vida, uma grande textura na qual as mais diversas criaturas estão inseridas em um mesmo contexto.

Podemos explicar as consequências da correspondência na formação de malhas, tecidos e até mesmo rendas que são os emaranhados de relacionamentos, nos quais os fios se entrelaçam, sendo assim as ligações de vidas das diversas pessoas, coisas e ambiente, nos quais as relações de um modificam o outro. E aqueles que estão ao redor deste outro também sofrem influência com esta ação. Podemos dizer que na vida, a ação de um indivíduo afeta o universo da vida dos diversos outros. Onde estes universos e suas relações são malhas: a dedicação de atenção, cuidado e afeto fazem parte do corresponder ao mundo em que habitamos. Este corresponder, também nos remete às trocas como abordam Gatt e Ingold (2013). E falar de trocas nos permite trazer Marcel Mauss (2003) para este contexto, o qual no seu texto *Ensaio sobre a Dádiva* aborda as trocas nas tribos primitivas, que, com devidas adaptações, podemos associar a nossa sociedade atual. Para Gatt e Ingold (2013) que relacionaram a correspondência com as trocas de Mauss (2003):

Em 1925, Ensaio sobre a dádiva, de Marcel Mauss, insistia repetidamente nas trocas de presentes, as coisas dadas eram os limites indissolúveis para o doador. Em consequência disso, o limite criado nas trocas “é de fato um limite entre pessoas, desde que a coisa por si só é uma pessoa ou pertence a uma pessoa. Portanto segue que dar algo é dar parte de si mesmo” (MAUSS, 1954 apud GATT e INGOLD, 2013, p. 247)⁶.

Gatt e Ingold (2013) afirmam que através das trocas nós criamos vínculos e temos a possibilidade de participar na vida do outro. Além disso, estes vínculos não estão

⁵ We agree with Das (2010) that these anthropological products in fieldwork are as important as, if not more important than, ethnographic texts. Thinking of participant observation as correspondence, these relationships in fieldwork – these dialogic products – exemplify how design can reveal paths for carrying on as opposed to defining end points.

⁶In his 1925 Essay on the Gift, Marcel Mauss repeatedly insisted that in gift exchange, the thing given is indissolubly bound to the person of the giver. Therefore the bond created in the exchange “is in fact a bond between persons, since the thing itself is a person or pertains to a person. Hence it follows that to give something is to give part of oneself” (MAUSS, 1954).

atrelados às identidades. Assim, as trocas de presentes, de atenção ou de afeto são estabelecidas, e a partir delas, a realidade fluida possibilita a mudança nos fluxos de amizade, afeto, carinho, atenção. As trocas alteram as linhas que ligam as vidas. E a partir delas é formada a malha de correspondência.

A categoria *correspondência* se estabelece como uma prática de atenção, de acordo com os estudos desenvolvidos por Ingold (2016). O termo observação participante tem origem a partir da antropologia, campo do saber no qual o pesquisador é alguém que observa e descreve tudo o que percebe em campo. Além disso, Ingold (2016) também afirma que a observação participante é uma oportunidade para que o pesquisador entre no campo de pesquisa sendo alguém que também faz parte do contexto pesquisado e que *corresponde* a este local. A observação participante, segundo Gatt e Ingold (2013):

Agora os antropólogos têm uma forma de trabalhar na qual estão orgulhosos. Eles a chamam de observação participante. Na sua essência, uma prática de correspondência na qual o observador participante se junta à vida daquele que ele ou ela segue, conecta movimentos da consciência ou da atenção para com eles. O que podemos chamar de pesquisa ou mesmo campo de trabalho é uma verdade uma aula mestra na qual – da forma da correspondência – o pesquisador noviço gradualmente aprende a ver coisas, a ouvir e senti-las também, da mesma forma que seu mentor faz (GATT e INGOLD, 2013, p. 257, tradução nossa)⁷.

A partir do momento em que estamos no campo de pesquisa como observadores, também estamos participando dele. Nossas percepções mudam com nossas conversas, assim como as percepções do outro também mudam com nossos argumentos. A prática da correspondência de se juntar à vida dos pesquisados permite ao pesquisador entrar na realidade do outro. E isso modifica a percepção de ambas as realidades de cada um.

Estar em campo é importante para que sintamos e compreendamos todo o funcionamento da comunidade artesã estudada. Precisamos atentar para o fato de que toda observação é feita por nós, seguindo nossos valores, nossas vivências, nosso respeito às diversas culturas, nosso olhar para as tradições locais e as experiências de vida de cada um de nós pesquisadores. No entanto, para adentrarmos o universo do outro, precisamos nos despir de nossos conceitos e compreender como eles também os pensam. Algumas vezes, isso

⁷ Now anthropologists have a way of working of which they are justly proud. They call it participant observation. It is, in essence, a practice of correspondence in which the anthropological observer joins with the lives of those whom he or she follows, coupling his or her movements of awareness or attention with theirs. What we might call *research* or even *fieldwork* is in truth a protracted master class in which – by way of this correspondence – the novice researcher gradually learns to see things, and to hear and feel them too, in the ways his or her mentors do.

significa, para nós pesquisadores, experimentar e seguirmos o fluxo de vida do local estudado, o que nos possibilita ser parte da pesquisa, indo além do apenas descrevê-la. A compreensão (a partir das experiências de vida de cada pesquisador) e as sensações que a observação participante nos proporciona é o que permite os pontos de vistas serem diversos nas pesquisas, pois cada pesquisador terá em seu olhar uma abordagem carregando consigo seus valores, cultura e diversidades que o compõe.

Observar significa ver o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir. Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas (INGOLD, 2016, p. 407).

Ingold (2016) faz uma comparação com alguém que está em um rio: ou a pessoa está no rio nadando e participando daquele meio ou está na margem, assistindo o rio passar. Dessa forma, ele quer dizer que não é possível alguém estar no meio e nas margens ao mesmo tempo: ou participa ou observa. Na prática, é o que também ocorre. Algumas vezes, quando estamos criando com as rendeiras e participando com elas de atividades em conjunto, dificilmente conseguimos observar, fotografar ou gravar algo dessa participação. Por isso, precisamos sempre ter alguém conosco para nos ajudar com os registros. Só assim nós, designers pesquisadores, conseguimos nos concentrar nas atividades que nos propomos executar. É possível fazer estas duas tarefas, sendo uma após a outra, ou ainda uma separada da outra.

A observação participante nos permite ser parte da pesquisa que realizamos. Diferente dos parâmetros que a pesquisa de laboratório possui, a observação participante nos campos de pesquisa não fornece etapas específicas e pré-determinadas. O campo sempre será responsável pelo caminho trilhado e cada pesquisador, com suas características particulares, conduzirá de uma forma que seja adequado aos seus valores, a sua forma de agir e a sua bagagem de vida. Conforme nos envolvemos nas comunidades e nos grupos de artesanato, percebemos que conseguimos moldar nossa linguagem à deles. Além disso, observamos mais e acabamos conseguindo entrar no ambiente deles de uma forma mais natural.

Assim, a observação participante não é, em absoluto, uma técnica à paisana para coleta de informações das pessoas, sob o pretexto de estar aprendendo com elas. É, antes, a contemplação, em ato e palavra, daquilo que se deve ao mundo pelo próprio desenvolvimento e formação. É isso que se entende por compromisso ontológico (INGOLD, 2016, p. 407).

A correspondência é uma filosofia de projeto elaborada pelo antropólogo Tim Ingold, que iniciou relacionando o cuidado que temos com as cartas escritas à mão e encaminhadas pelo correio de uma pessoa para outra. Este agir pressupõe dedicação de atenção, tempo, cuidado e afeto entre duas pessoas ou mais. De forma ativa e atuante os pesquisadores, os copesquisados e, no dia a dia, todos nós dedicamos e recebemos estas trocas. Falamos de filosofia de projeto, pois para prová-la é preciso agir, seguindo os princípios desta forma de relacionar-nos com o mundo. Quando vamos a campo, temos muitas vezes nossas questões pessoais, que podem servir como barreiras para a vivência dessa filosofia. No entanto, ao nos vigiarmos e dedicarmos nosso tempo ao outro, trocando atenção, uma palavra amistosa, afetando o outro pelas palavras de coragem que podemos oferecer ou simplesmente pelo fato de ouvirmos com atenção já é um início para a vivência desta filosofia.

Para Ingold (2018, p. 24), em relação à atenção e correspondência temos duas tríades de termos que estão bem amarrados em implicações mútuas: a primeira refere-se à vontade, agência (relativo ao nosso agir) e intencionalidade. Já a segunda é relativa ao hábito, ao *agencement* (que seria o agir que nos afeta pelo viver, por ser humano e habitar a Terra) e atenção.

A vontade, como um dos princípios abordados por Ingold (2018), relaciona-se ao desejo de quereremos buscar o fim sem antes mesmo iniciar algo. Agência e o *agencement* sendo o primeiro termo relativo à nossa ação, ao nosso agir, ao agir dos seres humanos que apresentam vontades. Já o *agencement*, como ações externas que não podem ser controladas pela vontade dos seres humanos, cai para nós como algo que não podemos mudar, apenas aceitar e viver com as consequências da vida (INGOLD, 2018).

O hábito, segundo Ingold (2018), está relacionado ao habitar o mundo, sendo afetado pelo que as pessoas fazem e pelas consequências das ações repetidas delas e todos nós estamos no meio, fazendo e sofrendo com as consequências dos nossos fazeres e dos fazeres dos outros seres humanos. A intenção e a atenção, de acordo com Ingold (2018), têm duas formas de serem vistas: primeiro a atenção que está relacionada à forma com que fazemos uma checagem do que se precisa. Por exemplo: para fazer uma blusa de renda preciso de dois novelos de linha, seis pares de bilros, cem espinhos, o papelão correspondente à blusa, a almofada e a rodilha. Mas também, a atenção pode estar ligada à forma que

vemos, ouvimos e sentimos o mundo. Está ligada aos órgãos dos sentidos. Já a intenção está relacionada ao objetivo e/ou foco que tenho de acordo com as atividades que realizo. Por exemplo, “farei uma blusa com flores coloridas do tamanho G, porque tenho uma encomenda e preciso atender o meu cliente”. No entanto, essa intenção pode mudar de acordo com a mudança da atenção do ser humano. Por exemplo, esta mesma rendeira teve que parar a confecção de sua renda para cuidar de um filho enfermo. Nesse caso, o significado de intenção é o mesmo, mas a direção dela muda de acordo com o foco da *atenção*.

Nesta pesquisa, levamos em consideração a segunda tríade, pois está relacionada ao tempo atual da comunidade de rendeiras da Raposa: um tempo no qual o fazer das rendas com formas e tamanhos iguais se tornou um hábito, porque o mercado consumidor local ainda tem aceitado os mesmos produtos destas rendeiras (mantendo seus *hábitos* de confeccionarem os mesmos modelos). Além disso, o *agencement* conduz o dia a dia delas. Por exemplo, fazem as mesmas peças sempre porque é mais fácil, porque os clientes ainda compram as mesmas peças, porque elas não querem perder tempo elaborando novos modelos. E elas querem mais tempo para dedicarem atenção (com relação aos seus sentimentos) às suas famílias, às tarefas de casa e à criação de seus filhos.

Ingold (2018) também aborda outros dois aspectos da atenção ou *attentionality* como ele nomeia na língua inglesa: trata-se do nosso cuidado e/ou carinho e atenção que dedicamos ao próximo e agindo segundo suas necessidades; além do cuidado, temos também o sentimento de *longing* que em português conhecemos como saudade, responsável por trazer as lembranças de memórias passadas que remetem à imaginação do futuro.

Conforme as definições de Ingold (2013), podemos perceber que a correspondência não é apenas um termo, mas uma filosofia a ser vivenciada. O movimento da vida, o desenrolar da história dos seres humanos na qual eles se relacionam continuamente, dedicando mais ou menos atenção (seja ela uma checagem ou uma sensação a ser percebida), com a percepção da resposta do ser humano em relação às coisas, aos animais e a todos os seres que habitam a Terra. Corresponder é um modo de perceber e viver a vida, onde nos permitimos responder com atenção ao outro.

O modelo capitalista preza pelo acúmulo de bens, dinheiro, coisas etc e exige do ser humano aceleração na produção de resultados para o mundo. Dessa forma, a atenção, o

cuidado e a doação de atenção de uma pessoa para outra têm sido algo incomum, pois o modo acelerado de vida não permite o estado de atenção plena de um para com os outros.

1.3 Raposa, contexto histórico e suas rendeiras

Não se sabe ao certo qual foi a origem das rendas (Figura 7), mas pressupõe-se que veio da Europa e chegou ao Brasil por meio da colonização portuguesa. Com o advento da industrialização, equipamentos para confecção das rendas também foram elaborados. No entanto, ela ainda é valorizada pela confecção artesanal, manual e customizada, o que permite exclusividade para os compradores. Conforme o trecho abaixo, podemos perceber esta valorização:

(...) encontramos referências às mesmas em toda a mitologia grega. O próprio Homero, em sua *Iliada*, falando com Helena, refere-se aos riquíssimos véus que esta tecia para a deusa Minerva a fim de aplacar sua ira. Em nossos dias foi tanto usado por homens como por mulheres, e dos artefatos da indumentária foi o que permaneceu com todo seu valor e sua riqueza. Bem sabemos que hoje predominam as rendas mecânicas, sobretudo as de nylon, porém, qual a noiva que não se sente envaidecida em ostentar um belíssimo véu de renda verdadeira, ao entrar na igreja na hora de seus esponsais. (*Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. XX, 1968, p. 130).

Figura 7- Porta copos de renda de bilros



Fonte: Autora (2018)

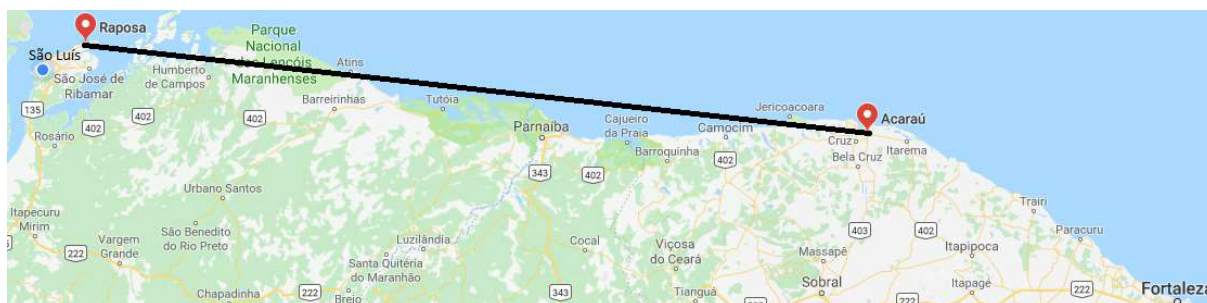
Por “renda verdadeira”, conforme é descrita no trecho acima, entendemos a que é feita manualmente por rendeiras, pois são trabalhos exclusivos produzidos por estas artesãs. A renda chegou ao Brasil pelo litoral nordestino, como uma atividade das mulheres de

pescadores e marinheiros vindos da Europa e se espalhou por diversas outras regiões do Brasil, conforme descrito no trecho abaixo:

De certo, progressivamente, a renda irradiou-se pela Europa e chegou até a América, por intermédio da colonização ibérica. A partir de então, a renda de bilro passou a ser difundida por toda a parte.

No Brasil, não há registros históricos de seu surgimento, inferindo-se que tenha aqui chegado com as primeiras mulheres portuguesas vindas de áreas costeiras daquele país, onde, tradicionalmente, as rendas eram produzidas. Encontrando assento no nordeste brasileiro, onde sua prática é bastante comum, seguiram pelos estados das áreas costeiras e margens dos rios de vertente ocidental do país, ou seja, em sua maioria, áreas de pesca, o que nos remete a uma velha máxima portuguesa que diz “onde há rede, há renda” (RAMOS; RAMOS, 1948 *apud* TAVARES, 2015).

Figura 8 Mapa geográfico - Raposa à Acaraú.



Fonte: Google maps, (2018).

O fazer das rendas de bilros chegou ao Maranhão, especificamente em Raposa, após a seca que ocorreu entre os anos de 1950 e 1960 no Ceará. Com isso, pescadores e suas famílias migraram de Acaraú para Raposa (Figura 8), levando consigo suas esposas e com elas o conhecimento do fazer das rendas de bilros. Este fazer foi passado de mãe para filha e para todas as descendentes que vieram após as precursoras europeias, cearenses e então maranhenses.

Raposa é um município Maranhense, que faz parte da ilha de Upaon-açu (Figura 9), situada ao norte do Estado do Maranhão, e composta também pelos municípios de São José do Ribamar, Paço do Lumiar e São Luís. Situada a 28 quilômetros da capital do Estado, Raposa tem como principal atividade a pesca, o turismo e o comércio de artesanatos (TAVARES, 2015).

Este município teve origem a partir de um processo de migração de cearenses vindos principalmente do município de Acaraú, fugindo da seca e de todas as fragilidades que ela trazia, buscavam um lugar que possibilitasse o plantio e colheita, além de um mar rico para a pesca (TAVARES, 2015). Os moradores de Acaraú tinham peixes diversos no mar,

mas não conseguiam fazer farinha e todos os outros complementos para sua alimentação, devido ao solo seco e ruim para plantação. Por isso, alguns deles, sabendo que as terras maranhenses eram bastante férteis, viajaram com o intuito de se instalar nesse local e aproveitar o solo para sua agricultura local. Os migrantes cearenses eram pescadores em sua maioria e junto com eles foram suas esposas (rendeiras de bilros) e filhos (TAVARES, 2015, p. 15).

Figura 9 - Mapa da Ilha Upaon-Açu, que compreende as cidades de São Luís, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar



Fonte: Autora (2018)

Figura 9- Passeios náuticos na Raposa



Fonte: Autora (2017)

Com o passar dos anos, a atividade pesqueira continuou a ser transmitida aos filhos (Figura 10) homens, assim como as atividades das rendas de bilros foram transmitidas para as filhas pelas mães, avós e assim por diante.

Na pesquisa de campo na Raposa, pudemos observar que atualmente há uma diminuição no número de rendeiras e as meninas mais novas, filhas dessas rendeiras, estão perdendo a vontade de aprender este fazer das rendas. Isso tem ocorrido devido aos baixos valores de ganho sobre a venda das rendas. Vendas que, normalmente, ocorrem na avenida principal (Figura 11) na cidade de Raposa, onde estão instaladas diversas lojas, para as quais as rendeiras (Figura 12) produzem e vendem seus produtos.

Figura 10 - Mercado de peixes na Raposa



Fonte: Autora (2017).

Figura 11- Dorizete fazendo renda.



Fonte: Autora (2018)

A maior parte dessas rendas são feitas em Raposa mas, algumas vezes, elas são levadas de Acaraú ou outras localidades. A avenida principal é conhecida como “corredor das

rendas”. Ela é formada por vinte lojas nas quais são vendidos artesanatos em geral, sendo a renda o principal deles. A maior parte dos proprietários dessas lojas são as rendeiras, e os outros são comerciantes que compram rendas para revender.

A comunidade de rendeiras da Raposa é um espaço simbólico com identidades pautadas nas suas memórias do município da Raposa, da pesca e do saber-fazer das rendas neste local. Ser parte deste lugar simboliza assumir o papel de migrantes cearenses que viajaram em busca de um local com melhor qualidade de vida e condições de trabalho. Com um mar farto de peixes e o conhecimento da pesca e das rendas, esta comunidade se ergueu, inicialmente próximo à praia do Carimã e mais tarde nas proximidades da rua principal, hoje conhecida como “corredor das rendas” (Figura 13).

Figura 12 - Corredor das rendas em Raposa



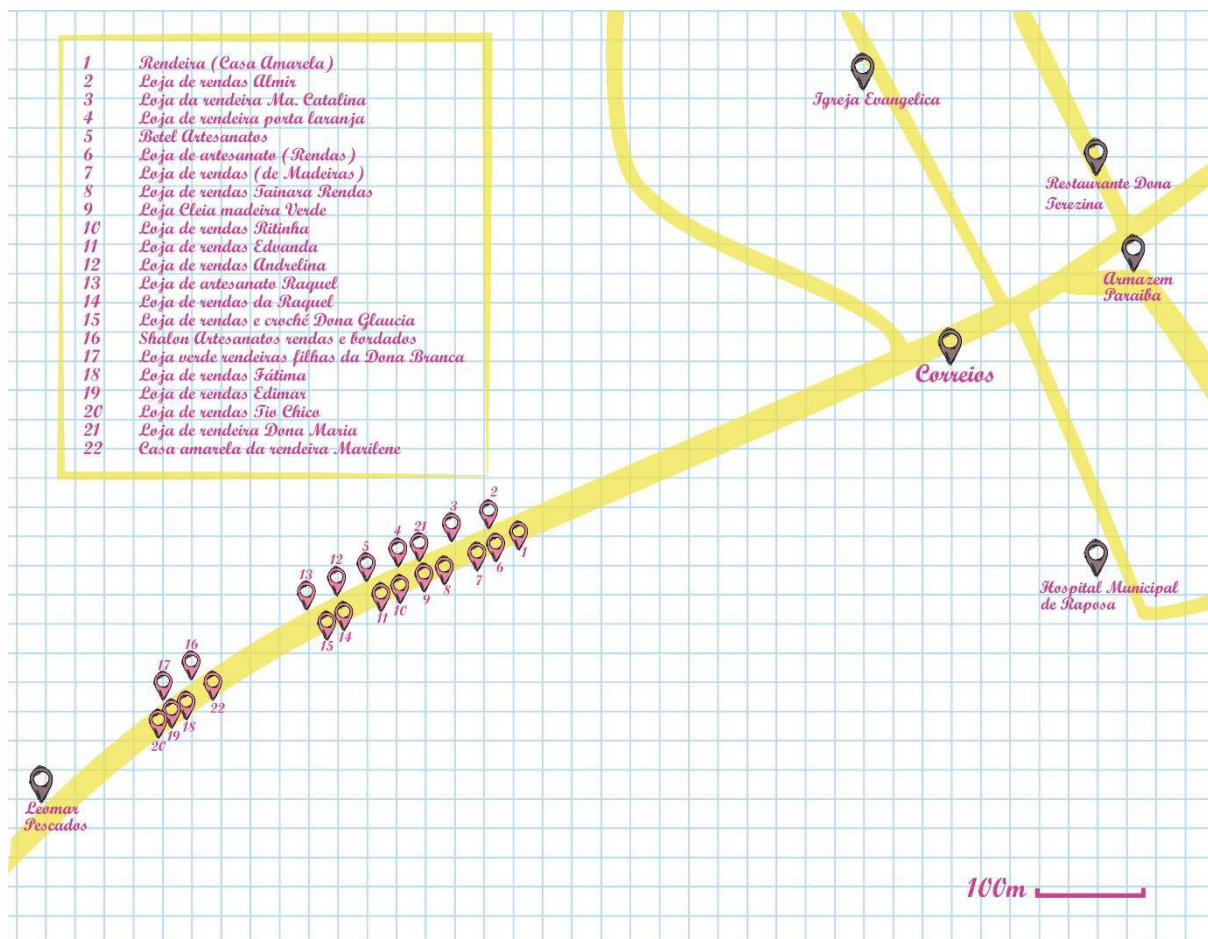
Fonte: Autora (2018)

Ser uma rendeira na Raposa significa acionar, muitas vezes, as identidades de mulher, mãe, filha, avó, neta, empreendedora, negociante, professora (que ensina este fazer para seus descendentes), provedora da família, esposa de pescador, comerciante, entre outras. Também significa ter memórias sobre sua vida na Raposa, tanto de agora quanto do tempo que migrou para este lugar. Ir atrás de clientes e sacoleiras são outras de suas atividades que estão em suas memórias características. Cuidar dos afazeres da casa e de seus filhos, por mais que eles estejam mais velhos.

Enfim, ser rendeira no corredor das rendas (Figura 14) e na Raposa significa acolher suas memórias, vestir suas identidades nos diversos papéis de seu dia a dia e relacionar-se com

esse espaço e com as diversas pessoas que fazem parte dele. Significa ser solidária quando sua vizinha precisa, mas também ser um pouco solitária nas decisões de seu comércio e dia a dia.

Figura 13- Cartografia do corredor das rendas.



Fonte: NIDA (2019).

No próximo item, descreveremos as cadeias produtiva e de valor e abordaremos de forma mais detalhada a produção das rendeiras de bilros da Raposa.

1.4 Cadeias produtiva e de valor

Neste item, abordaremos a cadeia produtiva como as etapas de uma produção. Traremos também o conceito de cadeia de valor, conforme alguns autores da atualidade abordam. Propomo-nos a criar uma abordagem, o complexo de valores, com a ideia de ir além da

cadeia produtiva e de valor e falarmos sobre as complexidades das relações estabelecidas em todas as etapas da cadeia produtiva e os valores que elas geram para todos os *stakeholders*⁸.

1.4.1 Cadeia Produtiva

Neste item, abordaremos o conceito de cadeia produtiva e a descrição da que encontramos na Raposa, com a finalidade de mostrar os materiais, todo tipo de artefatos envolvidos nas etapas da produção da renda e os produtos gerados por este fazer.

Para tal, utilizaremos o conceito de Krucken (2009) sobre cadeia produtiva que trata das atividades de entrada, processamento e saída de um produto:

Conjunto de atividades econômicas que se articulam progressivamente desde o início da elaboração de um produto (inclui as matérias-primas, máquinas e equipamentos, produtos intermediários...) até o produto final, a distribuição e comercialização (KRUCKEN, 2009, p. 120).

Podemos imaginar a linha de produção de uma fábrica na qual entra matéria-prima, que é processada por seus funcionários, resultando em um produto. Ou em uma comunidade rendeira, onde é necessário o material para produção da renda, que é “processada” ou confeccionada em cima da almofada e se transforma em uma peça de vestuário ou toalhas, enfim, o que a rendeira estiver fazendo, por exemplo.

Nos itens a seguir, descreveremos os materiais e as coisas que compõe a cadeia de valores da Raposa, a partir do conceito proposto por Krucken (2009) e Keller (2012), que se trata de atividades que juntas compõem os valores dos produtos ou serviços na cadeia produtiva, onde pressupõe-se a entrada de matéria-prima, planejamento e todos os insumos necessários para o processamento, comercialização e venda, gerando consumo final.

1.4.1.1 Materiais e coisas

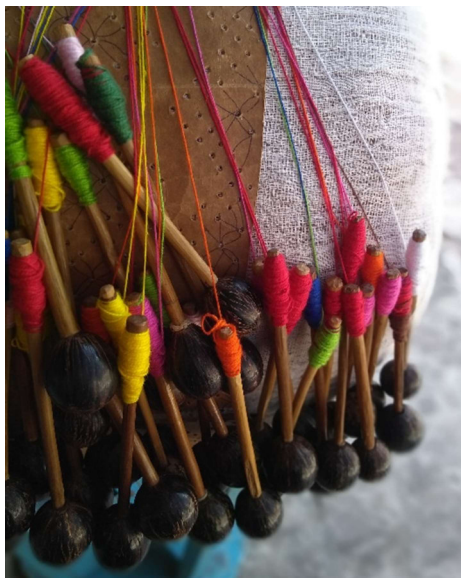
Os materiais e as coisas utilizados na confecção das rendas são de extrema importância para as rendeiras. Chamamos de *coisas* as ferramentas elaboradas para a produção das rendas, seguindo as reflexões de Tim Ingold (2012) de que o mundo é formado por coisas, que estão em fluxo e não imobilizadas, como a ideia de objeto. Assim, essas coisas são

⁸ Públicos de interesse (KOTLER e KELLER, 2012, p. 18).

elaboradas com características e matéria-prima locais como folhas de bananeira seca e as sementes da palmeira tucum. Descrevemos os materiais e as coisas utilizadas na produção das rendas.

Começamos pelos bilros (Figura 14), que são uma espécie de carretel feitos da semente da palmeira de tucum, com haste de pau d'arco ou uma planta regionalmente chamada de varinha de maria angélica, nos quais são enroladas as linhas. Se forem de pau d'arco, duram gerações e geralmente as rendeiras filhas herdaram-nos de suas mães. No entanto, se forem de varinha de maria angélica, precisam ser trocados, pois se desfazem com o tempo. Eles são ferramentas que as rendeiras usam para trançar as linhas e formar as rendas. Em alguns lugares do Brasil, no lugar da semente de tucum são utilizados pedaços de madeiras esculpidas.

Figura 14 - Bilros



Fonte: Autora (2018)

Ao trançar os bilros, os espinhos são utilizados para fechar os pontos. Em alguns lugares do Brasil, como em Santa Catarina, são usadas agulhas, no entanto, devido à maresia e à facilidade de enferrujar dos metais, o espinho de mandacaru, de origem cearense, é bastante utilizado pelas rendeiras da Raposa. Estes espinhos ficam quebradiços com o tempo e precisam ser trocados. Como são partes de uma planta, retornam à natureza sem agredi-la. Segue o trecho de conversa com as rendeiras onde elas explicam porque gostam de trabalhar com os espinhos de mandacaru⁹:

⁹ Referente a conversa gravada entre Camila, Edvanda e Gláucia no dia 26 de julho de 2018, na loja de Edvanda.

Glaucia: E elas num marcam cum espinho, elas marcam com alfinene. Deve sê muito é ruim, né não?
 Edivanda: Eu num gosto de trabalhá com alfinete, tem gente que trabalha aqui, eu num gosto, não.
 Glaucia: aí, oh...
 Edivanda: Logo enferruja
 Camila: Gostou?
 Edivanda: Não, porque enferruja.

Estes espinhos (Figura 15) são espetados na almofada, e sustentam a trama no processo de tecelagem.

Figura 15 - Espinhos de mandacaru



Fonte: autora (2018)

A almofada, preenchida com folhas secas de bananeira e encapada com estopa ou rede (de balançar) velha, forma a base para a confecção das rendas. É como uma máquina de costura para a costureira. A almofada é construída de maneira a não agredir à natureza, pois as folhas de bananeiras utilizadas sempre estão secas (já não servem mais para a própria bananeira) e são comuns na Raposa. A estopa é um pano mais rústico e firme, normalmente usada para encapar a almofada. Quando ficam velhas, as almofadas são preenchidas com mais folhas secas de bananeira e encapadas novamente para ficarem mais firmes. Ela não é descartada e quando sua dona falece, geralmente a almofada fica com a filha. É tratada como uma herança. A rodilha também é feita da entrecasca de bananeira seca. Ela é um círculo que serve para sustentar a almofada e não deixá-la cair. A praticidade da rodilha está no fato de ser pequena, de não deixar a almofada rodar nem cair e por ser facilmente transportada. A linha é utilizada para preencher os bilros, geralmente da marca Cléa (linha de algodão), chamada pelas rendeiras de *linha grossa*, encontrada no comércio local. A *linha fina* é raramente utilizada por estas rendeiras. O

entrelaçar das linhas nos bilros é parte do início da confecção das rendas (Figuras 16 e 17).

Figura 16 – Almofada com bilros, espinhos, papelão e a renda sendo confeccionada



Fonte: Autora (2018)

Figura 17 - Almofada completa com o papelão guiando a confecção das rendas

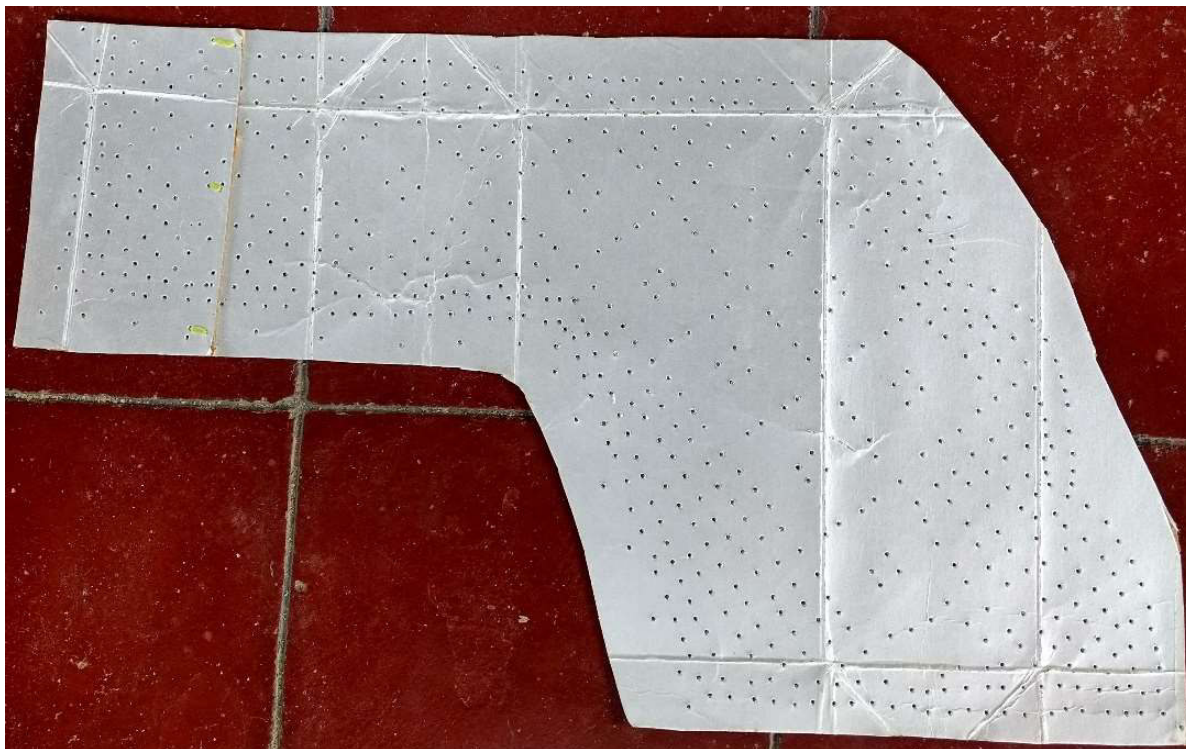


Fonte: autora (2018)

Na elaboração dessas coisas como ferramentas diárias das rendeiras, os materiais excedentes tais como a estopa, as folhas de bananeira e os pedaços de linhas são utilizados para fazer mini almofadas, que são vendidas nas lojas da Raposa como *souvenirs*.

O “papelão” (Figura 18) é uma espécie de molde das rendeiras para suas peças, é o responsável pela arte final da renda. As perfurações nas superfícies dos papelões orientam o trabalho das rendeiras. É através dele que elas sabem o caminho a ser seguido neste fazer, além de serem responsáveis pelas formas das rendas. O “papelão” dita os caminhos a serem percorridos pelas linhas. A importância desta coisa na cadeia produtiva da renda de bilro foi percebida ao longo das etapas de pesquisa de campo.

Figura 18 - Papelão



Fonte: Autora (2018)

Ingold (2012) traz em seu texto uma citação de Paul Klee (1973), que defendia que a vida das coisas estava no percurso de fazê-las e não na forma final em si. Trazendo esta afirmação para a realidade das rendas, podemos dizer que o entrelaçar dos bilros (Figura 19) é, além do começo do processo de feitura da renda, também o início da vida do fazer da renda. É quando as linhas, suas cores, o tempo disponível das rendeiras, por meio do fazer começam a dar formas às rendas. E a vida das rendas tem começo, meio e fim determinados pelo caminho de seu fazer.

De acordo com Ingold (2012), a vida do fazer está no percurso, no caminho. E não apenas no elaborar das peças, mas também na criação das coisas do papelão. A responsabilidade pela escolha dos desenhos e pelo desenvolvimento deles é das rendeiras, embora, nem

sempre elas saibam ou querem elaborá-los. Hoje, o fazer das rendas resume-se a determinados modelos já existentes e feitos inúmeras vezes.

Figura 19 - A renda sendo elaborada pelas mãos da rendeira



Fonte: Autora (2018)

Em seus cadernos, o pintor Paul Klee defendia, e demonstrava através de exemplos, que os processos de gênese e crescimento que produzem as formas que encontramos no mundo em que habitamos são mais importantes que as próprias formas. "A forma é o fim, a morte", escreveu ele; "o dar forma é movimento, ação. O dar forma é vida." (KLEE, 1973, p. 269). Essa ideia está no cerne do seu célebre "Credo criativo" de 1920: "A arte não reproduz o visível; ela torna visível" (KLEE, 1961, p. 76). Em outras palavras, ela não busca replicar formas acabadas e já estabelecidas, seja enquanto imagens na mente ou objetos no mundo. Ela busca se unir às forças que trazem à tona a forma. Assim, como a planta cresce a partir de sua semente, a linha cresce a partir de um ponto que foi posto em movimento (INGOLD, 2012, p. 26).

Com relação ao trecho acima de Ingold, podemos afirmar que o fato das rendeiras não elaborarem novos "papelões" se reflete em modelos iguais para serem vendidos nas lojas do *corredor das rendas*. Ou seja, tudo ganha forma por meio da velha rotina de usar os mesmos *papelões*, e assim, não há produtos novos, nem desenhos de rendas novas. O *corredor* se transforma em um depósito de formas idênticas. Dizemos isto, porque quando entramos nas vinte lojas que hoje existem no *corredor das rendas*, encontramos os mesmos modelos de blusas, ou palas, ou rendas de metro ou quaisquer outros produtos que tenham expostos. Eles são muito semelhantes entre eles. Além disso, em nossas visitas, presenciamos clientes que disseram estar ali novamente, mas que não comprariam tantas coisas por serem repetidas. E isso, muitas vezes, faz com que produtos que poderiam ser vendidos, fiquem parados nos estoques das rendeiras.

1.4.1.2 Etapas para produção do dia-a-dia

Para começar uma nova renda é necessário que a rendeira (ou a dona de loja) verifique seus estoques para saber que produto falta, além disso, elas normalmente sabem quais produtos têm mais demanda. Com relação aos estoques, referimo-nos aos produtos que estão expostos na loja (Figura 20) e que fazem parte das prateleiras das rendeiras. Depois verificam se têm papelão para determinado produto. Caso não tenham, o ideal seria elaborá-lo. No entanto, devido à falta do conhecimento para a elaboração de papelões novos, muitas delas optam pelos antigos. Então buscam, no meio dos papelões guardados, o próximo a ser feito e a linha a ser utilizada. Caso não tenham a linha, vão até a loja de armarinhos e compram-na.

Figura 20 - A rendeira Maria Edimar em sua loja, com seus produtos todos expostos.



Fonte: Autora (2018)

O próximo passo é encher os bilros com linha (Figura 21). Para isso, deve-se enrolar a linha no bilro até que a quantidade seja razoável para se trançar alguns pontos. Estes bilros funcionam como uma espécie de carretel, mas com uma função bastante importante neste fazer. As rendeiras dão um nó falso nas linhas do bilro, de forma que o bilro não desenrole, mas deixam um pedaço de linha para que a renda possa ser feita. Eles são trançados pelas rendeiras e dão origem aos pontos que unidos formam as rendas.

Figura 21 - A rendeira Dorizete enchendo os bilros com linha



Fonte: Autora (2018)

Depois dos bilros cheios e presos, é a vez de assentar a renda na almofada (Figura 22). Este é o início da confecção da renda. A rendeira usa diversos espinhos para segurar o começo dos pontos no papelão. Com a troca dos bilros nas mãos dessas artesãs, as rendas vão crescendo. Primeiro são usados dois pares de bilros. Os bilros são dispostos um ao lado do outro. Dois na mão esquerda e na direita. Depois, os bilros de dentro são trocados de mãos e passam por baixo dos outros dois bilros mais para fora. Por último esta troca se repete e deve ser inserido um espinho para fechar o ponto. Fechar o ponto, significa inserir um espinho entre um trançar e o finalizar do ponto, serve para marcar o local que o ponto termina e delinea o desenho proposto no papelão.

Depois disso, os bilros de dentro são trocados de mãos novamente e o ponto se “fecha”. Toda renda é feita por meio das trocas de bilros. Por último, deve-se tirar a renda da almofada. Os bilros são torcidos para fechar os pontos de forma que nenhum deles se desmanche. Depois que as faixas de rendas estão prontas, devem ser costuradas formando a peça encomendada, conforme nos diz Dorizete:

Dorizete: Sim, e depois fazê. Aí emenda e depois termina de fazer os oito pedaços. E tanto faz ser vestido ou blusa. São oito pedaços. Aí a gente vai emendando. Porque a almofada não pega só quatro pedaços. É só uma faixa!

Percebemos a qualidade das rendas, principalmente, nas costuras dos pedaços de forma correta: as linhas das emendas não estarão tão entranhadas nas rendas que passarão despercebidas.

Figura 22 - Marilene assentando a renda na almofada



Fonte: Autora (2018)

As rendas são vendidas nas lojas do “corredor das rendas” ou são levadas para feiras em São Luís e vendidas para os clientes das feiras. Algumas vezes, lojistas vão até a Raposa comprar rendas, porém, oferecem valores realmente baixos, chegando até 50% dos preços iniciais informados pelas rendeiras. Muitas rendeiras ficam extremamente desapontadas com estes sacoleiros ou lojistas e não aceitam vender para eles.

1.4.1.3 Etapas para produção das encomendas

De acordo com Noronha (2011), a fase da encomenda é o estopim da cadeia produtiva, pois é nesse momento que se inicia todo o trabalho e, de certa forma, entendemos ser o reconhecimento por meio do público ao trabalho das rendeiras. Para encomendar uma peça, o cliente deve ligar para a rendeira ou ir até a associação das rendeiras fazer a negociação com quem coordena as encomendas. Geralmente, esta função fica com a Marilene, que negocia o preço, pede a linha para a elaboração das rendas e combina o prazo de entrega. Além disso, pede também que seja feito 50% do pagamento antecipado, para que as rendeiras tenham certeza de que seu trabalho seja pago no final. A linha a ser utilizada na encomenda também é fornecida pelo cliente.

Para peças personalizadas, é necessário um papelão específico, que contemple o desenho escolhido pela cliente¹⁰.

¹⁰ Visita a Associação das rendeiras em 15 de junho de 2018. Estavam presentes Camila, Dorizete e Marilene.

Dorizete: Quem faz o pinicado... Ela é a responsável, ela (Marilene). Ela é responsável. A encomenda vem e ela é responsável por tudo. Por tudo. Aí quando ela vem, ela já traz pra gente só o pinicado e a linha. Pra gente executar a encomenda.

Dependendo do tamanho e do tempo que se têm para a confecção das rendas, é necessário que elas escolham mais de uma rendeira. Segundo Marilene¹¹:

Marilene: Próximo passo a gente mostra pra rendeira, qual que tá disponível a fazer, porque nem todas as vezes estão disponível, aí tá pegando outra até outra encomenda no caso, se alguém chega hoje pra Dorizete pra ela fazer qualquer encomenda, ela vai ter que parar essa daí, sabendo que a cliente dela quer essa aplicação, então a gente vai ter que procurar outra rendeira que tenha disponibilidade pra fazer a peça.

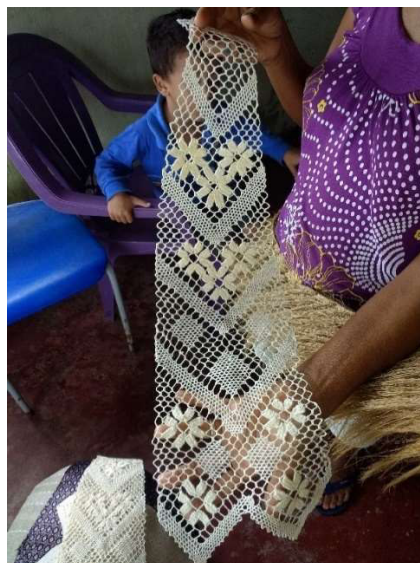
Depois da escolha das rendeiras, deve-se encher os bilros com a linha comprada pela cliente e prender com um nó que permita a linha deslizar, sem travar no momento que a rendeira precisar de mais linha e sem deixar o bilro rolar até o chão, soltando toda a linha.

Devemos colocar o papelão pronto em cima da almofada, assentar a renda com os bilros na almofada e iniciar o trançado. A renda deve ser elaborada seguindo os desenhos do papelão. Primeiro trançando dois pares de bilros, depois, inserindo o espinho e depois torcendo os bilros e fechando o ponto. Dependendo do ponto a ser elaborado, precisamos torcer mais vezes os pares. Depois trocamos os pares, torcemos mais alguns bilros, inserimos os espinhos e torcemos mais uma vez os bilros, fechando os pontos, conforme eles estão organizados no papelão.

Para tirar a renda da almofada, deve-se cortar os bilros, finalizando a renda. As faixas de renda devem ser costuradas uma a uma. Normalmente oito faixas (Figura 23) formam uma peça de roupa e todas são costuradas para que a peça final seja concluída. As rendeiras não possuem uma embalagem específica para o produto, que o valorize. Cada rendeira elabora a embalagem ao seu modo e normalmente são usadas sacolas plásticas. Conforme o acordo estabelecido pela rendeira e o cliente: ou a cliente vai buscar a peça na Raposa ou a rendeira leva a peça pronta para a cliente.

¹¹ Visita a Associação das rendeiras em 15 de junho de 2018. Estavam presentes Camila, Dorizete e Marilene.

Figura 23 - Uma das oito faixas de renda



Fonte: autora (2018)

1.4.1.4 Etapas para elaboração dos papelões

O papelão é um dos segredos deste artesanato. É a partir dele que as formas, os desenhos e toda a criatividade da rendeira será expressa na renda a ser elaborada pelo trançar dos bilros. Poucas rendeiras na Raposa sabem elaborar papelões. Geralmente, estas peças de papéis grossos “pinicados”, ou seja, furados, as faz pensar a forma de desenvolver novos moldes e seus desenhos.

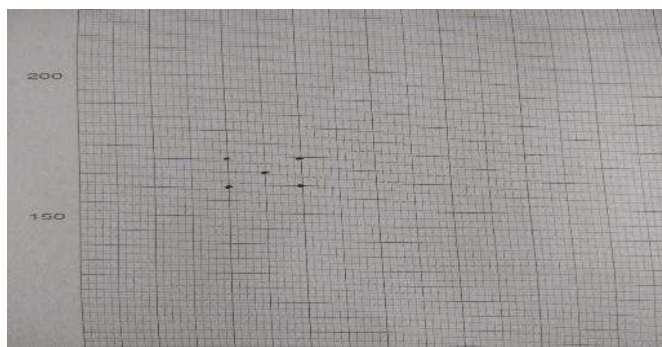
O desenho geralmente é escolhido de acordo com o gosto da rendeira ou uma figura que o cliente levou até a rendeira para sua encomenda. É necessário que a rendeira solicite à costureira que corte o molde da roupa a ser confeccionada em um papel. Depois, este molde é repassado para o papel quadriculado, assim como o desenho escolhido. Assim que os contornos da peça a ser feita e o contorno do desenho a ser elaborado são inclusos dentro deste molde (no papel quadriculado ou milimetrado), deve-se fazer a tradução do papelão, ou seja, o processo de criar novos desenhos requer interpretação do papel quadriculado que se tem em mãos. Inicialmente é necessário marcar as quatro pontas e o meio da junção de quatro quadrados de 0,5 cm de lado cada, isso em todo o papel onde está o molde da peça a ser elaborada. Esta técnica deixa mais claro os pontos principais da figura a ser desenvolvida.

Geralmente, as peças são elaboradas em tiras, que são posteriormente costuradas, formando as peças finais. Por isso, é preciso nos atentarmos aos encontros destas tiras, e pensar de forma estratégica, pois alguns pontos, como pingo d'água e embuchado, não permitem divisão. Além disso, o contorno de figuras nos ajuda a planejar a forma final da renda. Caso não tenhamos nenhum tema, precisamos criar de acordo com nossas inspirações. As rendeiras precisam transcrever para o papelão a figura que a cliente solicitou para sua encomenda. Esta transcrição tem a ver com a forma geométrica dos pontos da renda e a disposição que deve seguir para a formação do papelão. Depois que as marcações estiverem prontas, é necessário “pinicar” o papelão, isso significa que elas precisam furar o papelão para saber onde estarão os pontos, nos quais serão inseridos os espinhos que os marcam. Inicialmente estes “pinicados” ocorrem nos papéis mais finos com as marcações iniciais e depois são transpostos para os papelões, que são materiais como a embalagem *tetra-pack*, ou caixas de sapato, pois são mais resistentes e duráveis para este trabalho das rendeiras.

Em uma de nossas visitas, quisemos elaborar, inicialmente, uma blusa que tivesse o desenho de bois, como ícone da cultura maranhense, como mote sugerido pela autora para que se iniciasse a produção de um novo papelão. Esta encomenda tornou-se um processo de aprendizagem e correspondência. Inicialmente, elas nos expuseram a complexidade das encomendas. Neste caso, o papelão era um entrave, pois a maioria das rendeiras não sabia como elaborar novos papelões. E quando sabiam, não tinham tempo, ou não queriam parar suas atividades para a elaboração de novos papelões.

Inicialmente, neste processo, houve bastante resistência por parte das rendeiras, mas depois de levar o modelo da blusa pronta, impressa em papel quadriculado e pronto para iniciar os desenhos, Marilene, a rendeira que tem este conhecimento, começou a nos ajudar. Ela nos instruiu a marcar as pontas dos quadrados do papel quadriculado (Figura 24).

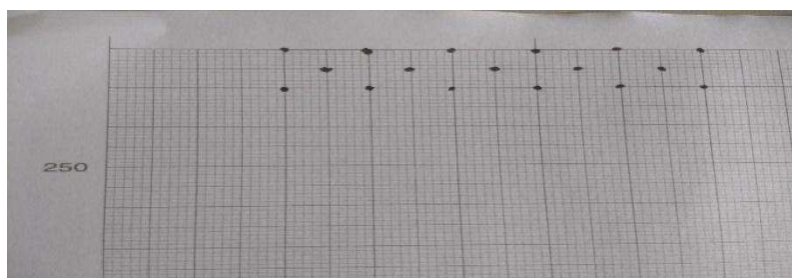
Figura 24 - Marcação dos pontos inicial em papel quadriculado



Fonte: Autora (2018)

Segundo Marilene, precisaríamos fazer estas marcações em todo o papel (FIGURA 27), como segue na figura abaixo, estendendo a todo o papel quadriculado que levamos para o desenho em conjunto.

Figura 25 - Marcação dos pontos em papel quadriculado (continuação).



Fonte: Autora (2018)

Ela nos mostrou diversos pontos já prontos em seu pequeno mostruário com os modelos de algumas faixas de rendas com seus diferentes pontos. Os nomes de alguns deles são traça, pano de trocado inteiro, pano de meio trocado, trocado inteiro “metidinho”, embuchado, ponta de trocado inteiro, castanha e charita. Cada ponto requer uma forma específica no desenho e há peculiaridades como o fato de poderem ou não serem divididos. Além disso, há também a proporção que cada um deve ter no desenho final.

Traça - tem este nome, por ser semelhante à uma traça (Figura 26). São frequentemente usados para a formação de flores ou para o acabamento das peças.

Figura 26 - Traça.



Fonte: autora (2017)

Pano de trocado inteiro - São trançados fechados, parecem um tecido fechado (Figura 27).

Figura 27 - Pano de trocado inteiro



Fonte: autora (2017)

Pano de meio trocado – É semelhante ao ponto “pano de trocado inteiro”, no entanto, os pontos não são tão próximos (Figura 28).

Figura 28 - Pano de meio trocado



Fonte: autora (2017)

Trocado inteiro ou “metidinho” - É um ponto comumente usado pelas rendeiras. Parecido com o Pano de meio trocado, mas com os pontos bastante esparsos (Figura 29).

Figura 29 - Trocado Inteiro ou “metidinho”.



Fonte: autora (2017)

Embuchado - São quadrados preenchidos (Figura 30).

Figura 30 - Embuchado.



Fonte: autora (2017)

Ponta de trocado inteiro - tem formação arredondada (Figura 31).

Figura 31 - Ponta de trocado inteiro.

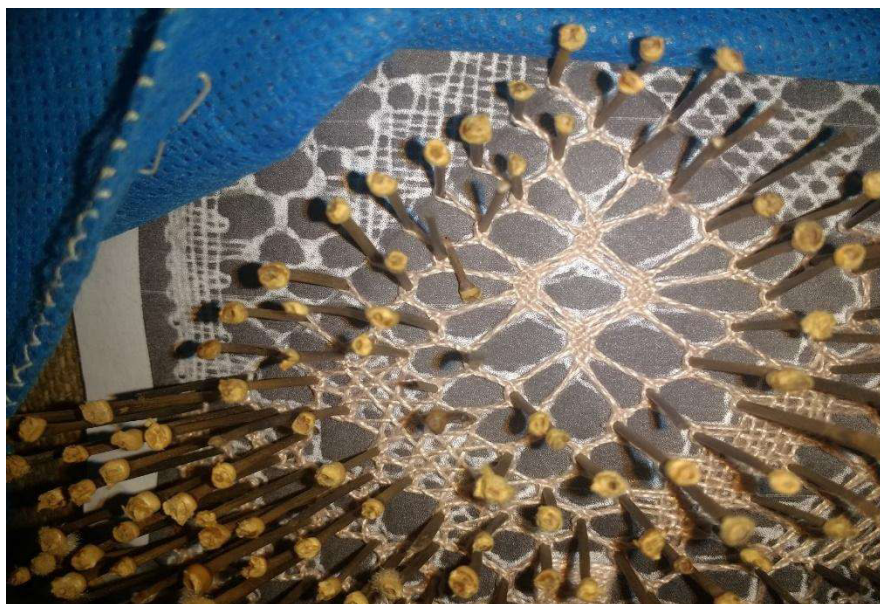


Fonte: autora (2017)

Castanha – Similar ao metidinho, com forma arredondada.

Charita – Tem o formato de castanhas irregulares, compondo um losango (Figura 32).

Figura 32 - Castanha (externo) e Charita (interno).



Fonte: autora (2017)

Estes pontos acima são os mais utilizados pelas rendeiras de Raposa. Os papelões utilizados por elas resultam em todas as roupas expostas no “corredor das rendas”. Muitas vezes mudam apenas a cor, no entanto, o desenho e o tamanho permanecem os mesmos. Ao caminhar pelo “corredor”, observamos que os motivos florais são predominantes. Ao viajar para Acaraú (CE) o berço das rendeiras da Raposa, observamos que essas rendeiras têm a mesma dificuldade em confeccionar os novos papelões que as rendeiras de Raposa. Ao observar os desenhos dos papelões já prontos, percebemos que para elaborar novos, é necessário compreender as formas geométricas com que os desenhos são formados. Além disso, exige prática para transpor o contorno de desenhos livres para os papéis quadriculados.

Aprender esta técnica e a elaboração de novos papelões é uma tarefa que demanda tempo. Pelas conversas que tivemos, percebemos que novos papelões, muitas vezes, não são elaborados devido ao longo tempo que demandam das rendeiras, pois elas precisam aprender a técnica para elaborar novos papelões e dedicar tempo para esta criação. No entanto, algumas delas acreditam que esta tarefa as faz “perder tempo”, pois não estarão produzindo enquanto estiverem criando.

Ao observar a forma como são elaborados os desenhos dos papelões, percebemos que há necessidade de entender a forma geométrica como estes desenhos podem ser formados, o que exige uma certa destreza em transpor desenhos para os papéis. Tempo é outro recurso necessário, pois elas precisam estar livres do trançar dos bilros para elaborarem uma peça nova. E elaborar um papelão, pode ser traduzido por elas como “deixar de produzir e tirar seu sustento disso”.

Ao visitar Acaraú, berço das rendeiras da Raposa, percebemos que os problemas encontrados no fazer das rendas, nos dois municípios, são semelhantes. Elas têm dificuldade para elaborar produtos novos (dificuldade para desenvolver novos papelões), não são estimuladas a produzir papelões complexos (preferem os papelões mais simples) pelo tempo que levarão para elaborá-los e pelo baixo retorno financeiro que terão nessas peças.

Abaixo, segue uma conversa com Ana Lúcia, da Associação de rendeiras de Acaraú, explicando a falta de motivação das rendeiras para fazer produtos complexos¹²:

Ana Lúcia: Aí elas não gostam muito. Eu, pela história que eu conheci toda, eu tenho certeza que há um motivo, é que o dinheiro que elas ganham não é estimulante. É fato. Rendeira faz renda, porque aqui é um lugar que não tem indústria, que não tem emprego, elas se obriga a fazer. Ou faz renda ou não faz nada. Aí, tem aquelas pessoas que gostam de, não gostam de tá parada. Mas ela não faz incentivada pelo valor que ela vai receber. Por isso, elas também botam dificuldade em fazer coisa difícil. Porque que, o que que ela vai pensá. Que ela vai ficá o dia sofrendo, quebrando cabeça, e tal e tal e no final não tem remuneração suficiente que seja estimulado pra ela fazê. Porque assim, a diária de uma rendeira numa renda de linha fina, se fosse pra Cearate, que tem um preço melhor, talvez em alguma peça ela consiga ganhar 10,00 – 8,00 reais, talvez...

Nesta conversa, ela se refere à confecção das rendas propriamente. No entanto, podemos entender que não só o fazer das rendas entra neste processo, mas também a parte que antecede: a confecção dos papelões.

Ao visitá-las, observamos que elas têm uma quantidade enorme de papelões embaixo das camas. Mas normalmente usam os mesmos, pois são as peças mais fáceis de serem elaboradas.

¹² Entrevista com Ana Lúcia em Acaraú, no Ceará, no dia 15 de janeiro de 2018.

1.4.2 Cadeia de valor

Já a cadeia de valor se refere ao “Conjunto de atividades que se desenvolvem a partir da criação de valor e das trocas de valor (KRUCKEN, 2009, p. 120)”. É mais ampla que a cadeia produtiva, envolve relações de todos os *stakeholders* envolvidos.

A cadeia de valor pode ser entendida como o conjunto de atores que integram seus conhecimentos e competências para desenvolver e disponibilizar produtos e serviços à sociedade. É um tipo de rede que tem como foco, tradicionalmente, as empresas (KRUCKEN, 2009, p. 57).

A cadeia de valores é formada por pessoas com conhecimentos específicos que juntas integram seus conhecimentos para disponibilizar produtos e serviços para a sociedade. Segundo Krucken (2009), a cadeia de valores atende tradicionalmente às empresas. No entanto, nesta pesquisa direcionaremos para a comunidade de rendeiras da Raposa. A cadeia de valor é importante para termos a dimensão de quais tecnologias, *stakeholders* e valores estão envolvidos no processo da confecção das rendas de bilros da Raposa.

Para Kaplinsky & Morris (2001) uma cadeia de valor compreende quatro nós principais, implicando cada nó em um processo de trabalho e de produção de valor (Marx, 1975), com suas divisões internas e especializações. O primeiro nó envolve as atividades de design (sentido de projeto) ou de concepção do produto ou serviço; o segundo, compreende as atividades de produção ou manufatura, tais como, logística interna, transformação dos insumos e empacotamento; o terceiro nó envolve as atividades de comercialização e de marketing, com destaque à criação e à gestão da marca; o quarto nó está relacionado ao consumo final e à reciclagem da mercadoria, envolvendo atividades que dão suporte ao consumidor final (KELLER, 2012, p. 1).

Keller (2012) nos explica que a cadeia de valores é composta por nós, que envolve as atividades que geram valor para a produção industrial. Segundo eles, as atividades que geram valor estão na seguinte ordem: 1) design (projeto de produto, serviço ou ideias); 2) manufatura ou produção; 3) marketing e comercialização e 4) consumo final e reciclagem da mercadoria. Estes nós são etapas importantes na geração de valores para produtos industriais e serviços comerciais. Geralmente, envolvem complexidades estratégicas, para que todas as etapas sejam cumpridas e gerem valor para o consumidor final. Neste tipo de cadeia de valor, o foco está em gerar valor percebido para o consumidor final, que significa aumento de vendas e receitas por consequência.

A cadeia de valor tem um significado operacional para o capitalismo em termos de agregação sucessiva de preços, mas neste verbete dar-se-á ênfase às relações sociais de produção, assim como às relações socioeconômicas e políticas entre os diversos atores econômicos envolvidos, seja no interior de cada nó, seja entre os nós. Cadeia de valor diz respeito tanto a uma relação

técnica e monetária quanto a uma relação social e política entre formas de trabalho e de produção envolvendo diferentes tipos de trabalhadores, organizações empresariais e países. (KELLER, 2012, p. 1).

Segundo Keller (2012) a cadeia de valor, mesmo tendo um significado relevante para o capitalismo com relação a melhorar a visibilidade de um produto ou serviço tornando-o vendável, tem função de valorizar as relações sociais de produção e entre os diversos setores e áreas envolvidas na produção. A cadeia de valores é composta por atividades que geram valor dentro do comércio ou indústrias, sendo sempre relacionado à vida financeira de alguma organização. No entanto, dentro de comunidades, não lidamos somente com comércios, mas com os complexos sistemas das vidas das pessoas que estão em torno de suas experiências, memórias, heranças, cultura e suas formas de pensar e agir.

Uma indústria, se for considerada somente ela, é como uma grande máquina, onde entra o design (planejamento), depois as matérias-primas, que são manufaturadas, o marketing e a comercialização responsáveis pelas vendas, que resultam em produtos prontos que são consumidos. Ou entram planejamentos estratégicos que são elaborados e resultam em serviços ou soluções também consumidas.

Uma comunidade e todas as pessoas que a compõem estão preocupadas para além das receitas geradas por seus comércios locais, pelo bem viver. Para Alberto Acosta (2016) o bem viver trata-se de

(...) uma filosofia que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, de resistência e de propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências locais, às que deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis (ACOSTA, 2016, p. 40).

Podemos dizer que o bem viver, como proposto por Acosta (2016), trata-se de uma filosofia que se utiliza dos resultados das experiências do mundo para uma nova forma de ver a vida. Onde o progresso está além do acúmulo de bens materiais, onde os regionalismos e as características inerentes são respeitados. Assim, o conceito eurocêntrico de bem-estar, que está altamente relacionado ao consumismo de bens materiais, é questionado.

O bem viver também é citado por Escobar (2016) como um questionamento central do design para a transição, que se trata de uma nova forma de projetar para o mundo:

Pode o design, entendido ontologicamente, desempenhar um papel construtivo na transformação de formas arraigadas de ser e fazer para filosofias do bem viver que, finalmente, dotem aos seres humanos uma existência mutuamente enriquecedora entre si e com a Terra? (ESCOBAR, 2016, p. 13, tradução nossa)¹³.

O bem viver, como podemos perceber, é uma filosofia sobre o estar no mundo, que respeita a vida, os seres humanos, outros seres vivos e todos os recursos naturais do planeta Terra. Trata-se de uma proposta que visa a cuidar dos regionalismos e valores culturais locais. É um caminho para a produção sustentável, respeitando o Planeta Terra como um todo.

Os valores encontrados nesses locais vão além de uma cadeia, onde uma linha de produção tem seus valores dentro de seu funcionamento. São formações complexas, pois não se trata apenas de entrar com planejamentos estratégicos e sair produtos ou serviços, mas vai além, este comércio de artesanatos da Raposa leva junto as dores dessas mulheres por não conseguirem ser bem cuidadas pelos hospitais públicos; a preocupação delas com o sustento de seus filhos e lares, a necessidade de fechar as suas lojas ou não fazer renda por conta de problemas de saúde ou por precisar resolver alguma solicitação de sua igreja. A complexidade das vidas dessas pessoas, transfere para seus produtos algo maior do que um trançar dos bilros, traz toda sua identidade, memórias e histórias que têm suas características intrínsecas.

Dessa forma, não podemos simplesmente descrever a cadeia de valor de uma comunidade artesã somente pelo seu fazer, de forma linear, onde os atores sociais se transformam em pontos dentro de um grande sistema. Precisamos tratar as relações em forma de malhas, ou *meshworks* como proposto por Ingold (2012):

Diferente das redes de comunicação, por exemplo, os fios de uma teia de aranha não conectam pontos ou ligam coisas. Eles são tecidos a partir de materiais exsudados pelo corpo da aranha, e são dispostos segundo seus movimentos. Nesse sentido, elas são extensões do próprio ser da aranha à medida que ela vai trilhando o ambiente (INGOLD, 2008, p. 201-211).

¹³¿Puede el diseño, entendido ontológicamente, desempeñar un papel constructivo en la transformación de formas arraigadas de ser y de hacer hacia filosofías del buen vivir que, finalmente, doten a los seres humanos para una existencia mutuamente enriquecedora entre sí y con la Tierra?

Eles, os fios, são as linhas ao longo das quais a aranha vive, e conduzem sua percepção e ação no mundo. Assim, entendemos que a cadeia de valor em uma comunidade artesã é formada não só pelo valor dos produtos de forma estética, funcional ou como o resultado de uma cadeia linear de produção, mas também pelas malhas que conectam as pessoas que fazem parte dessa cadeia. Sejam as malhas tecidas pelas linhas das rendeiras ou as relações estabelecidas por sua vivência na comunidade local, o valor de seus produtos e de seus artesãos é construído pela convivência, pelo dia a dia e pela vida que elas levam.

A busca desta cadeia de valor vai além de lucratividade com os produtos. Os artesãos querem acima de tudo, bem viver. Segundo Alberto Costa (2016), “O bem viver supõe uma visão holística e integradora do ser humano, imerso na grande comunidade da *Pacha Mama*”. Na comunidade de rendeiras da Raposa, percebemos que as mulheres lutam pelo sustento de seus lares e suas famílias. Elas se esforçam para que o seu trabalho seja reconhecido por aqueles que o adquirem. A maioria das rendeiras demonstram enorme alegria de viver, apesar de todas as dificuldades que enfrentam. Suas ferramentas de trabalho são feitas de matéria-prima que vêm da natureza, tal como a folha de bananeira para preencher as almofadas, os espinhos de mandacaru e o tucum para fazer os bilros. Estão sempre dispostas a se ajudar com o que seu vizinho precisa, embora, o capitalismo as leve à concorrência de produtos a serem vendidos no *corredor das rendas*.

Não podemos nomear as descrições dos valores que compõem este fazer de cadeia de valor, mas sim de “complexo de valores”, no qual o fazer não será linear em sua descrição, mas como a forma das rendas, formará uma malha, um emaranhado de linhas assim como as vidas de suas artesãs. Propomos aqui descrever este complexo em forma de relatos do dia a dia de algumas rendeiras. E os elos dentro dessas atividades que transformam as cadeias em complexos de valores. A análise do conceito de complexo de valores está detalhada no capítulo 3.

1.5 Os 4Ps de Marketing

Cada ser humano possui um ponto de vista quando observa ruas, espaços, vitrines. As experiências de vida e a formação intelectual também influenciam estas observações. Assim, quando chegamos pela primeira vez na Raposa, além de observarmos o colorido das rendas e sua delicadeza, atentamo-nos também aos preços praticados, ao local que

elas são vendidas, ao fato de nunca ouvir falar do município de Raposa ou das rendeiras que nela residem, mesmo sendo este um local turístico.

Esta visão vem do marketing, com a qual convivemos e apreendemos durante os nossos anos da graduação em Administração. Eles moldaram os nossos olhares e ao nos aproximarmos do município de Raposa alguns detalhes foram importantes e nos inspiraram a criar os jogos mediativos, que serão detalhados mais adiante no item 2.2.

Iniciamos com a definição de marketing de acordo com Kotler e Keller (2006, p. 17): “O marketing envolve a identificação e a satisfação das necessidades humanas e sociais”. As rendeiras têm conhecimento da prática do dia a dia da comercialização de seus produtos. Querem agradar seus clientes, que eles comprem seus produtos e saiam satisfeitos com as rendas que adquirirem. Mas, na maioria das vezes, precisam ir além de mostrar, elas têm que defender seu fazer. Abordam o tema “tempo” em sua produção, explicando aos clientes em quantos dias são necessários para produzir uma peça. Expõem suas almofadas com as rendas assentadas e mostram a arte de seu fazer a todos. Os clientes sempre pedem descontos e elas precisam deixar seus produtos com margens de preços para poder negociar e chegar no valor que elas tinham pensado para determinado produto.

Relatamos acima a questão dos preços das rendas, que participa como um dos 4Ps ou mix de marketing, que se referem ao preço, praça, produto e promoção. Trata-se de quatro itens que apresentam diversas estratégias por trás de cada um. E permitiu-nos compreender como as rendeiras da Raposa entendem seu comércio, seus produtos e suas relações. Podemos definir os 4Ps de marketing da seguinte forma:

McCarthy classificou várias atividades de marketing em ferramentas de mix de marketing de quatro tipos amplos, os quais denominou os quatro Ps do marketing: produto, preço, praça (ou ponto de venda) e promoção (do inglês, *product, price, place e promotion*) (KOTLER e KELLER, 2012, p. 23).

Abordaremos cada um dos 4Ps relacionados ao dia a dia das rendeiras, descrevendo como intuitivamente são trabalhados pelas rendeiras da Raposa.

O preço é compreendido pela rendeira como o valor monetário que simboliza a valorização do seu trabalho. Sua formação é bastante delicada, pois apesar de ser uma das formas de valorizar a produção das rendas, se elas praticarem altos preços (em comparação com confecções de roupas de pano) os consumidores, muitas vezes, não o aceitarão, o que possibilitará o estoque de produtos por muito tempo. Também precisam

ser adequados ao ambiente e local no qual são vendidas, ao atendimento oferecido e às embalagens utilizadas.

Hoje a concorrência direta entre as rendeiras no *corredor das rendas* é de vinte lojas de rendas e artesanatos entre si. A prática de vendas de todas as rendeiras é bastante semelhante, pois seus argumentos de vendas são os mesmos, as embalagens utilizadas são sacolas plásticas, além dos modelos de produtos serem os mesmos (devido ao grande número de papelões idênticos). Outro aspecto que observamos ao nos passarmos por clientes foi que, na Raposa, em algumas negociações, os consumidores precisam estar atentos aos preços, pois se modificam a cada questionamento.

O preço é o único elemento do mix de marketing que produz receita; os demais produzem custos. Ele também é um dos elementos mais flexíveis: pode ser alterado com rapidez, ao contrário das características de produtos, dos compromissos com canais de distribuição e até das promoções. O preço também informa ao mercado o posicionamento de valor pretendido pela empresa para seu produto ou marca. Um produto bem desenhado e comercializado pode determinar um preço superior e obter alto lucro (KOTLER; KELLER; 2006, p. 428).

Outro aspecto da formação de preços a ser considerado é o valor que se paga pela hora de trabalho da rendeira. Se a rendeira fosse paga por hora, receberia em torno de R\$45,00 por dia trabalhado (seguindo como parâmetro o salário mínimo brasileiro, hoje no valor de R\$1006,00, no qual a hora trabalhada custa em torno de R\$5,63, para uma média de 22 dias úteis por mês). Cada peça leva em torno de 15 a 30 dias para ficar pronta. Seria, a partir do ponto de vista das rendeiras, impossível vender uma blusa pelo valor de R\$500,00 ou mais. Isso desvaloriza e desestimula o próprio trabalho das rendeiras. Hoje, as blusas são vendidas em média por R\$140,00 e as saias por R\$250,00.

Para Kotler (1993, p. 506) “um produto é algo que pode ser oferecido a um mercado, para sua apreciação, aquisição, uso ou consumo, que pode satisfazer um desejo ou uma necessidade”. O corredor das rendas possui várias lojas que oferecem blusas, saias, vestidos, caminhos de mesa, porta-copos, entre outros produtos feitos de renda de bilros. Essas rendas, muitas vezes, têm o mesmo desenho em todo o corredor das rendas, pelo fato de poucas delas desenvolverem novos papelões, que são espécies de moldes para a confecção de novas peças.

Outro aspecto a ser pensado são os tamanhos dos vestuários (P, M, G) que não seguem um padrão na produção. Por isso, tanto os novos desenhos da renda, quanto os novos

modelos, ficam prejudicados pela falta de conhecimento na elaboração deste componente. Hoje apenas duas rendeiras detêm o conhecimento dos *papelões* na Raposa. No entanto, elas não o transmitem para as demais rendeiras e, dificilmente repassam novos papelões para que as outras possam diferenciar seus produtos.

Outro P importante é a praça: “Canais, cobertura, sortimentos, locais, estoque e transporte (KOTLER e KELLER, 2012, p. 24)”, que se refere ao local de venda dos produtos. A rua principal da Raposa, apelidada pelos moradores do corredor das rendas (FIGURA 36) é composta por lojas cujos principais produtos são as rendas de bilros. Estas lojas, normalmente, são casas em que as rendeiras moram e utilizam o cômodo da frente para fazer de loja. São lugares simples, a maioria deles são casas de palafitas. Por serem lugares simples, os clientes que vão comprar rendas diretamente neste local, acreditam que os produtos vendidos terão preço reduzido, mas não é o que ocorre.

Com relação ao tempo de produção, estes produtos (FIGURA 35) são considerados baratos pelas rendeiras, causando uma ambiguidade sobre a percepção do preço entre produtoras e consumidores.

Figura 33 - Rendas vendidas na Raposa.



Fonte: Autora

Figura 34 - Corredor das Rendas.



Fonte: Autora

Além destes pontos de vendas, as rendeiras também disputam os pontos nas feiras em São Luís. Alguns outros locais, que ainda não foram explorados e que podem servir como novos pontos de vendas são feiras fora de São Luís, lojas voltadas para a moda, lojas em shoppings, lojas de artesanato e até mesmo atravessadores.

Mix de comunicação de Marketing se trata de um conjunto de ferramentas de publicidade, promoção de vendas e relações públicas, vendas diretas e marketing direto que a empresa utiliza para comunicar de forma persuasiva o valor para o cliente de suas relações com ele (KOTLER; ARMSTRONG, 2008, P. 420, tradução nossa).

O último dos Ps é Promoção, que também podemos chamar de mix de comunicação de marketing. Este item do mix de marketing tem significativa importância para o fomento da valorização do trabalho e da cultura das rendas de bilros. Hoje ainda, muitos turistas não sabem que a Raposa é um local de produção de rendas e, desconhecem o tempo e dedicação que se demanda para confeccionar uma peça.

A propaganda boca a boca dos turistas é uma das formas de levar novos turistas para a Raposa (tanto para os passeios náuticos, quanto para comprar rendas). A promoção (ou comunicação) deste lugar e das rendeiras é essencial para fomentar o mercado local e para torná-las conhecidas, permitindo que a partir desta ação as rendeiras da Raposa possam ser vistas e valorizadas culturalmente por meio deste fazer.

O conceito de marketing e mix de marketing descritos neste capítulo foi de forma bastante simples, pois a intenção é somente compreender como as rendeiras trabalham no seu dia

a dia. Essa foi a base para a primeira experiência de correspondência com os jogos mediativos, que veremos com mais detalhes no próximo capítulo.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa é classificada como experimental, segundo Lakatos e Marconi (2003), devido à sua natureza em trabalhar com um experimento social e posteriormente analisar e mapear seus resultados, em que produzimos um espaço de design participativo visando, por meio das práticas de correspondência, produzir conhecimento em parceria com as artesãs da Raposa.

Segundo Ingold (2016), o termo correspondência está relacionado aos movimentos da vida, que não pressupõem planejamentos, mas sim os acontecimentos que ela nos proporciona. Assim, “responder a esses acontecimentos por meio das próprias intervenções, questões e respostas – em outras palavras, viver *atencionalmente* com os outros” (INGOLD, 2016, p. 408) é o que podemos chamar de correspondência.

Neste capítulo foi trilhado o percurso metodológico segundo tal filosofia de aproximação, e também como suportamos o processo de design participativo nesta pesquisa, proposto para fomentar a reflexão e a tomada de consciência sobre as práticas locais do fazer da renda de bilros e como elas podem ser otimizadas. Levamos em conta, não apenas uma ideia de produtividade e desenvolvimento (econômico e social), mas o bem viver, o respeito ao ritmo de vida, ao envolvimento das artesãs com seu fazer e ao próprio tempo do artesanato (NORONHA, 2015a; LIMA, 2018).

Iniciamos relatando como foi a nossa aproximação com o campo de pesquisa, falamos também sobre como ocorreu o desenvolvimento dos jogos mediativos, a etapa de sistematização dos dados coletados, a segunda parte da observação participante em campo e a correspondência por meio dos papéis.

2.1 Aproximação com o Campo

Nosso percurso metodológico iniciou pela observação participante no corredor das rendas do mês de abril de 2017 a novembro de 2017. Fizemos duas visitas por mês neste período. Conversamos com Marilene, Dorizete, Maria Edimar, Edvanda, Gláucia, Marcia, entre outras pessoas. Essas visitas e conversas não tinham um roteiro pré-definido, pois faziam parte de nossa ambientação no campo de pesquisa. Geralmente, as conversas aconteciam sobre os produtos, as relações entre as rendeiras e sua família, as dificuldades que elas enfrentavam com a venda de seus produtos, entre outros assuntos do cotidiano delas.

Nosso foco, nesse momento da pesquisa, era conhecer as rendeiras, suas estruturas comerciais e familiares e aproximarmo-nos delas como pesquisadores. A empatia e os vínculos de amizade foram fundamentais para caminhar com esta pesquisa, pois nos permitiram marcar encontros com mais facilidade e nos aproximarmos das rendeiras de forma natural.

No início, conseguimos entender os argumentos que as rendeiras transmitiam aos turistas e que estavam relacionados à origem dos produtos: elas tomaram como base o fato de que todos os seus produtos eram feitos pelas artesãs da Raposa, inclusive os que eram produzidos em outras localidades. Poucos lojistas informaram que a maior parte do crochê e da renda filé são confeccionados por artesãos do Ceará. Acreditamos que isso se deve à busca dos clientes por produtos locais.

Além dos argumentos que já têm prontos, suas práticas comerciais são todas baseadas em experiências de vida e elas têm a percepção dos clientes que realmente querem comprar seus produtos, baseados na conversa e nas perguntas que fazem. Elas também relatam que nas feiras de São Luís é possível vender seus produtos com mais facilidade e com margens de preço maiores, pois na Raposa os clientes frequentemente pedem desconto ou percebem os produtos como caros.

Nossas visitas nesta pesquisa foram de extrema importância porque nos aproximou de nossas copesquisadoras. As relações estabelecidas por essas visitas, fizeram com que os limites do pesquisador e das copesquisadoras fossem transformados em relações de trocas, assim como pressupõe a correspondência.

Com dados que obtivemos no campo a respeito dos 4Ps de marketing (preço, praça, produto e promoção) e com as percepções das relações das rendeiras, elaboramos jogos para promover conversas com as rendeiras e compreender o que elas entendiam por suas relações comerciais.

2.2 – Desenvolvimento dos Jogos Mediativos

Para compreender um pouco mais sobre o cotidiano no corredor das rendas, optamos por elaborar jogos mediativos, que nos proporcionaram conversas sociais dirigidas por nossas construções, com inspirações nos 4Ps de marketing.

Como tal, estes jogos foram ferramentas para pesquisa ao encontrar novas formas de aprimorar as práticas colaborativas de design em trabalhos comunitários, trabalhando em construções e ambientes urbanos (BRANDT et al, 2008, p. 2, tradução nossa)¹⁴.

Os jogos mediativos são ferramentas que utilizamos para entender, junto às nossas copesquisadoras, seus pontos de vista a respeito da comercialização de seus produtos. Aqui, utilizamos como inspiração a teoria dos 4Ps ou mix de marketing descrita no item 2.7. O intuito de utilizar jogos foi que, por meio da materialidade do jogo, a pesquisa de campo ganhou forma e se transformou em um artefato criado com a finalidade de constituir uma ferramenta de elicitación:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se, nesse “novo”, de coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER, 1987 apud PAROLIN, 2003, p. 09).

O processo de criação dos jogos mediativos permitiu que observações e visões pudessem ser expostas como temas de rodadas. Eles foram elaborados considerando as relações que a materialidade possibilitaria a todos os jogadores visualizar. Assim, compreendemos superficialmente o contexto e os problemas da Raposa, que ganharam significados na construção dos jogos e durante o ato de jogar.

¹⁴ As such, these games were tools for research in finding new ways of enhancing the collaborative practices of design communities working on buildings and urban environments.

Figura 35 - Um dos mapas mentais dos alunos com os principais questionamentos antes de desenvolver o jogo



Fonte: Autora

Estes jogos foram elaborados em setembro de 2017. A nossa proposta foi de que os alunos criassem jogos que pudessem mediar conversas com os temas dos 4Ps de marketing (preço, praça, produto e promoção). No entanto, devido a uma divergência entre as rendeiras Marilene e Edvanda, um quinto tema foi inserido: união das rendeiras.

Após apresentarmos as nossas impressões do primeiro semestre de pesquisa de campo aos alunos e falarmos sobre a teoria dos 4Ps, ocorreu a escolha dos temas. Cada grupo era formado por três ou quatro integrantes, que após escolherem seus temas começaram a pensar o jogo estrategicamente.

Segundo Ostrower (1986) pensar de uma forma criativa, permite-nos levantar hipóteses e materializar um pensamento específico. A partir desta ideia de criação, a técnica escolhida para elaborar os jogos teve origem nos mapas mentais.

Os mapas mentais são um método de armazenar, organizar e priorizar informações (em geral no papel), usando Palavras-chave e Imagens-chave, que desencadeiam lembranças específicas e estimulam novas reflexões e ideias. Cada ativador da memória em um Mapa Mental é uma chave que dá acesso a fatos, ideias e informações, além de liberar o verdadeiro potencial da mente, de modo que possamos nos tornar o que quisermos ser (BUZAN, 2009, p. 10).

A partir dos mapas mentais (Figuras 36, 37 e 38), as ideias ganharam forma e iniciamos o processo de elaboração da estrutura dos jogos. A importância destes jogos foi a de coletar informações de forma lúdica em um ambiente descontraído e criativo. Imaginar

possibilidades futuras foi o foco central destas tarefas, por meio de conversas que não eram comuns no dia a dia dessas rendeiras.

Para pensar o desenvolvimento dos jogos, mapas mentais foram elaborados para agrupar todas as atividades que giravam em torno das rendas de bilros e dos temas escolhidos por cada grupo. Mapeamos, também, os *stakeholders* envolvidos nesta criação.

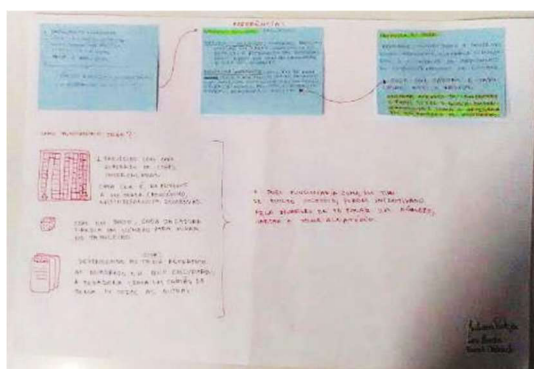
Seguem as Figuras 1 e 2 com exemplos dos mapas mentais elaborados.

Figura 36 - Mapa mental 1



Fonte: autor (2017)

Figura 37 - Mapa mental 2



Fonte: autor (2017)

Depois da organização das ideias por meio dos mapas mentais, a materialidade dos jogos começou a ser planejada e elaborada. Nesta etapa, alguns alunos tiveram como parâmetros jogos de tabuleiros existentes, tais como Jogo da Vida e Banco Imobiliário. Sendo assim, eles criaram as próprias regras, o que permitiu focar a elaboração dos novos jogos no cotidiano das rendeiras. Foram, então, criados cinco jogos:

O primeiro, inspirado no Jogo da Vida (Figura 39) e no “P” de marketing relativo à “praça”, descreveu o caminho das rendeiras e dos atravessadores. As “casas” que compunham os caminhos continham algumas armadilhas ou prêmios que dependiam das

Figura 38 - Jogo da vida e jogo elaborado pelos alunos com inspirações no jogo da vida



Fonte: autora (2017)

Figura 39 - Jogo Banco Imobiliário e jogo desenvolvido com inspirações no Banco Imobiliário



Fonte: Autora (2017)

opções dos jogadores ou questões a serem respondidas. Vencia aquele que chegasse primeiro na última “casa”.

O segundo jogo, inspirado no Banco Imobiliário (Figura 40) e no “P” de praça, ao invés de locais da cidade, mostrou lojas e novos locais de vendas para que estas rendeiras repensassem possibilidades de comercialização de seus produtos. Além disso, ao invés da casa “cadeia” foi criada a casa “UPA do Araçagy”, que se trata da Unidade de Pronto Atendimento do Bairro do Araçagy, uma das unidades de saúde mais próximas de Raposa. O jogador que parasse nesta casa teria de ficar uma jogada sem participar, remetendo ao

cotidiano das próprias rendeiras, que também inclui o cuidado com filhos, maridos e familiares, impedindo-as de trabalhar na produção das rendas quando alguém adocece.

O próximo jogo foi criado com inspiração na união das rendeiras (Figura 41), para mostrar que através das tramas as relações sociais são tecidas. Para isso, a equipe cortou fios de lã coloridas no tamanho de um metro. Cada participante deveria responder algumas perguntas elaboradas pelos alunos (descritas em cartas). E a cada resposta plausível para todos os participantes, o jogador poderia entrelaçar sua lã com a de seus colegas. O jogo terminava quando as cartas de perguntas tinham sido todas respondidas e com isso, as tramas destas lãs lembravam as rendas, representando as relações sociais destas rendeiras.

Figura 40 - Jogo elaborado para o tema união das rendeiras



Fonte: Autora

O quarto era semelhante a um pequeno tear em forma de círculo (Figura 42). Sua criação teve como tema a união das rendeiras. No aro, do suposto tear, foram estabelecidos pontos pelos criadores do jogo e cada pergunta respondida em consenso com o grupo, permitia às rendeiras ligar um pedaço contínuo de lã a estes pontos. Após completar todos os pontos e responder todas as questões, o pequeno tear apresentou forma de estrela construída pelas respostas coletivas, representando a importância das relações das rendeiras.

O quinto e último jogo é um tabuleiro que representa o corredor das rendas (Figura 43) e foi inspirado no “P” de produto. Este jogo mostra a importância das relações de trocas

materiais para a manutenção da produção e a criatividade no fazer de cada uma delas, trocando linhas, e/ou tempo de produção e/ou até mesmo papelões, através do qual é

Figura 41 - Jogo que lembra um tear com perguntas e afirmações para as rendeiras contestarem



Fonte: Autora (2017)

possível criar novos produtos. Além de materiais, a importância destas trocas permitiu às rendeiras compreender a relevância de seus relacionamentos e da boa convivência entre elas na comunidade da Raposa.

Figura 42 - Jogo inspirado no corredor das rendas



Fonte: Autora (2017)

De acordo com Brandt (2008, p.04) “o que se enfatiza é que o design mostra perspectivas de futuros possíveis, ao invés de negociações atuais e manifestações dos olhares”. Por meio dos jogos (Figuras 44 e 45), pudemos mostrar novas perspectivas e até mesmo assuntos que não eram levados em conta na vida diária dessas rendeiras. Muitas vezes, por estarmos fora do ambiente das rendeiras, temos um certo distanciamento que nos permite ver situações com perspectivas diferentes e os jogos abrem possibilidades para que conversas sociais aconteçam com estas personagens principais, a fim de fazê-las se interessar por estes novos temas. Isso permite a elas se colocarem em papéis, posições e tarefas que anteriormente não executavam, a sair de sua zona de conforto. Estes jogos, são oportunidades para que as artesãs olhem para seu negócio e consigam vislumbrar novos cenários.

O time de design aprende mais expondo seus diferentes interesses e interpretações ao longo das mesmas linhas que todos os outros participantes. Eles são os responsáveis pelo design deste trabalho e não há argumentos do porquê que eles não deveriam também deixar seus interesses e interpretações se tornarem passíveis de serem explorados juntos. Ao dizer isto, não significa que os facilitadores são desnecessários nos jogos. Nos nossos jogos, os designers jogam em dobro, ambos como facilitadores e jogadores, tomando papéis ativos (BRANDT, 2008, tradução nossa).

Após a elaboração dos jogos, eles precisavam ser testados em sua jogabilidade. Tanto os alunos, quanto outros participantes se posicionaram como jogadores para se certificar da funcionalidade dele. Na maior parte das vezes, os ajustes são propostos após algumas rodadas dos jogos e então eles estão prontos para serem jogados com as rendeiras de bilros de Raposa.

Figura 43 - Jogo de tabuleiro 1



Fonte: autor (2017)

Figura 44 - Jogo de tabuleiro 2



Fonte: autora (2017)

2.3 - Sistematização dos dados coletados

Nesta etapa, transcrevemos as principais gravações feitas em campo das conversas que tivemos com as rendeiras, do dia de aplicação dos jogos, incluindo-se outros *stakeholders*, como os alunos de graduação participantes do processo e também a orientadora dessa pesquisa. Também foram transcritas as conversas das etapas de correspondência por meio dos papelões. Nós analisamos as falas, discursos e práticas de todos os implicados e classificamos de acordo com as categorias advindas do campo. Tal classificação foi confrontada com o arcabouço teórico da pesquisa, as percepções da pesquisadora e os excertos das falas das artesãs são trazidos ao texto, como sua forma de participação no discurso desta dissertação. Todos esses posicionamentos constituem a formação do complexo de valores.

2.4 – Observação participante

Nesta segunda etapa de observação participante, tivemos a oportunidade de conhecer Acaraú, município do Ceará, onde mais uma vez a observação participante foi a abordagem utilizada.

A primeira visita aconteceu no dia 15 de janeiro de 2018. Chegamos até a Associação das Rendeiras de Acaraú, nos apresentamos como pesquisadores das rendas de bilros da

Raposa e pedimos a Ana Lúcia, que era a responsável pela Associação, que contasse um pouco do fazer das rendas em Acaraú. Conversamos por aproximadamente duas horas. Foi uma conversa livre, sem pautas ou tempo cronometrado, deixamos Ana Lúcia livre para falar o que achasse melhor.

Depois da conversa com Ana Lúcia, encontramos dona Zezé, uma das rendeiras mais antigas de Acaraú, que trabalha com linhas finas. Ela nos mostrou alguns papelões feitos por ela e a almofada com a renda que estava fazendo na época.

Ao retornar para a Raposa, fizemos o mapeamento das lojas que compunham o “corredor das rendas”. Com a ajuda de Marilene, depois de desenhar todo o local, pudemos identificar o nome dos donos das lojas ou rendeiras que tinham os pontos comerciais. Neste mesmo encontro, tivemos a oportunidade de conversar com Marilene e Dorizete a respeito de nossa visita a Acaraú. E então descobrimos que algumas afirmações ditas anteriormente por elas não procediam com a realidade encontrada na Raposa: as encomendas não eram todas aceitas pelas rendeiras, pois as rendeiras não queriam se comprometer com trabalhos demorados ou complicados; nem todas as rendas da Raposa eram de produção local. Muitos produtos têm origem em outros lugares, tal como o Ceará e as sacoleiras viajam até a Raposa para vender para nas lojas.

Fizemos uma segunda visita para Acaraú no dia 31 de março de 2018. Conversamos um pouco mais com Ana Lúcia, mas nosso foco foi conhecer os papelões das mulheres rendeiras que moravam em um bairro chamado Curral Velho, bastante próximo ao mar. Neste local, as mulheres não são apenas rendeiras, mas donas de casa. E muitas vezes, para fazer a própria comida, precisam colher na plantação os legumes, verduras e leguminosas para preparar seu almoço. Por isso, na primeira visita em 15 de janeiro, não encontramos as rendeiras nesse local para nos atender. Mais uma vez, tivemos conversas informais. Conhecemos os papelões e alguns produtos que estavam por terminar.

Ao retornar para São Luís e depois visitar novamente a Raposa, como estávamos a dois meses das festas juninas, tivemos a ideia de encomendar uma blusa de renda com o desenho do bumba meu boi, representando os bois das festas juninas de São Luís. Esta encomenda nos instigou ao processo de aprendizagem dos papelões. Uma vez que Marilene não queria fazer o papelão específico para a blusa, nossa insistência nos levou a aprender fazê-los, para então desenvolver o desenho que queríamos.

Como Marilene não tinha interesse em repassar este conhecimento a mais pessoas e não conhecia rendeiras que estivessem dispostas a aprender este fazer, procuramos por Glaucia, que aceitou a possibilidade de aprender a fazer os papelões, mesmo não sendo rendeira. Glaucia convenceu Edvanda e Márcia a se juntarem a nós para formarmos um grupo no qual nós ensinamos o que aprendemos com Marilene e tivemos o ideal de evoluirmos todas juntas neste aprendizado.

2.5 – Correspondência por meio dos papelões

Pensar as práticas de correspondências no campo do design implicou aprofundarmos a relação entre os campos: o design e a antropologia. A antropologia contribuiu embasando teoricamente o campo de pesquisa. As relações de troca foram fundamentais para estarmos mais próximos das artesãs e nos permitiu trabalhar juntos e sermos coautoras de projetos com elas. E nos permitiu perceber os valores existentes nas trocas materiais e simbólicas, ao trabalharmos juntos às rendeiras.

Gatt e Ingold (2018) fazem a seguinte pergunta:

O que, então, pode significar projetar (fazer design) coisas em um mundo que está constantemente sob construção na forma de atividades de seus habitantes, que são submetidos, acima de tudo, com a manutenção do caminhar da vida, ao invés de persuadir a conclusão de projetos já predeterminados desde o início? A resposta, nós sugerimos, que design não tem a ver apenas com *inovação*, mas sim com *improvisação* (GATT, INGOLD, 2013, p. 251-252, tradução nossa).

Pensar o projetar ou fazer design como improvisação, nas situações que vivenciamos, nos exigiu criar e fazer coisas de uma forma semiestruturada. Ao dizer semiestruturada, nos referimos a não pré-determinar objetivos antes de conhecer o campo de pesquisa. Ao invés de objetivos claros, pré-estabelecidos antes do projeto iniciar, na improvisação tivemos pistas a serem seguidas. Compreendemos as necessidades dos nossos interlocutores e a partir delas, encontramos nosso objetivo. A determinação das pistas foi feita pelos próprios designers nas pesquisas de campo. O design pressupõe planejamento, pesquisa e passos a serem seguidos para que o projeto chegasse a um determinado objetivo. No entanto, ao nos baseamos na correspondência no campo do design, também nos deparamos com situações que dependiam de resultados da improvisação e

criatividade que nós, pesquisadores, tivemos que performatizar no momento dos encontros com os nossos interlocutores.

Tal improvisação da criatividade considera tanto a flexibilidade quanto à previsão. O elemento da flexibilidade encontra-se não apenas no grão que se torna mundo - o caminho que isso quer tomar - mas também no caminho que isso toma no propósito envolvido. Isto não é apenas um mero fato de seguir com o fluxo da vida, mas de também dá-lo uma direção. Projetar (ou fazer design) para a vida está mais relacionado ao fato de dar direção do que especificamente chegar a um objetivo. Isto considera também a previsão de tudo o que está relacionado (GATT, INGOLD, 2013, p. 252, tradução nossa)¹⁵.

Muitas vezes, a inovação nos leva a pensar algo novo, inédito aos olhos do mundo. No entanto, Gatt e Ingold (2013) nos possibilitam ver a inovação como improvisação, que trabalha com dois elementos-chave: flexibilidade e previsão. A flexibilidade nos aproxima dos caminhos dos processos. Permite-nos reviver e repassar pelos caminhos que percorremos e dar aos fluxos da vida uma direção. Aqui, relacionando esta pesquisa com a correspondência, podemos dizer que esta direção tem a ver com o fazer das rendas. A direção pode ser estabelecida de acordo com os valores que estas rendeiras têm para si.

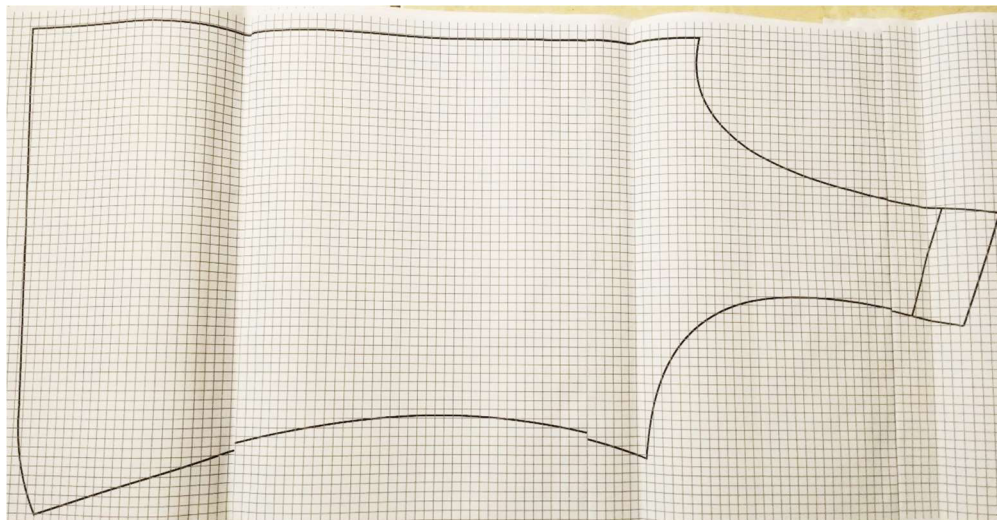
Na improvisação, por meio da correspondência através do design participativo, nós, designers *experts*, trabalhamos junto com os designers difusos. As habilidades de ambos se complementam. A construção das relações por meio dos processos de improvisação e da correspondência permitiu-nos trocar atenção que normalmente não percebemos, nem cuidamos. O caminho do projeto se torna mais rico, pois as trocas estabelecidas são de extrema importância, dissolvendo hierarquias, tornando cada vez mais viva a filosofia da correspondência.

Na Raposa, a concorrência entre as rendeiras é acirrada. Uma delas, detém o conhecimento da criação dos papelões e fica com a maioria dos desenhos novos para si. Ela raramente doa papelões (FIGURA 46) e quando o faz, pede à rendeira que o recebeu, que não compartilhe com as outras. As trocas na comunidade das rendeiras ocorrem entre as rendeiras que têm uma relação mais próxima de amizade. Elas cuidam das lojas umas

¹⁵Such creative improvisation calls for both flexibility and foresight. The element of flexibility lies not only in finding the grain of the world's becoming—the way it wants to go—but also in bending it to an evolving purpose. It is not, then, merely a matter of going with the flow, for one can give it direction as well. Designing for life is about giving direction rather than specifying end points. It is in this regard that it also involves foresight.

das outras quando alguém precisa sair por pouco tempo, ou emprestam materiais para seu fazer.

Figura 45 - Papelão sem marcações, apenas com o molde da regata



Fonte: autora

Dedicam atenção umas às outras como laços de amizade e geralmente se ajudam quando acontecem as feiras em São Luís ou em outras cidades, quando não há rivalidades entre elas. Geralmente, nossas visitas à Raposa ocorreram durante a semana, no corredor das rendas ou na Associação das Rendeiras Bilros de Ouro. Aproveitávamos para compreender um pouco mais sobre o dia a dia delas. Neste período, propusemos aprender junto com elas a fazer novos papelões. Marilene, uma das rendeiras que detém o conhecimento do papelão, ensinou-nos a base do desenvolvimento do papelão: as marcações iniciais, as formas dos principais pontos, a contagem das marcações para a elaboração dos pontos. Aprender este conhecimento com ela, possibilitou repassar o que aprendemos para outras rendeiras, que também se interessaram em aprender.

Realizamos cinco encontros para fazermos juntas o papelão. Neles, transmitimos a elas o conhecimento que obtivemos com a Marilene e elas participaram com o conhecimento delas deste fazer. As trocas de conhecimentos foram proveitosas e as conversas geradas por elas foram de extrema importância para nos atentarmos às características das rendas e da rotina valorizadas por elas.

Na Tabela 1 contém todas as etapas e atividades desenvolvidas por todo o percurso metodológico. Ela resume o conteúdo das etapas e determina os períodos que ocorreram cada uma delas.

Tabela 1 - Etapa do percurso metodológico

Etapas	Atividades	Período
1. Aproximação com o campo	Nesta etapa, passamos cinco meses, visitando duas vezes por mês, a associação das rendeiras e o corredor das rendeiras - De abril a novembro - mapeamento do local.	de abr/2017 a nov/2017
2. Desenvolvimento dos Jogos Mediativos	Participação na aula da graduação em design, com alunos da disciplina de Projeto Gráfico II, para apresentar o mapeamento. Apresentação da teoria dos 4Ps ou mix de marketing. Construção do protótipo.	set/2017 a dez/2017
3. Aplicação dos jogos em campo	Rodadas de jogos na Raposa com as rendeiras e os alunos.	dez/17
4. Sistematização dos dados coletados nos jogos	Transcrição de falas, discursos e descrição de práticas de todos os <i>stakeholders</i> . Análise dos resultados dos jogos.	out/2018 a mar/2019
5. Observação participante	Segunda fase de visitas, mapeamento e observação sistemática do processo produtivo.	jan/2018 a jun/2018
6. Correspondência por meio dos papelões	Desenvolvimento do conhecimento da elaboração dos papelões na Raposa com as rendeiras.	jun/2018 a nov/2018
7. Reflexões e debates	Transcrição de falas, discursos e descrição de práticas de todos os <i>stakeholders</i> . Reflexão sobre o processo de correspondência entre a pesquisadora e as artesãs. Definição e sistematização do complexo de valores.	dez/2019 a mar/2019

Fonte: autora

2.6 – Encerramento da pesquisa de campo

O percurso metodológico consistiu na pesquisa de campo em si. A observação participante inicial permitiu nos aproximar das rendeiras da Raposa. Os jogos mediativos possibilitaram compreender de forma mais aprofundada o contexto dessas artesãs. Na visita a Acaraú compreendemos alguns detalhes dos discursos das artesãs da Raposa, que eram comumente usados para turistas, e que nos foram detalhados posteriormente pelas próprias rendeiras da Raposa. Por coletarmos as informações em Acaraú, conseguimos nos aproximar mais das rendeiras da Raposa e propor nossos encontros para aprendizagem dos papelões. Através deles, vivenciamos a correspondência, o design participativo, a mediação de processos e as trocas e conhecimento.

Durante estas etapas, nós colhemos imagens, gravamos conversas, vivenciamos diversos momentos com as rendeiras, nos quais aprendemos e ensinamos o que sabíamos sobre os papelões.

A sistematização dos dados coletados configurou na transcrição e classificação das conversas em temas que nos permitiram construir o complexo de valores.

3. PARA ALÉM DAS CADEIAS PRODUTIVA E DE VALOR: A FORMAÇÃO DO COMPLEXO DE VALORES

O termo *valor* está muito além de preços ou da abordagem financeira de algo. Está relacionado também com o que o ser humano estima. Podemos exemplificar como as pessoas e suas relações sociais, sua palavra (honestidade), suas demonstrações (coragem) e diversos outros valores presentes na nossa vida, seres humanos, embora, na sociedade, o valor mais prestigiado seja o econômico.

Na comunidade da Raposa, temos como valores, a coragem das mulheres rendeiras de continuarem exercendo este fazer, mesmo com todas as dificuldades de vida e dos baixos preços geralmente pagos pelo seu trabalho. Também podemos citar o carinho e o cuidado que estas artesãs têm tanto pela sua família quanto por este fazer, que permitem a elas equilibrar seus períodos de confecção da renda com os afazeres de casa. A seguir, escolhemos os autores Kotler e Keller (2012) que escrevem sobre o campo do saber da administração; Foucault (1999) da filosofia, Krucken (2009), sobre o campo do Design, e Keller (2012) das Ciências Sociais para compreendermos como cada uma dessas áreas pensam o conceito de valor.

Para Kotler e Keller (2012), o valor está relacionando “a somatória dos benefícios tangíveis e intangíveis proporcionados pelo produto e a somatória dos custos financeiros e emocionais envolvidos na aquisição desse produto” (KOTLER e KELLER, 2012, p.9).

Essa afirmação dos autores é como uma equação a respeito de valor, pois quanto maior a percepção dos benefícios proporcionados pelos produtos ou serviços aos consumidores, mais eles vão querer adquiri-los e, conseqüentemente, estarão dispostos a pagar mais para obtê-los.

Com relação às rendas, se as rendeiras conseguirem comunicar e entregar aos clientes benefícios tangíveis e intangíveis de suas peças, mais facilmente eles aceitarão os preços estabelecidos por elas para seus produtos. Hoje na prática comercial destas artesãs vemos seu empenho para transmitir aos clientes, de forma oral, as vantagens e benefícios gerados por seu trabalho. No entanto, nem sempre isto é o suficiente para que eles percebam os benefícios destes artesanatos.

Krucken (2009) leva em consideração todo o contexto em que o produto é elaborado, as relações estabelecidas em torno dele, sua origem, e o local no qual está inserido: “o valor

de um produto associa-se diretamente à “qualidade percebida” e à confiança que se constrói em relação a ele, a sua origem e o local em que está exposto e é comercializado” (KRUCKEN, 2009, p. 26).

Com relação a qualidade percebida, Krucken (2009) aborda três momentos: antes, durante e depois de relacionar-se com um produto. E cada um dos tipos de qualidade remete às impressões que o cliente tem com relação aos produtos/serviços. Uma vez que as rendas sejam vendidas e, por exemplo, os clientes percebam os valores nelas existentes, haverá uma possibilidade deste cliente retornar e comprar outro produto. Em uma de nossas visitas, uma turista, que já conhecia a Raposa, retornou para comprar novos produtos. Percebemos que ela gostava muito das rendas, que percebeu valor nestes produtos, mas estava em busca de novidades, o que se torna difícil encontrar pela repetição do uso dos mesmos papéis.

Podemos relacionar a qualidade percebida de Krucken (2009), com a satisfação de Kotler e Keller (2012), na qual o maior o grau de satisfação promove um estado de encantamento do cliente final. Isto também pode ser traduzido em maior grau de valor percebido pelos consumidores, como mudança nas embalagens dos produtos ou a comunicação visual de forma a atrair mais consumidores. Entretanto, a rotina nos mostrou que elas trabalham para vender seus produtos da forma que estão, pelos custos com embalagens que consideram altos e por não entenderem que a comunicação visual de seus produtos ou embalagens mais atrativas possam refletir no aumento de suas vendas. Outro autor que também aborda o tema *valor* é Foucault (1999), que fala através do verbo *valer*:

Valer, para o pensamento clássico, é primeiramente valer alguma coisa, poder substituir essa coisa num processo de troca. A moeda só foi inventada, os preços só foram fixados e só se modificam na medida em que essa troca existe. Ora, a troca é um fenômeno simples apenas na aparência. Com efeito, só se troca numa permuta, quando cada um dos dois parceiros reconhece um valor para aquilo que o outro possui (...) Em outras palavras, para que, numa troca, uma coisa possa representar outra, é preciso que elas existam já carregadas de valor; e, contudo, o valor só existe no interior da representação (atual ou possível), isto é, no interior da troca ou permutabilidade (FOUCAULT, 1999, p. 262).

Para Foucault (1999), o valor de algo tem efeito no sentido da troca, pois nesse momento, as pessoas que realizam esta ação precisam atribuir valores aos seus objetos para então submetê-los à troca. Esta atribuição de valores, muitas vezes, não acontece de forma simples, pois ao atribuirmos valores menores ou maiores ao que são percebidos, a pessoa da contrapartida da troca poderá sentir-se lesada. Após a invenção da moeda, preços

foram fixados para as coisas. No entanto, ainda existe a permuta que consiste na troca de uma coisa por outra.

O conceito de valor dentro da cadeia de valores é abordado por Keller (2012), relacionando processos de trabalho e produção de valor. Também afirma que o esforço humano é responsável pela geração de valor nas diversas fases de elaboração de um serviço ou produto. Keller (2012) relata sobre o fato de que tanto as relações técnicas e monetárias quanto as sociais e políticas são de extrema importância para a formação de valor. Para Olave *apud* Keller (2012):

Cadeia de valor diz respeito tanto a uma relação técnica e monetária quanto a uma relação social e política entre formas de trabalho e de produção envolvendo diferentes tipos de trabalhadores, organizações empresariais e países. Ela é uma forma de rede linear. Os termos cadeia de valor e rede estão interligados (OLAVE, 2001, p. 298 *apud* KELLER, 2012, p. 1).

Esta forma de rede linear, a que Olave (2001) se refere no texto de Keller (2012), conecta todos os valores existentes nas diversas etapas e relações da cadeia de valor. Esta linearidade tem relação ao que Ingold (2013) chama de interação: “uma linha reta entre dois pontos, como Simmel descreve contato olho no olho, deixa cada ponto sem emoção e sem sentimento¹⁶” (INGOLD, 2013, p. 107, tradução nossa). Ao relacionarmos a rede linear com a interação, queremos indicar que apenas pontos ou valores de uma cadeia de valor ou pontos esparsos da produção não são suficientes para traduzir todas as vivências dentro de uma cadeia, não apontando os valores de forma correta.

As empresas, seus produtos ou serviços com foco no consumidor, buscam sempre criar valor em tudo o que realizam. Entretanto, valores podem ser encontrados não apenas nas empresas, mas nas comunidades artesãs, nas pessoas, nos seres vivos e na vida. A tudo a nossa volta é atribuído valor, em maior ou menor grau, algumas vezes, financeiro; outras, emocional.

Krucken (2009) propôs uma estrutura analítica denominada estrela de valor, relativa à aferição de valor em produtos ou serviços: “qualidade percebida de um produto ou serviço é o resultado conjunto de seis dimensões de valor, representadas na estrela de valor” (KRUCKEN, 2009, p. 27). Estas dimensões são, de acordo com Krucken (2009): *valor funcional ou utilitário*, que se refere às qualidades intrínsecas do produto, a sua

¹⁶ A straight line drawn between two points, as Simmel describes eye-to-eye contact, leaves each point motionless and unfeeling.

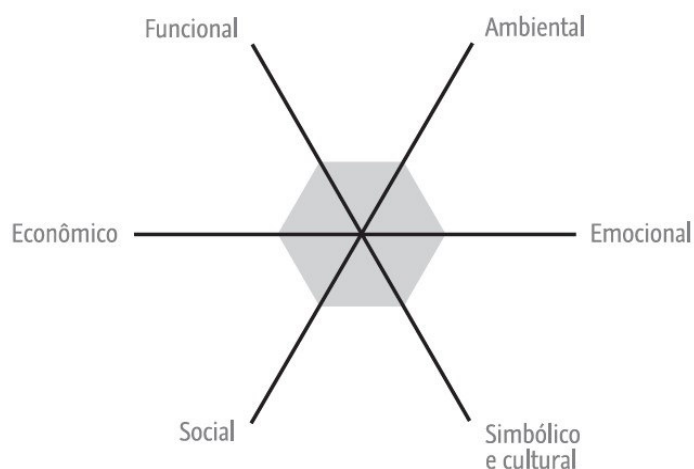
composição, origem e propriedades, à segurança de consumo [...] e a aspectos ergonômicos” (KRUCKEN, 2009, p. 27).

O *valor emocional*, que “incorpora motivações afetivas ligadas às percepções sensoriais que compreendem componentes táteis, visíveis, olfativos e gustativos e o sentimento relacionado à compra e ao consumo/utilização do produto” (KRUCKEN, 2009, p.27).

Nesta dimensão, a autora também inclui as memórias de lembranças do passado que estão presentes nas nossas relações com o outro e com as coisas. O *valor ambiental*, que se relaciona ao uso sustentável dos recursos naturais. O *valor simbólico e cultural* está relacionado ao termo alemão *Zeitgeist* que significa espírito da época, pois relaciona-se à cultura regional, aos costumes locais, às tradições e aos rituais locais lembrando-se do período em que se vive. O *valor social*, que “relaciona-se aos aspectos sociais que permeiam os processos de produção, comercialização e consumo dos produtos ” (KRUCKEN, 2009, p. 28). E, finalmente, o *valor econômico* que é o que traduz em moeda o valor de um produto ou serviço.

Krucken (2009) dimensiona estes valores com base nas produções de empresas e indústrias. Eles são relacionados a um produto ou serviço final. Ela descreve a estrela de valor (Figura 47) como uma forma de representar as dimensões de valor de um produto ou serviço, não necessariamente cada etapa da elaboração tenha agregado valor mas, muitas vezes, as formas de ver e viver no mundo permite aos clientes e consumidores perceberem produtos e serviços de formas diferentes, por isso, ela classifica como *dimensões de valor*. Keller (2012) tem uma visão mais direcionada para a administração,

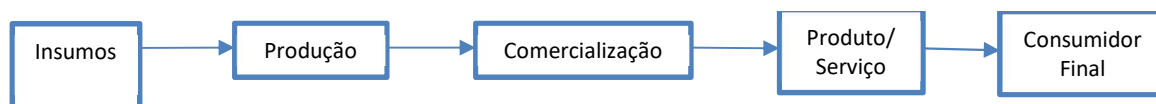
Figura 47 - Estrela de valor



Fonte: KRUCKEN (2009)

embora considere que as relações humanas dentro das etapas seguem para a elaboração de produtos ou serviços. Ele afirma que:

Figura 48 - Cadeia de valor, de acordo com Keller (2012).



Fonte: Pela autora (2019) com base em Keller (2012).

Cadeia de valor ou Cadeia da mercadoria compreende o conjunto de atividades econômicas sucessivas e necessárias para levar um produto ou um serviço, desde sua concepção, passando pelas fases de produção e comercialização, até o consumidor final. Também definimos cadeia de valor como a sequência de processos de trabalho e de produção de valor na qual bens e serviços são concebidos, produzidos e levados ao mercado. Este conjunto de atividades econômicas – sucessivas e integradas funcionalmente – envolve uma diversidade de atividades de trabalho que adicionam valor ao produto ou serviço. (KELLER, 2012, p.1).

A estrutura da cadeia de valor de acordo com Keller (2012) é linear, conforme mostra a Figura 48, na qual diferentes valores são agregados ao produto de acordo com suas etapas. Observamos nas teorias sobre cadeia de valor que normalmente estão relacionadas a empresas ou à produção/elaboração de bens e serviços. Elas normalmente levam em consideração as etapas de produção de bens e serviços e os nós que relacionam cada etapa na cooperação ou subordinação, trocas tangíveis ou intangíveis como menciona Keller (2012). Contudo, ao observar somente os nós que relacionam estas estruturas da cadeia, deixamos de compreender as influências que podem haver direta ou indiretamente envolvendo-os.

Para explicar melhor estas relações, precisamos compreender as definições de malhas e linhas de conexão da rede conforme INGOLD (2012) nos aponta. Segundo ele, as linhas de conexão da rede são derivadas da teoria ator-rede:

O termo “ator-rede” (*actor-network*) chegou à literatura a anglófona como tradução do francês *acteur réseau*. E como um de seus principais proponentes, Bruno Latour, observou em retrospecto, essa tradução lhe emprestou um significado que não era pretendido. No uso comum, que inclui reflexões relativas a inovações no campo das tecnologias de informação e comunicação, o atributo definidor da rede é sua conectividade (LATOURE, 1999, p.15). Mas *réseau* pode se referir tanto à rede (*network*) como a tecer (*netting*) - tecer uma malha, o bordado de uma renda, o plexo do sistema nervoso, ou a teia de uma aranha. (INGOLD, 2012, p. 40)

Assim, observamos que a teoria ator-rede, com origem nos campos das tecnologias de informação e comunicação, tem uma visão mais objetiva sobre o que uma conexão pressupõe: um nó e outro sucessivamente ligados por linhas. Desta forma observamos as cadeias de valores, também de forma exata, onde uma entrada de insumos e recursos humanos (com suas habilidades e experiências), que suprem estes abastecimentos, estão conectadas em linhas diretas, onde as atividades de um impacta os objetivos e as atividades dos outros, dentro desta mesma cadeia produtiva. O final dessa cadeia resulta em valores que dependem das ações de um conjunto de equipamentos, pessoas, relações entre eles e objetivos pré-definidos. Essas cadeias de valores caminham com as ações de funcionários ou terceirizados com ações pré-estabelecidas e objetivos que norteiam estas cadeias.

Todavia, as cadeias produtivas de comunidades artesãs, especificamente considerando o que observamos nesta pesquisa de campo, não têm objetivos formais como norteadores do fazer. As relações de subordinação podem ser melhor compreendidas pelas trocas tangíveis ou intangíveis quando, por exemplo, na Raposa, as rendeiras comerciantes aceitam produtos das rendeiras que não possuem um comércio fixo para vender e pagam a elas os preços que entendem ser aceitáveis. Ou ainda, quando as rendeiras repassam seus produtos a sacoleiros e estão sujeitas a aceitar os preços pagos por seus produtos.

Contudo, devemos ressaltar que estas relações existem somente se as rendeiras aceitarem, o que não ocorre na indústria que, uma vez funcionário em uma cadeia de valor, as relações de subordinação, cooperação e trocas existirão sempre. Nesta pesquisa, as relações de compadrio, amizade estão entrelaçadas, considerando-se ainda os laços de solidariedade existentes em uma comunidade artesã.

Ingold (2012) explica melhor o fluxo da malha:

Diferente das redes de comunicação, por exemplo, os fios de uma teia de aranha não conectam pontos ou ligam coisas. Eles são tecidos a partir de materiais exsudados pelo corpo da aranha, e são dispostos segundo seus movimentos. Nesse sentido, eles são extensões do próprio ser da aranha à medida que ela vai trilhando o ambiente (INGOLD, 2008, p. 210).

Eles são as linhas ao longo das quais a aranha vive, e conduzem sua percepção e ação no mundo. O *acteur reseau* foi originalmente concebido por seus criadores (se não por aqueles que foram confundidos por sua tradução enquanto “rede”) para indicar justamente essas linhas de devir. Sua inspiração veio, em larga medida, da filosofia de Deleuze e Guattari. E esses autores são explícitos ao afirmar que, embora o valor da teia para a aranha esteja no fato de ela capturar moscas, o fio da teia não liga a aranha à mosca, assim como a “linha de fuga” da mosca tampouco liga à aranha. (...) Assim, as linhas-fios da teia colocam as *condições de possibilidade* para que a aranha interaja com a

mosca. Mas elas não são em si, linhas de interação. Se essas linhas são relações, então elas são relações não entre, mas ao longo de. (INGOLD, 2012, p.41)

Aqui, observamos a formação das malhas, como as teias de aranha ou, ainda, como as rendas. Estas tramas não possuem uma única linha unindo nós, mas um emaranhado. Podemos imaginar todas as rendeiras trabalhando. Elas trabalham não porque estão em uma indústria ou porque são mais requisitadas pelas outras rendeiras, mas porque suas mães, às vezes avós ou até mesmo alguma amiga ensinou este fazer a elas. E como é mais difícil para elas sair de casa e trabalhar em um lugar que não lhes pague uma quantia suficiente para manter seus filhos em escolas integrais ou ter pessoas que cuidem de suas famílias, elas mesmas exercem este papel e encontram na renda uma alternativa para ter alguma remuneração.

Atentamos para o fato de que a cadeia produtiva da renda na Raposa funciona diferentemente das industriais. As relações estabelecidas não são fixas e nem se tornam algo certo, pois novas possibilidades sempre podem existir entre elas: seja para vender o produto para outros comerciantes ou em outros locais como feiras; seja para fabricar suas rendas do seu modo e tempo; seja a forma como argumentam com os turistas o valor de seus produtos.

Ao observar a cadeia produtiva da Raposa, as relações que as rendeiras desenvolveram entre elas, suas famílias, sua comunidade, seus clientes e todos aqueles que participam de suas vidas, percebemos que a cadeia de valor, sendo linear, não consegue representar toda a trama na qual está envolvida. As dimensões de valor também extrapolam as fronteiras do fazer dos produtos. Por exemplo, temos as relações de aprendizagem das rendeiras com seus antepassados e algumas vezes com amigas ou vizinhas. As questões de ser rendeira são bastante compreendidas ao observarmos a rotina de cada uma dessas mulheres e da forma que vivem suas vidas.

O gosto pelas rendas e a relação que elas têm com o fazer estão totalmente conectados, pois uma rendeira não gosta de fazer algo se não for bonito aos seus olhos. A criatividade vem de suas misturas de cores, da solidariedade com o repasse de novos papelões ou de retomar um conhecimento que vem de ancestrais.

Percebemos os valores como os fios das teias que se unem e se cruzam, formando uma enorme malha ou uma “renda” emaranhada pelos valores de cada uma dessas artesãs. E

percebemos que esses valores coexistem, algumas vezes de forma individual e outras de forma coletiva, de forma direta ou mesmo paradoxal, fazendo coexistir valores que aparentemente são antagônicos, algumas vezes formando novos valores e outras vezes sendo mais tradicionais e trazendo para a atualidade valores do passado.

Com relação às rendas, relatamos histórias e memórias de antepassados que tinham nesta atividade produtiva as relações de trocas simbólicas como as relações familiares envolvidas, o sentimento de pertencer a uma comunidade, o cuidado e o carinho pela produção artesanal, o prazer em receber clientes e pessoas de fora da comunidade para prestigiar o artesanato, enfim, os valores impulsionadores destes fazeres, que vão muito além do financeiro (embora o financeiro seja muito importante na manutenção do fazer artesanal, pois permite a compra de materiais e auxilia no sustento das artesãs). Nestas relações, podemos observar as práticas de correspondência existindo de forma natural, principalmente dentro das relações familiares e outras vezes englobando toda a comunidade.

A produção artesanal é uma forma de viver em correspondência. Ela permite às artesãs dedicar tempo à sua família e a se entreterem com o próprio fazer. O fazer não é apenas um trabalho, mas também, uma distração, um lazer, gera orgulho pelo resultado final e pelo que elas se tornam através dele: rendeiras da Raposa. A correspondência também é percebida na forma como estas mães, rendeiras, esposas, vizinhas e amigas lidam com suas vidas: o hábito das ancestrais deste fazer tornou-se uma prática entre as rendeiras da Raposa de hoje. Isto permitiu a elas estarem mais próximas de suas famílias, observando e cuidando sempre. Este contexto se constitui por meio da atenção que dedicam ao seu fazer, às pessoas que estão ao seu redor e às atividades nas quais estão envolvidas. A correspondência existe nas relações do emaranhado de valores, pois é a forma que estas mulheres têm de viver, oferecendo e recebendo atenção umas das outras.

Dessa forma, não podemos definir este emaranhado de valores, como uma cadeia linear. Por isso, chamaremos de complexo de valores, pois queremos apontar a multidimensionalidade dos valores na complexidade das relações de uma comunidade artesanal, que neste caso se trata da comunidade de rendeiras de bilros da Raposa.

A complexidade (FIGURA 48), como Edgar Morin (2015) descreve, pode ser vista como uma quantidade enorme de eventos nos quais as interações e interferências ocorrem diversas vezes, compreendendo dentro destes eventos as “incertezas, indeterminações e

Figura 49 - Uma representação do complexo de valores



Fonte: NIDA (2019).

fenômenos aleatórios. A complexidade num certo sentido sempre tem relação ao acaso” (MORIN, 2015, p. 35). Dessa forma, valor e complexidade normalmente caminham de forma emaranhada: às vezes juntos, às vezes se tornando um, às vezes se cruzando e em outras vezes, separadamente.

3.1. Assentando a complexidade de valor na almofada

Podemos imaginar estas mesmas situações nas nossas vidas. Por exemplo, a visita à Raposa para um passeio turístico, possibilitou-nos conhecer este lugar e transformar a produção das rendas no recorte teórico para esta pesquisa. As "teias de aranha", neste caso, foram os caminhos da vida que escolhemos, os encontros com pessoas que nossas escolhas nos proporcionaram. Somos um dos exemplos pela busca dos caminhos de vir a ser da vida, pois não sabemos como nossas ações podem influenciar os caminhos de outras pessoas. Somos a aranha do texto de Ingold (2012) e os outros, as moscas, pois não temos ideia para quais caminhos os emaranhados de nossas vidas possam nos levar alcançar e quais pessoas podem nos possibilitar a conhecer.

Por meio desta pesquisa, iniciamos a difusão do conhecimento dos papelões. Inicialmente, três artesãs participaram dos encontros. No entanto, no quarto e quinto encontro, a maior parte delas teve algum problema e não pôde comparecer. Nós terminamos esta experiência com apenas uma das rendeiras, a Edvanda. Mesmo não tendo o encaminhamento que esperávamos, foi muito importante retomarmos a aprendizagem deste conhecimento, pois mostramos a elas como iniciar o desenvolvimento destes papelões. Os requisitos fundamentais para o resgate deste saber-fazer foram transmitidos. Agora, dependerá dessas artesãs buscar e criar técnicas que facilitem e ampliem seu próprio aprendizado.

Estes emaranhados de encontros permitiram que a correspondência ocorresse entre todas nós, pois a partir deles estávamos presentes na Raposa e conhecíamos um pouco mais dessas artesãs. Nós as ouvíamos, dispensávamos mútua atenção, sentíamos falta quando estávamos longe e, a cada visita, um pouco mais deste fazer e desta comunidade eram conhecidos por nós. Por meio das conversas, entendemos que não saber como produzir o papelão é um entrave para a diferenciação de produtos delas e ao mesmo tempo uma

oportunidade para aprender e criar novos produtos. Percebemos que o tempo é um elemento precioso para produção dessas rendas, pelo trabalho e atenção que demandam delas, mas poucos clientes valorizam, muitas vezes pela falta de conhecimento deste fazer.

Estes meses de pesquisa de campo também nos permitiram fazer uma observação sobre o tempo de produção artesanal: ele é bastante diferente do tempo de produção industrial. Enquanto a indústria e o comércio primam pela produção e buscam a venda em escala, para atender às demandas dos consumidores, a produção artesanal é sempre constante e, por mais que encomendas exijam mais tempo e dedicação, as artesãs sempre seguirão seu ritmo próprio, pois mudar a velocidade de sua produção, significa também mudar seu estilo de vida. E hoje elas são esposas, filhas, donas de casa e rendeiras, entre outros papéis na sua vida diária; precisam se dividir para dar conta de todas as demandas e muitas vezes não têm quem as substitua, por isso exercem diversas tarefas durante o dia.

Aprendemos também que algumas vezes viver de forma mais tranquila não significa viver de forma ruim. É apenas uma nova forma de se viver a vida. E neste emaranhado, pudemos aprender que muitas vezes precisamos observar, dedicar tempo, carinho, atenção, ou seja estar em correspondência no mundo e, como resultado, afetarmos e sermos afetados pelos valores dos outros neste complexo que a vida é e nos valores das relações que o mundo nos proporciona.

Para compreender ainda melhor a complexidade de relações que estabelecemos com nossas copesquisadoras, precisamos entender quem são as rendeiras de bilros da Raposa. Quais relações estas rendeiras possuem com seu trabalho. Que tipo de aprendizado elas estabelecem. Qual sua relação com seu local de trabalho. Como elas comercializam seus produtos. Como ocorre o pensar criativo destas rendeiras. Entre outros questionamentos que nos permitam compor o complexo de valores a partir do emaranhado e fluxos que se constituem a partir da prática artesanal.

Pensemos a estrutura das rendas. Elas são formadas por pontos de traça, embuchado, trança, metidinho, trocado inteiro, castanha, charita e diversos outros. A construção conjunta de todos os pontos, origina uma complexa teia, na qual os arranjos organizados desses entrelaçamentos originam blusas, vestidos, caminhos de mesa, entre outros produtos.

Morin (2015), ao explicar a complexidade, toma o exemplo de uma tapeçaria e todos os fios que a compõem. Segundo ele, os fios são de diferentes materiais e de diversas cores. Observemos, então, a estrutura das rendas. Apesar de serem constituídas de linha de algodão, ou o mesmo material, as cores que as formam são bastante diversas, com tramas que podem ser umas mais ou menos densas que as outras e assim, como o tapete descrito por Morin (2015), as rendas também são complexas em suas formações. E cada peça segue sua própria configuração de emaranhados. Morin (2015) apresenta três etapas da complexidade, sendo que, na primeira:

temos conhecimentos simples que não ajudam a conhecer as propriedades do conjunto. Uma constatação banal cujas consequências não são banais: a tapeçaria é mais do que a soma dos fios que a constituem. Um todo é mais do que a soma das partes que o constituem (MORIN, 2015, p. 85).

Ao pensarmos a complexidade da formação das rendas, se, ao acaso, formarmos apenas um ponto de traça, ou um ponto de embuchado ou qualquer que seja ele, sem um emaranhado formado em conjunto, não formará qualquer peça ou produto. Da mesma forma, podemos nos referir a todas as pessoas que fazem parte da comunidade de rendeiras da Raposa. Ao considerarmos somente as rendeiras sem suas vizinhas rendeiras, sem seus maridos pescadores, sem seus filhos, sem seus demais familiares, sem todo o tecido social das relações que permite a elas formar a comunidade de rendeiras da Raposa, teremos apenas um indivíduo que faz renda. Esta, podemos imaginar como a primeira etapa, como o princípio da formação do todo.

Já na segunda etapa, ele afirma que “o fato de haver uma tapeçaria faz com que as qualidades deste ou daquele tipo de fio não possam se exprimir plenamente. Elas são inibidas ou virtualizadas. O todo é então menor do que a soma das partes” (MORIN, 2015, p. 85). Podemos exemplificar esta etapa da seguinte forma: ainda que exista uma associação de rendeiras de bilros de ouro da Raposa que tenha como objetivo representar os desejos, os anseios e as necessidades de uma comunidade de rendeiras, ao não fazê-los, teremos um todo (a associação) que não representa todas as rendeiras de bilros da Raposa.

Muitas delas deixam de se associar, por não entenderem o benefício que esta associação pode proporcionar a elas e, por isso, buscam outras formas de se reunirem informalmente ou, ainda, outras associações que as representem. Percebemos nesta associação um todo que representa a soma de suas partes. Por isso, as partes, ou as diversas rendeiras que

compõem a comunidade de rendeiras da Raposa, deixaram de fazer parte do todo formal que é a associação.

A terceira etapa é descrita como algo que “apresenta dificuldades para nosso entendimento e nossa estrutura mental. O todo é ao mesmo tempo mais e menos do que a soma das partes” (MORIN, 2015, p. 86). Podemos relacionar esta etapa com a concepção de *autopoiesis* de Maturana e Varela, que na análise de Escobar (2016), para o campo do design, constitui-se como o abrir e o fechar dos sistemas, que se autoregulam de acordo com as suas necessidades. O todo pode ser comparado aos sistemas e ser mais ou menos que a soma das partes. Podemos comparar às operações de abertura e fechamento dos sistemas, com a finalidade de regulação.

Nas relações encontradas na comunidade das rendeiras da Raposa, não há uma hierarquia entre os tipos de relação, na qual uma é mais importante que outra, pois todas são importantes para a existência da comunidade. Da mesma forma, ao imaginarmos a disposição dos fios que compõem as rendas, veremos que todos eles são importantes para a formação da trama e a falta de um fará com que a trama já não seja a mesma (o todo não será o mesmo). Cada fio, preenchendo um bilro, é importante para esta formação. Cada pessoa que compõe a comunidade de rendeiras é importante também. Juntar fios não significa que teremos uma renda e juntar rendeiras, também não é o mesmo que formarmos uma comunidade de rendeiras.

Para que uma comunidade seja de fato uma comunidade, as pessoas que fazem parte deste lugar precisam se relacionar. Suas vidas se cruzam seja na convivência de suas lojas, seja nas trocas dos papelões, na doação de uma xícara de arroz ou no empréstimo de um cartão de crédito para comprar um celular porque o seu não recebe mais as ligações dos clientes. Os maridos dessas rendeiras são, na maioria, pescadores, que juntos vão para o mar ainda de madrugada para pescar os peixes que vão abastecer suas famílias e também trarão parte da receita financeira destas casas.

Vemos também no papelão, no caso das rendas, o norteador das linhas para que sigam o caminho da formação das tramas das rendas e, no entrosamento, nas relações entre as rendeiras, suas famílias, suas religiões, suas amizades, os elos que as ligam e as sustentam no todo da comunidade artesã. Normalmente, existe um equilíbrio nessas relações, entretanto, quando este equilíbrio não é atingido, as partes se tornam maiores ou menores que o todo, buscando encontrar o equilíbrio, conforme afirma Morin (2015).

Para construir o complexo de valores, transcrevemos todas as conversas que tivemos. Recortamos as principais falas e classificamos duas vezes, a primeira de acordo com temas diversos de valores, aos quais se remetem as falas das próprias artesãs e outra com as três etapas do que se caracteriza a complexidade, para Morin (2015). Para refletir sobre o que é o complexo precisamos imaginar o todo, ou seja, todas as relações que permeiam o fazer das rendas, sejam as famílias, as amizades, os sentimentos delas ao fazerem suas rendas, a forma como comercializam suas rendas, o aprendizado no qual estão envolvidas e todos os valores deste emaranhado que compõem a comunidade de rendeiras da Raposa. Para facilitar nosso entendimento deste complexo, apresentaremos as partes que o compõem, a partir de reflexões teóricas sobre os discursos e práticas que se constituíram ao longo da pesquisa de campo.

3.1.2. Gosto

Em conversas com as rendeiras, percebemos que elas assumem os seus próprios gostos, seja pelas escolhas que fazem dos pontos a serem utilizados nas rendas seja por modelos de roupas ou ainda cores de linhas. Elas priorizam aquilo que lhes seja mais prazeroso e fácil de fazer. Afinal, o fazer das rendas é uma atividade com diversas motivações, entre elas a de ser uma forma de terapia para estas mulheres.

A conversa abaixo ocorreu no meio de um dos encontros para a criação de papelões novos. Observemos a conversa abaixo de um dos momentos em que aprendíamos juntas a elaborar os papelões. A noção de gosto foi trazida para a conversa¹⁷:

Camila: Pra caber na almofada, né? Aí a gente tem que pensar também, quais são esses pontos que vem aqui no meio...

Márcia: Das traças.

Camila: Essas traças, ou outros pontos?

Márcia: É, pode ser as traças também.

Edvanda: Porque, geralmente eu vejo mais é as traça, né?

Gláucia: É traça, mas tem só o pano.

Edvanda: É porque fica mais bonito.

Márcia: Mais tem, é mais bonito e mais fácil também.

Camila: Mas tem, dá pra fazer outros.

Edvanda: Dá, dá pra fazê só pano... Fazê pano com pano e emendá.

Camila: Sim.

Márcia: Trança também.

Gláucia: Trança.

Camila: Trança?

Edvanda: Agora, eu particularmente como rendera, acho que renda, pra mim né, se não tivé uma traça, não tem graça.

¹⁷ Referente ao encontro do dia 17 de julho de 2018, no qual participaram Márcia, Edvanda, Gláucia e Camila, na loja de Edvanda.

O gosto da Edvanda pelas traças é algo que norteia o seu fazer, escolhendo rendas que normalmente têm estes pontos. E ao caminhar pelo corredor das rendas percebemos que não só Edvanda, mas também outras rendeiras têm preferências pelas traças. A formação dessas traças propiciam desenhos de flores nas rendas. Para as rendeiras, as traças são pontos fáceis e que elas gostam de fazer. Ao questionar sobre o ponto embuchado percebemos que, além de utilizar mais linha para fazê-lo, não é um tipo de ponto que elas gostem tanto de fazer.

Sobre aspectos do bom e do bonito, observamos o que Iida e Mühlenberg (2006) afirmam:

Em linguagem popular, pode-se dizer que o **bom** deve ser aliado ao **bonito**. Cada um exige aplicação de um conjunto de conhecimentos e metodologias distintas, que podem ser designados, respectivamente, de *fatores racionais* e *fatores emocionais* (IIDA e MUHLENBERG, 2006, p. 2).

Podemos entender que essas duas características (bom e bonito) referem-se à forma com que os fatores racionais e emocionais interferem na formação de produtos. Para produtos projetados, estas características são planejadas de acordo com o gosto do público-alvo de determinado produto. No entanto, observamos que, na Raposa, estas considerações são geradas de acordo com o gosto das rendeiras tanto pelo fazer quanto pela beleza da renda.

Ao questionar as rendeiras sobre o que elas mais gostam e menos gostam de fazer nas rendas, as respostas que temos são variadas:

Dorizete: Eu acho que eu não tenho nada assim que eu não goste. Tudo eu gosto! Tudo eu gosto de fazê!

Gláucia: O que eu mais gosto e o que eu menos gosto? Depende! Depende do, é... por exemplo: os dias que eu tô muito apertada, assim de problema, de problema de família ou problema com conta, que eu vô fazê, eu faço mas num fica legal, não é... você faz porque você já tá acostumada, naquele ritmo, né? Mesmo porque ele faz você esquecer um pouco das suas preocupações, mas aí, ele fica até mais difícil, sabia?

Edvanda: Eu gosto de fazê... a traça, né? Eu gosto de fazê a traça, o que eu não gosto muito de fazê é o termo da renda. Terminá, termina... é dá um trabalho assim... uma coisa chata, né?

Marilene: Gosto de novos desenhos e não gosto de repetir peças.

Percebemos que o gostar ou não de fazer, para cada uma delas, é bastante subjetivo. Para Dorizete, por exemplo, nada é empecilho neste fazer. Ela gosta de tudo.

Para Gláucia, que é crocheteira e tem um ritmo muito semelhante ao das rendeiras, os problemas da vida diária podem atrapalhar um pouco o cotidiano do seu fazer, pois eles embaralham mais facilmente os pontos do crochê e ela precisa refazer seu trabalho por não o considerar do seu gosto.

Edvanda é apaixonada pelas traças. Em todos os momentos de nossos encontros para a elaboração dos papelões, as traças estavam sempre nos seus desenhos dos papelões novos. No entanto, o finalizar das rendas em geral, por ser trabalhoso e demandar atenção, a desagrada. Já Marilene, uma das poucas rendeiras que sabe fazer papelões novos, aprecia as novas criações.

Segundo Morin (2015), “as relações no interior de uma organização, de uma sociedade, de uma empresa são complementares e antagônicas ao mesmo tempo” (MORIN, 2015, p. 91). Percebemos isso nas relações do gostar que se apresentam, tanto em relação à determinadas formas e pontos, quanto do próprio fazer. Algumas vezes, elas preferem fazer pontos que sua vizinha não gosta, por exemplo. Outra observação sobre essas relações do gostar é a motivação para cada uma delas, que muitas vezes são semelhantes, pois o prazer deste fazer está relacionado ao bem-estar, à terapia para distrair suas mentes, à vontade de ver o resultado deste fazer e ao mesmo tempo gerar renda financeira.

Assim, entendemos o equilíbrio deste fazer, em que os gostos pelo fazer dessas rendeiras se complementam. Um exemplo disso ocorre quando uma das rendeiras vai para uma feira fora da Raposa e leva produtos de diversas rendeiras. Isso é uma ação bastante positiva, pois o fazer das rendas é uma atividade demorada e uma rendeira apenas não consegue ter uma produção tão grande. Por isso, ao juntar, além delas se ajudarem, também aumentam a variedade de rendas feitas por elas.

Por exemplo, se elas sabem que boleros ou regatas são mais vendidos, então, são os produtos aos quais elas se dedicarão mais e farão de acordo com seus parâmetros de beleza, qualidade e facilidade do fazer. Esta é uma forma de regulação da produção de rendas, é também uma forma de *autopoiesis* (ESCOBAR, 2016), onde seu gosto se adequa aos produtos mais vendidos no mercado e o mercado se relaciona com o gosto dessas rendeiras.

No próximo item, abordaremos o gosto e o material, e o relacionamos com a linha fina, que poucas rendeiras usam no corredor das rendas na Raposa.

3.1.2.1. Gosto e o material

Para as rendeiras, o tipo de linha determina muitas vezes a facilidade do manuseio dos bilros e a formação das rendas. Nem todas as rendeiras fazem renda de linha fina. A maioria delas gosta de trabalhar com a linha grossa, tendo em vista todas as facilidades deste tipo de material: com poucos pontos, você tem uma área confeccionada maior em comparação à linha fina, usa menos material e, por consequência, demanda menos tempo para ficar pronta. O manuseio das linhas finas exige mais delicadeza e destreza da artesã, caso contrário, as linhas arrebentam ou *quebram*, como as rendeiras costumam dizer¹⁸:

Edvanda: Irmã Márcia já tem a prática de trabalhá com linha fina!! Que a minha mão é muito pesada, quebra tudinho...

Márcia: Oh vai dá oito...

Edvanda: E ela não... Ela já tem a leveza eu acho...

Camila: Como assim quebra os bilros?

Edvanda: Porque a linha é muito fina... é uma linha delicada que ela trabalha...

Natalice: A gente também num consegue fazê!

Camila: Mas, como é que vocês dizem que quebra o bilro. O bilro é um palito forte!!

Edvanda: Não, é a linha! A linha!!! É a linha!

Márcia: Ela fala, é a linha!

Camila: A linha quebra?

Edvanda: É!

Márcia: Não, é porque, assim, como é de costume fazê com a grossa, quando faz os aconchegos, isso aí chama aconchego.

Gláucia: Com a linha normal, ela puxa e com a linha tem que sê delicada.

Márcia: Quando faz os aconchegos, é que aí dá pra prendê aquele ponto. Aí acaba fazendo: Tec tec... tec tec...

Camila: Aí arrebenta a linha?

Márcia: Se tu quisé fazê a mesma força que tu faz com a linha grossa, aí tu faz, com mesmo jeito que faz com a linha grossa.

Gláucia: Num tem como... quebra tudinho...

Camila: Ah, então isso é arrebentar os bilros.

Márcia: Aí tu vai vê! Eu faço ali e num quebro nenhuma. Porque eu não preciso fazê esses aconchego com tanta força.

Gláucia: é porque ela tá acostumada.

Edvanda: Ela tá acostumada a trabalhá com a linha fina. Eu me apaixonei por essa... fazê um vestido pra mim. Fica lindo! Bem delicado. Pra ir pro círculo de oração, fica lindo! um branco, óh!

Neste caso, podemos pensar a questão dos materiais, do gostar de fazer e as artesãs. Cada rendeira tem a preferência por um determinado tipo de material e por determinados pontos das rendas. Seu fazer é baseado nas habilidades que elas têm de manusear esses materiais e da prática deste fazer. Richard Sennett (2009) relaciona a habilidade do fazer do artesão com os materiais que eles utilizam:

¹⁸ Referente ao encontro do dia 08 de agosto de 2018, no qual participaram Márcia, Edvanda, Gláucia, Natalice e Camila, na loja de Edvanda.

O diálogo com os materiais na habilidade artesanal dificilmente poderia ser mapeado através de testes de inteligência; a maioria das pessoas é capaz de raciocinar bem sobre suas sensações físicas. O artesanato expressa um grande paradoxo, na medida em que uma atividade altamente refinada e complexa surge de atos mentais simples como a especificação de fatos e seu posterior questionamento (SENNETT, 2009, p. 299).

As sensações físicas deste fazer, como Sennett (2009) aborda, dificilmente poderiam ser explicadas de outra forma que não fosse pelo próprio fazer. A relação da artesã com os materiais acontece através da experiência prática. E, nas rendas, o que observamos é que devido a essas experiências de manuseio, nem todas as rendeiras utilizam todos os tipos de linhas e pontos para se trabalhar. Algumas preferem as mais finas e outras a mais grossa, dependendo do "peso da mão" como identificam as rendeiras na fala anterior. Mas tudo depende da forma como cada uma delas encara este trabalho manual e da experiência que têm com os materiais.

Neste aspecto, também consideramos o gosto delas por determinadas formas ou materiais e a partir disso, suas práticas do fazer das rendas também são moldadas. Alguns gostos têm origem no próprio fazer, pela facilidade do manuseio e outros são originados a partir do que elas acreditam ser belo, em suas opiniões. Percebemos que a transmissão deste fazer de mães para filhas e seus descendentes acaba interferindo na formação destes gostos, pois algumas delas podem também não querer que determinadas particularidades sejam esquecidas por terem aprendido com suas ancestrais.

Percebemos que a complexidade do gosto pelo material e por determinados fazeres dentro das rendas são maiores e menores do que o todo de seus gostos por determinados materiais. Este valor do gostar relacionado ao material é um todo que está relacionado tanto com a habilidade de fazer (pois não adianta gostar de manusear um material, se eu não tenho a habilidade para fazê-lo), quanto com aspectos mais subjetivos tais como o que elas entendem por belo (e não adianta saber fazer, se elas não percebem determinados subtipos deste fazer como bonitos para elas).

Percebemos aqui uma relação complexa onde o todo é o gostar de determinado material e as variações de ser maior ou menor que este todo está relacionado tanto ao fato de terem habilidade ou não para determinados pontos quanto de apreciarem o fazer ou não de determinados pontos e também o resultado final, como uma renda que as agrade

visualmente. Assim, percebemos a complexidade como algumas vezes maior e outras menor que seu todo, dependendo do ponto de vista, habilidades e gosto da rendeira.

Morin (2015) afirma que “o universo inteiro é um coquetel de ordem, desordem e organização. Estamos num universo do qual não se pode eliminar o acaso, o incerto, a desordem. Nós devemos viver e lidar com a desordem” (MORIN, 2015, p. 89). E ao concatenarmos esta afirmação com o cenário que encontramos entre as rendeiras, percebemos que as rendeiras estão envolvidas por um todo regulado pelo próprio fazer das artesãs. Elas detêm todas as etapas de sua cadeia produtiva e são elas quem irão eleger os critérios para escolher este ou aquele produto para ser feito primeiro. E seus critérios não são determinados pelo mercado ou pelos clientes, mas pela sua própria essência de gostar e pela sua experiência do fazer. Assim, percebemos que elas convivem diariamente com as incertezas, seja se os clientes irão gostar de seus *gostos* e comprar seus produtos, seja o fato de que elas farão um produto mais trabalhoso, mas que terá venda mais fácil.

Independentemente de qual seja o caminho, percebemos que o fazer artesanal é complexo, com ordem e desordem próprias, pois mesmo em uma comunidade com atividades semelhantes e aparentemente padronizadas, observamos, de fato, uma pluralidade das formas de agir e gostar, de cada uma das rendeiras.

3.1.3. Ser rendeira

Observando estas mulheres durante quase dois anos de pesquisa de campo, pudemos perceber que ser rendeira vai além de sentar em uma almofada e produzir rendas. Ser rendeira está ligado à origem delas, ao aprendizado, à identidade e a todas as relações que foram estabelecidas ao seu redor. Algumas delas sentem orgulho deste fazer, enquanto para outras é vergonhoso. Além disso, existe também o imaginário do coletivo: Marilene ao viajar para o Rio Grande do Sul, soube que no passado daquela região, havia rendeiras e que normalmente tinham uma idade bastante avançada. E por isso, quando ela chegou todos procuravam por alguma velhinha que fazia renda e se surpreenderam quando ela sentou em frente a almofada e começou seu fazer.

Nas nossas entrevistas finais, uma das perguntas foi “o que é ser rendeira para você” e as respostas foram¹⁹:

¹⁹ Referente a entrevista individual com Dorizete, Márcia, Edvanda e Marilene no dia 10 de fevereiro de 2019, na Raposa.

Edvanda: Pra mim ser rendeira é fazer uma arte, né? Porque a renda não é só uma arte, mas sim uma distração, pra mente da gente, pra gente distrair, não tá pensando nos problema, tendeu, é tipo uma, como é que se diz, uma terapia. Entendeu? A renda... Entendeu? Eu gosto de fazê a renda, me distrai bastante, e é uma coisa que eu gosto de fazê. Num tô fazendo todos os dia, porque agora tô sentindo a coluna, como eu te falei, mas eu gosto de fazê. Tô concluindo o bolero e agora, depois eu vô fazer o colar aí da amiga, e vamo continua fazendo a renda de bilro.

Marilene: É ter o dom de fazer arte.

Dorizete: É alegria! É alegria ser rendeira, eu tenho orgulho de quando eu chego em qualquer lugar e dizem assim: oh essa é rendeira da Raposa! Eu sinto feliz!!! Eu me sinto feliz!!

Márcia: Ah isso tem um significado muito forte, porque isso leva o nome da minha mãe, né? Tem toda uma história, que ela com certeza, aprendeu com a sua mãe, né? E esse repasse de conhecimento pra mim é muito importante, eu gostaria até que não chegasse, que não finalizasse, né? Mas, minha filha não quer aprendê... Mas no entanto, pra mim isso é uma coisa muito forte, eu gostaria que ela tivesse esta mesma compreensão justamente pra não... parar que isso iria se perdurar, né, pra sempre, né? Pra sempre, tivesse uma continuação. Então, isso é muito significativo pra mim, ser rendeira. Porque leva o nome dela. Da minha mãezinha!

Gláucia não é rendeira, mas sim uma crocheteira e comerciante no corredor das rendas. Devido a sua vontade de aprender a fazer os papelões (que se trata de parte do saber das rendas), ao seu empenho por vender rendas e por conhecer as rendas de qualidade, incluiremos o depoimento que ela nos deu sobre o que é ser crocheteira²⁰:

Gláucia: É uma profissão, é uma terapia, é tudo de bom, né? Porque a gente faz, pra ganhá alguma coisa e também é prazeroso, porque você, às vezes, você já está tão estressada, que você vai fazê o trabalho, aí você esquece de tudo!!! Esquece de tudo!!! É tipo uma terapia mesmo! Eu adoro os meus trabalhos! Eu gosto de... não fico sem, às vezes eu digo vou passá dois dias sem fazê nada, aí eu não consigo! É isso aí, eu acho! Pra mim é trabalho, diversão, terapia é tudo de bom!

Percebemos que todas elas se referem aos seus fazeres como algo além de um simples trabalho. Dorizete fala do orgulho que sente ao ser chamada de rendeira. Edvanda e Gláucia falam do prazer de seus fazeres como algo que as distrai de seus problemas e que muitas vezes serve como uma terapia no dia a dia. Márcia se refere à identidade, com histórias e memórias deste fazer. Para ela é algo que vai além de um trabalho, está relacionado com a hereditariedade de sua família pelas rendas. Para Marilene e Edvanda ser rendeira é sinônimo de fazer arte. Também percebemos, na forma como elas conduzem seu trabalho, que nem todas dominam todas as atividades deste artesanato.

²⁰ Referente a entrevista com Gláucia no dia 10 de fevereiro de 2019, na Raposa.

Ser rendeira não necessariamente as obriga a dominar todos os tipos de pontos, nem a utilizar todas as espessuras de linhas. Seja nas *linhas grossas ou finas*, nos *pontos de traça ou embuchados*, no fazer dos papelões ou não, ser rendeira também significa escolher aquilo que lhes dá mais prazer, neste fazer. Neste caso, como um todo, consideramos o saber-fazer de uma rendeira. Para sê-la, não é necessário saber manusear todos os tipos de linha, nem saber toda a variedade de pontos da renda de bilros, embora seja importante este conhecimento para cada uma delas. Na prática, elas escolhem o que lhes é mais simples e proporciona mais prazer ao fazer.

Desde os tempos remotos, os seres humanos buscam o prazer. Sentimos prazer ao apreciar a natureza, tomar um banho de sol, cheirar um perfume ou comer algo delicioso. Sentimos prazer também com o sucesso profissional e ao superar os outros, demonstrando força, habilidade e influência.

Os prazeres podem ser proporcionados também pelos objetos que nos cercam. Durante muitos séculos, os seres humanos têm criado objetos funcionais e decorativos, em busca de prazeres. Esses prazeres estão associados, basicamente, com os aspectos funcionais e emocionais do produto (JORDAN, 2000 apud IIDA e MÜHLENBERG, 2006, p. 6).

Percebemos que o prazer destas mulheres pelo fazer está relacionado ao fato de gostarem do que fazem, de se dedicarem ao trabalho que elas desenvolvem e de lidar com as linhas, o fazer e sua beleza. Todas elas afirmaram gostar de ver o resultado final de seus trabalhos. Dorizete, por exemplo, fala que, às vezes, aumenta a velocidade de seu fazer buscando terminar para ver como ficou sua renda. Esta associação do artesanato com o prazer do fazer as estimula a continuar produzindo e sendo rendeiras.

Por este item ser bastante abrangente iremos dividi-lo em *desvalorização das rendeiras*, *orgulho das rendeiras*, *identidade das rendeiras*, *renda como terapia*, *linhas da vida e das rendas e a complexidade de ser rendeira*.

3.1.3.1. Desvalorização das rendeiras

Antes de falar sobre o orgulho das rendeiras, buscamos um assunto que contrapõe esta ideia: a desvalorização do trabalho dessas artesãs. Ao entrarmos no campo de pesquisa, observamos que a riqueza do fazer e a beleza de seus produtos têm como contraponto a dificuldade que envolve o fazer das rendas e que não as permite ter lojas modernas, nem locais mais arejados para atender seus clientes. Ana Lúcia, rendeira de Acaraú no Ceará, traz em sua fala o porquê de aprender a fazer renda. E aborda alguns assuntos que nos fazem refletir sobre as condições financeiras e de vida dessas artesãs. Podemos ver a

desvalorização como entraves para que este fazer continue se perpetuando entre as herdeiras dessas rendeiras²¹:

Ana: Eu num vivi a minha vida inteira de fazê renda, não. Eu aprendi a costurá, aprendi a bordá e eu fiquei sempre um pouco... aí depois eu virei sacoleira, mas eu produzia também quando eu num ia vendê. Mas eu era mais na costura. Gostei mais, porque eu montava as pecinhas, e costurava. Eu me voltei muito pra esse negócio de bordado...

Camila: Tinha mais facilidade?

Ana: É... agora aqui na loja eu tô fazendo renda, é o que eu tenho mais produzido.

Camila: Qual o bordado? Ponto Cruz?

Ana: Não, bordado da máquina. Eu num fui muito fã de trabalho manual, porque a gente não tem dinheiro, mulher! Eu tinha que ganhá algum dinheiro.

Camila: Tem que ser mais rápido, né?

Ana: É sim... Aqui a gente também tinha um grupo da associação de ponto cruz, mas agora o ponto cruz não tá tendo saída, pelo menos aqui na loja num tá...

Percebemos que a questão da desvalorização das rendas e de artesanatos em geral não é uma questão exclusiva de Acaraú, CE ou da Raposa, MA, mas do artesanato em geral. Emanuelle Silva (2009) aborda este tema: “a produção do artesanato vem sendo ameaçada pela desvalorização econômica que acaba fazendo com que as novas gerações busquem outras atividades que proporcionem maior garantia de subsistência” (SILVA, 2009, p. 167).

A falta de valorização das artesãs pelos clientes, a falta de incentivos dos governantes com relação às artesãs e a necessidade destes trabalhos serem vendidos, normalmente por preços baixos, desestimula os mais jovens a darem continuidade em trabalhos que são exercidos, muitas vezes, por várias de suas gerações anteriores. Percebemos isto, também, em outras falas de Ana de Acaraú²²:

Ana: Aí, o que acontece... aqui é um desafio na vida da gente todos os dias. Chega gente e “Ah em Fortaleza eu vi por tanto” ... Ah em Fortaleza é tanto... A renda às vezes não tem a mesma qualidade, mas na verdade até tem vista mesmo, porque o que acontece lá: as pessoas que compram pra revenda, elas tipo é uma chantagem. Ou a rendeira vende, ou volta com a renda pra trás. Aí a rendeira não quer voltar porque não tem o que fazer com ela, aí continua aquele preço que não acompanha inflação... continua... do mesmo jeito. Então a rendeira faz uma peça, ela vai tê o dinheiro dela assim: Pronto, hoje eu consegui vender uma peça de renda e eu lucrei 30 ou 20 ou 40 reais aqui ela vai olhá o que ela trabalhou pra ganhá aquilo, mas naquele dia ela faz uma besteirinha com aquele dinheiro. É assim que é a vida das rendeiras. Não é como um trabalho, e uma coisa tão bonita e tão importante.

²¹ Entrevista com Ana Lúcia em Acaraú, no Ceará, no dia 15 de janeiro de 2018.

²² Entrevista com Ana Lúcia em Acaraú, no Ceará, no dia 15 de janeiro de 2018.

Ana Lúcia define o fazer da renda como algo menos valorizado, a ponto de não o considerar um trabalho. Ela fala sobre os baixos preços que se paga às artesãs, que são bastante desestimulantes. Também descobrimos que, em Acaraú, algumas pessoas preferem trabalhar em condições insalubres nas indústrias de camarão a fazer renda, pela diferença de valores que recebem com relação aos dois fazeres.

(...) quando o artesanato deixa de ser um ofício escolhido por condições históricas individuais e passa a ocupar o cenário de um novo empreendimento alternativo, apropriado para sanar o crescente desemprego, sua nova categoria rebaixa aquelas características especiais resguardadas nos rastros de resistência, pois estas parecem ser incompatíveis com as condições de produção e com a desvalorização de seus produtos. (SALGADO e FRANCISCATTI, 2011)

Salgado e Franciscatti (2011) nos trazem a questão de que o desemprego é um fator que praticamente obriga a artesã a ser artesã em épocas que encontrar emprego está mais difícil. Sendo assim, eles reduzem seus preços e não capricham tanto nos detalhes especiais de seus artesanatos, na esperança de que seus produtos sejam comprados e vendidos em quantidades maiores. Isso desvaloriza estes produtos e desestimulam as artesãs a produzir mais. Consequentemente, a venda de produtos cai e o ofício que antes era escolhido por condições históricas de um local, por valores regionais e por costumes se transforma em mais um trabalho sem a devida valorização. E as condições em que este fazer é enquadrado ficam diferentes daquelas estabelecidas por gerações antepassadas de artesãs, que tinham no fazer do artesanato mais do que um trabalho, tradições regionais mantidas por seus descendentes. Ana fala um pouco mais dos seus sentimentos por este fazer²³:

Ana: Aí eu digo: ficá aqui sentada com essa coisa aqui entre as pernas fazendo esse negócio eu num queria fazê. Aí eu aprendi a costurá, eu aprendi a bordá, pra num fazê renda. E eu acho que isso pra algumas pessoas ainda conta, viu? As pessoas têm vergonha de se assumi como rendeira, eu acho. As mais jovens num querem nem fazê... E se fizerem num vai querê tê essa profissão.

Camila: Caramba... e geralmente elas são o que aqui? Elas estudam pra ser o quê?

Ana: Mulher, aqui o pessoal... aqui não tem indústria. O pessoal vive morrendo aqui e se matando é por emprego de prefeitura. É a única empresa que emprega. Aí também tem a questão política. É um inferno esse negócio.

Neste caso, percebemos que o sentimento de desvalorização do trabalho dessas rendeiras resulta em desânimo, o que desestimula a produção artesanal e a criação de produtos

²³ Entrevista com Ana Lúcia em Acaraú, no Ceará, no dia 15 de janeiro de 2018.

novos para esta produção e faz com que as próprias rendeiras não percebam seu trabalho como algo importante. Como todo profissional, elas precisam ter seu trabalho valorizado primeiro por elas mesmas, e então pelos clientes e pelas políticas públicas, que podem estimular sua produção. Algumas vezes, elas precisam entender que o valor também está nos detalhes dos argumentos, das embalagens e na inovação de seus produtos.

O contraponto da desvalorização está no tema orgulho das rendeiras, que abordaremos no próximo item e, no seu final, concluiremos em face das relações entre estes dois valores que são importantes e complementares.

3.1.3.2 Orgulho das rendeiras

Não só as rendeiras modificam suas rendas, mas a renda também as modifica. Elas ficam curiosas para ver seu trabalho finalizado. Algumas vezes, sentem raiva por demorar tanto, em outras comemoram com alegria este fazer. Dorizete, na fala anterior, quando perguntamos o que é ser rendeira ela discorre sobre o orgulho que sente ao ser reconhecida como a rendeira da Raposa e da felicidade que esta sensação remete a ela.

Na conversa a seguir, o orgulho profissional dessas artesãs pode ser percebido como uma marca deixada por este fazer e pelo senso de coletividade que a comunidade dessas rendeiras propicia a cada uma delas²⁴.

Edvanda: Eu não sô caranguejo pra andá pra trás, eu tenho é que andá pra frente, em nome de Jesus!
 Edvanda: Não é dona Gláucia?! Nós somo é rendeiras! Rendeiras e rendeiras profissionais! A Raposa só tem rendeiras profissionais!
 Gláucia: Eu não me garanto na renda, não!
 Edvanda: A senhora se garante é no crochê?
 Gláucia: É!

No trecho de conversa acima, percebemos que o fazer das rendas as motiva a continuar, a não desanimar pelas dificuldades que possam surgir. Edvanda traz o termo *rendeiras profissionais*, carregando o significado de credibilidade e tradição que transmite aos seus clientes. E Estelle Morin (2002) aborda algumas características que contribuem para a questão de dar sentido ao trabalho e valorizá-lo.

Hackman e Oldham propuseram um modelo que tenta explicar como as interações, as características de um emprego e as diferenças individuais influenciam a motivação, a satisfação e a produtividade dos trabalhadores. Segundo esse modelo, três características contribuem para dar sentido ao

²⁴ Conversa realizada no dia 26/07/2018 na loja da Edvanda, no corredor das rendas, Raposa - MA. Participaram Camila, Edvanda e Gláucia.

trabalho: 1. a variedade das tarefas: a capacidade de um trabalho requerer uma variedade de tarefas que exigem uma variedade de competências; 2. a identidade do trabalho: a capacidade de um trabalho permitir a realização de algo do começo ao fim, com um resultado tangível, identificável; 3. o significado do trabalho: a capacidade de um trabalho ter um impacto significativo sobre o bem-estar ou sobre o trabalho de outras pessoas, seja em sua organização, seja no ambiente social (MORIN, 2002, p. 72).

A característica *variedade das tarefas*, conforme descrita por Morin (2002) é uma das encontradas tanto nas atividades de rendeira quanto nas tarefas diárias dessas mulheres: elas têm a oportunidade de modificar seus produtos, pois o fazer depende unicamente delas, além de diversificar suas tarefas: tanto as diárias e domésticas quanto das rendas.

A segunda característica *identidade do trabalho* é algo que elas trazem com o trabalho da confecção das rendas. A identidade do fazer das rendas vem de ancestrais destas mulheres que hoje, identificam não somente seu trabalho e seu fazer, mas suas relações, a forma que levam suas vidas e como este trabalho as influencia diariamente. Detalhamos esta característica no item 4.2.3.

Em relação ao significado do trabalho, traremos algumas falas para ilustrar esta terceira característica de Morin (2002) da entrevista final com cinco rendeiras²⁵, quando a pergunta foi “O que significa a renda para você?”:

Márcia: A renda pra mim além de, o meu trabalho, ele além de ser o meu trabalho, ele também é... sei lá, eu me satisfaço com ele, gosto de fazer, né? Serve de entretenimento também pra mim, é isso! Isso mesmo, meu trabalho!

Edvanda: Uma obra de arte. Uma coisa bonita. Que a gente começa a trabalhar naquele, naquele molde e de repente a gente vê aquela renda saí, como uma coisa que é tão bonita, principalmente quando a gente modifica ela, a gente faz uns ponto diferente. Fica lindo. E o colorido dá aquele destaque, como tu já viu, né Camila, fica muito bonito! Fica mesmo!

Marilene: A renda gera renda.

Gláucia: É tudo misturado! Porque às vezes você tá... Por exemplo, eu tô fazendo esse vestido! Né? Ele tá me dando um trabalho da porra! Tem a parte de baixo! Que ele, ele é... aqui ele é assim, oh! Ele é aberto aqui, aí tem outras aplicações aqui e ele vai ficar pontudo! Já me deu trabalho, já desmanchei, já fiz uma parte, mas quando você termina, que você coloca ali na boneca, que ele tá perfeito, é uma sensação maravilhosa! Né? Oh! Aliás é qualquer coisa que você faça, quando você faz, que você vê o resultado, aí você fica feliz! Né, que aquilo ali dá um prazer, uma felicidade, tudo de bom!!!

Dorizete: Pra mim... bem, significa muita coisa. Primeiro lugar: prazer mesmo, de trabalhar na renda. Complemento de renda familiar. Eu me divirto. Quando

²⁵ Entrevista realizada nos dias 10 e 17 de fevereiro de 2019 na Raposa com Edvanda, Gláucia, Dorizete, Márcia e Marilene. Gláucia responde a pergunta o que “significa o crochê para você?”, pois embora ela não faça renda e sim crochê, ela tem uma loja no corredor das rendas, fez questão de aprender a fazer o papelão das rendas e está constantemente envolvida nas atividades de venda das rendas.

eu pego uma renda assim nova, eu me divirto com ela. Eu fico querendo saber o final. Às vezes eu nem durmo mais meio dia, na pressa de vê aquele pedaço já feito. Então, é uma coisa que eu gosto demais! Eu gosto demais! Eu pretendo, em nome de Jesus, quando eu me aposentar eu vou passa o tempo todinho essa almofada aí, de manhã e de tarde! Às vezes, até de noite!

Para cada uma destas mulheres, a renda tem um significado bastante importante. Para Márcia, além de ser seu trabalho é algo que ela gosta de fazer. Para Edvanda está relacionado ao fazer de algo muito bonito, ela gosta de ver o resultado de seu trabalho. Para Marilene, a renda significa gerar dinheiro para sua família e a de outras rendeiras. Para Gláucia é o resultado final traz satisfação e felicidade por ver algo bonito se formar e para Dorizete significa *muita coisa*: complemento da renda familiar, diversão, distração e um trabalho que lhe dá prazer.

Percebemos por estas falas, que além da renda financeira, a renda gera um sentimento de carinho pelos produtos, uma curiosidade por ver a forma final das rendas e um grande prazer por este fazer, que é visto por algumas delas como terapia, afinal é algo que as rendeiras se dedicam constantemente.

3.1.3.3. Identidades das rendeiras

Ao conversar com as rendeiras e saber sobre a vida dessas mulheres, voltamos com elas em suas memórias do passado, de quando eram crianças e como chegaram a ser rendeiras. Em uma conversa informal com Edvanda, Gláucia e Maria Lucivanda, elas nos contam como foi aprender a fazer renda ainda criança²⁶:

Camila: Por qual motivo você faz renda?

Edvanda: Eu faço renda... por qual motivo... em primeiro lugar, pela minha... a sustentação da minha família, de trazer o sustento... e que eu gosto também de fazer a renda... eu me sinto bem fazendo a renda. Foi uma coisa que minha mãe me ensinô e que eu gosto de fazê... entendeu?

O fazer das rendas é uma atividade, que conforme vemos na conversa acima, responsável pela “sustentação” ou remuneração financeira dessa família. Percebemos as identidades mãe, avó, filha, amiga, provedora da família, além da própria identidade de rendeira, que trabalha para poder ter as rendas para vender e através disso manter a sua família financeiramente:

Camila: Então você aprendeu com a sua mãe?

Edvanda: Foi minha mãe quem me ensinou...

²⁶ Visita ao corredor das rendas, na Raposa no dia 15 de dezembro de 2017.

Camila: E ela aprendeu com quem?
 Edvanda: Já com a minha avó.
 Camila: Jura?
 Edvanda: É
 Camila: E você (para Maria Lucivanda)?
 Edvanda: Cá minha mãe.
 Gláucia: Vai passando de geração pra geração...

Uma atividade que “vai passando de geração pra geração”. Um dos conceitos da formação da identidade de comunidade imaginada, conforme Hall (2006) nos aponta é “perpetuação da herança” (HALL, 2006, p. 58). Por essas conversas com as rendeiras da Raposa, também percebemos que a transmissão e criação de novos produtos, por meio deste saber-fazer, estão comprometidos pelos valores recebidos em dinheiro por essas rendeiras. Além de saber que diversas mulheres mais novas (filhas dessas rendeiras) têm se dedicado a trabalhar em São Luís, pois é uma forma de ter remuneração maior.

Percebemos que o significado para a maioria delas envolve a emoção de seu trabalho indo além do valor financeiro. Entendemos, também, que este fazer gera bem-estar, curiosidade para saber como a renda será no final, tranquilidade por ser considerado por elas uma terapia que as permite esquecer seus problemas e prazer pelo fazer. Estas são características importantes que geram o orgulho de serem rendeiras. Percebemos o orgulho destas rendeiras por seu trabalho em outros momentos também, quando se reconhecem em músicas, cenas de novelas ou no cotidiano, traduz-se a sensação de um coletivo maior²⁷:

Edvanda: Eu tô lá em casa, tava passando a novela das seis aí tinha uma música e a mulhé: “alou mulhé rendeira” Eu digo aí a renda tá inté na televisão aí! A mulher cantando e ía limpando lá a casa lá! “Olê mulhé rendá! Me ensina a fazê renda, que ela te ensina a namorá!”
 Gláucia: É a música do lampião!
 Edvanda: É do lampião.
 Camila: Ah é? do lampião?
 Edvanda: É! Cangaceiro! Eu gosto de fazê a renda, desde os sete anos eu lembro quando a minha mãe foi me ensiná a fazê a renda, mas essa minha irmã que tu olhó aí, Camila, ela faz, mas ela qué não, aprendê muita coisa da renda não. Aí a mamãe colocava nós, ela ficava no meio e nós do lado, cada uma com uma almofada. Oh mulher pra aprendê a fazê renda da cigana. renda da cigana, dente de rato, eu levei muito cascudo.

A identidade (MORIN, 2002) da mulher rendeira já faz parte do imaginário da sociedade, embora nem todos os aspectos sejam percebidos ou considerados neste imaginário. A

²⁷ Conversa realizada no dia 26/07/2018 na loja da Edvanda, no corredor das rendas, Raposa - MA. Participaram Camila, Edvanda e Gláucia.

realidade está além, pois não são simples mulheres que fazem rendas, mas são aquelas que têm brilhos nos olhos por conseguir manter seus filhos na escola, bem alimentados e saudáveis, também são aquelas que cuidam de suas casas e de seus pais quando eles precisam. São mulheres que nem sempre estão sentadas na almofada, pois por não lucrarem tanto com o fazer de suas rendas, seu trabalho remunerado, precisam ter outros papéis em suas vidas diárias, além de serem rendeiras.

Ser uma rendeira na Raposa significa ter, muitas vezes, as identidades de mulher, mãe, filha, avó, neta, empreendedora, negociante, professora (que ensina este fazer para seus descendentes), provedora da família, esposa de pescador, comerciante, entre outras. Também significa ter memórias sobre sua vida na Raposa, tanto de agora quanto do tempo que migrou para este lugar. Ir atrás de clientes e sacoleiras é outra atividade que faz parte de suas vidas.

Enfim, ser rendeira no *corredor das rendas* e na Raposa significa acolher suas memórias, vestir suas identidades nos diversos papéis de seu dia a dia e relacionar-se com o espaço e com as diversas pessoas que fazem parte dele. Significa ser solidária quando sua vizinha precisa, mas também ser um pouco solitária nas decisões de seu comércio e no seu cotidiano.

3.1.3.4 A complexidade de Ser Rendeira

Podemos classificar este orgulho profissional como um valor que pertence à terceira etapa do complexo, pois como Morin (2015) explica, a terceira etapa é “um fenômeno perceptível e cognoscível, que não pode ser explicado por nenhuma lei simples” (MORIN, 2015, p. 86). Este é um sentimento particular de cada rendeira e bastante complexo, pois é formado a partir de questões das identidades deste fazer, das facilidades às quais ele permite (como comercializar suas rendas e dedicar-se às tarefas de casa e aos filhos e familiares), do amor que têm por seu trabalho, também das dificuldades que estas mulheres enfrentam na sua vida diária, e a percepção geral do fato de ser rendeira como um todo.

Como contrapartida do *orgulho das rendeiras* temos a *desvalorização das rendeiras*. Ambos são valores que pertencem ao todo de *ser rendeira*. Percebemos nesse fazer, que há sentimentos que o engrandecem e outros que apontam realidades não favoráveis,

convivendo dentro do *ser rendeira*, que mesmo fazendo belíssimos trabalhos, não têm seu valor reconhecido com frequência.

Ser rendeira também conta com suas identidades de neta, filha, mãe, irmã, vizinha, amiga, que são identidades inseparáveis das rendeiras. Encontramos Dorizete, por exemplo, inúmeras vezes fazendo sua renda na associação das rendeiras. E normalmente ela está com alguma amiga, ou uma de suas filhas ou netas. Sempre conversando sobre alguma questão de sua igreja ou sobre seus amigos e familiares ou algum acontecimento da Raposa.

Ser rendeira também apresenta dificuldades que, algumas vezes, faz essas artesãs terem vergonha de se mostrarem como tal, devido ao valor que os clientes pagam por suas rendas. Elas pensam a respeito do tempo de trabalho, da sua dedicação a este fazer e sobre o baixo retorno financeiro que ele proporciona a elas, muitas vezes desanimador. E algumas delas acham que as pessoas, ao olhá-las trabalhando em uma almofada, veem mulheres pobres, com seu trabalho pouco valorizado.

Ser rendeira é motivo de orgulho para muitas artesãs. Aquelas que ficam muito felizes ao serem apontadas como rendeiras da Raposa ou que se autodenominam rendeiras profissionais. Que gostam de olhar seus produtos elaborados de forma *bem feita* e de terminar uma peça e ver que valeu todo seu tempo e esforço dedicados a este fazer. Há aquelas também que comparam seu fazer a *corações porreta* pela força que todo o caminhar da vida lhes ensinou.

E para elucidar estas narrativas, trazemos a afirmação de Morin (2015) sobre organizações, mas que se encaixam exatamente no *ser rendeira*:

Assim, ao produzir produtos independentes do produtor, gera-se um processo em que o produtor produz a si mesmo. De um lado, sua autoprodução é necessária para a produção de objetos, de outro lado a produção dos objetos é necessária para sua própria autoprodução. (MORIN, 2015, p. 86).

E percebemos que não apenas elas, com suas habilidades de trançar os bilros, moldam seus produtos, mas este fazer, sua lida diária de vender rendas e seus olhares expertos para belas rendas também as moldam como pessoas.

3.1.4. A renda que gera renda

Na entrevista final com as rendeiras, Marilene nos respondeu à questão “o que significa a renda para você?” Como “a renda gera renda”? E achamos importante abordar o assunto do valor da renda financeira gerada por este fazer, uma vez que o dinheiro recebido pelas rendas supre a compra de novos materiais para fazer novos produtos, auxilia o pagamento de algumas contas das casas de diversas rendeiras e, muitas vezes, sustenta famílias inteiras.

Nos jogos mediativos, a renda no sentido financeiro também foi parte de nossos temas de rodadas²⁸:

Raquel: Escolha uma colega e pergunte “Qual a função do bilro?”. Edvanda, qual a função do Bilro?
 Edvanda: A função do bilro é fazê a renda, o artesanato, como minha mãe tá fazendo aí, né? Porque o bilro, é a renda de bilro... é o bilro ou é a renda que fala aí? É o bilro, né? Que é a renda de bilro, né? É as peças que nós fazemos, vestidos, os boleros, entendeu? E a função é que traz renda pra nós.
 Raquel: A renda que traz renda?
 Edvanda: É a renda que traz renda!
 Raquel: E serve pra prender o fio, né?

Na própria palavra *renda* temos a relação de duplo sentido, que pode significar a renda como o artesanato feito pelas rendeiras com os fios trançados por bilros na almofada ou a renda, dinheiro, responsável pelo sustento financeiro da família. Por isso ficou: “ É a renda que traz renda! ”. Esta atividade do comércio e do fazer das rendas são atividades complexas e complementares, afinal todas as rendeiras precisam negociar e vender seus produtos e para isso ser flexível, saber valorizar seus produtos e os preços pelos quais são vendidos, conciliar seu tempo de produção com as outras atividades diárias e diferenciar seus produtos face à concorrência no *corredor das rendas* e, indiretamente, com diversos produtos do mercado.

Para explorarmos mais este assunto do comércio das rendas, dividiremos este item em *o tempo das rendas*, “*alisar a cara*”, *ética na concorrência*, *roupas diferentes e a complexidade da renda que gera renda*.

²⁸ Visita ao corredor das rendas, na Raposa no dia 15 de dezembro de 2017.

3.1.4.1. O tempo das rendas

Vários clientes entram nas lojas da Raposa e logo questionam o preço dos produtos dessas rendeiras. A pergunta “quanto custa?” é uma constante na vida dessas artesãs. E a resposta geralmente está atrelada ao argumento sobre porque o preço é mais alto que uma blusa feita por costureiras. O tempo de produção e a dedicação a este fazer que é uma das respostas dessas artesãs²⁹:

Camila: Quanto que sai uma toalha dessa?
 Edimar: 1800,00 reais.
 Camila: Mas quanto tempo de trabalho vai numa toalha dessa?
 Edimar: Se fosse só eu que fizesse duraria quase um ano.
 Camila: Ah meu Deus! Um ano?
 Edimar: É, mas são outras... outras pessoas que trabalho.
 Camila: Todo mundo faz uma parte?
 Edimar: Uma tira... uma tira. Mas são vinte tiras.
 Camila: E quanto tempo que leva pra fazer uma tira dessa?
 Edimar: Mais de cinco dias, só uma tira, uma rendeira ligeira.
 Camila: É porque é tudo de linha fina, não é?
 Edimar: É.
 Camila: E essa aqui é daquela que não se desfaz, né?!
 Edimar: Não, ela é cara por isso, porque o ponto dela é.
 Camila: É diferenciado!
 Edimar: É!

As rendeiras, além da renda, também têm as tarefas domésticas que ocupam parte do seu dia. Normalmente, temos como referência a nossa forma de viver nas cidades: vamos ao açougue e compramos carne, no mercado ou supermercado e compramos todos os tipos de alimento e tudo está praticamente pronto, faltando apenas que preparemos nossas refeições. No entanto, para algumas delas a alimentação precisa de alguns trabalhos a mais e leva mais tempo para ficar pronto. Por isso, o tempo que sobra, elas dedicam ao fazer das rendas, que garante a elas algum dinheiro para complementar a renda familiar.³⁰

Ana: É por isso que você vê muita renda em uma loja, porque a produção de uma rendeira é uma peça por mês, duas se não for muito grande. Às vezes leva até mais tempo, porque rendeira é assim: a renda vem em último caso. Ela primeiro cuida da casa, das criança, do marido. Uma ajuda os marido nas roças, que as rendeiras são as mais pobres da região.
 Michael: Você viu que aquela que a gente foi conversar? Estava catando feijão.
 Camila: Sim, verdade!
 Ana: Pronto, aí quando chega no tempo do cajú elas colhem castanha, aí ajuda os marido também nas roça a raspá mandioca. Essas coisa tudo aí tá. A renda é quando elas não tem mais outra coisa.
 Camila: Aí vão pra renda.
 Ana: Mas quando eu te falo que a diária de uma rendeira mínima não é baseada nisso, é baseada mesmo por hora, se fosse vê assim a hora trabalhada. Te falo, porque a hora justa de trabalho seriam oito horas, né?
 Camila: Sim.

²⁹ Conversa com dona Edimar no corredor das rendas em 24 de janeiro de 2018.

³⁰ Visita a Acaraú em 15 de janeiro de 2018.

Ana: Mesmo ela... se ela trabalhar oito horas, ela não tem uma produção grande... pelo valor que é vendida a peça, a diária dela num dá cinco reais, não.

Camila: Nossa, é muito pouco.

Ana: É muito pouco e todo mundo que vai comprá uma renda, não quer pagar o que a gente pede, diz que é muito caro e pede muito desconto. A gente fica doente até, de atendê os cliente.

Camila: Com certeza, porque leva muito tempo, né?

Ao lermos o relato de Ana, percebemos que o tempo do fazer das rendas é dividido com o tempo das tarefas domésticas delas. Essas tarefas são normalmente colheita de legumes, verduras, frutas e leguminosas dos seus quintais e, algumas vezes, também precisam matar um porco ou galinha para cozinhar sua carne para o almoço e, outras vezes, auxiliam seus maridos nas atividades sazonais como a colheita do caju para a queima da castanha. Além disso, também têm como afazeres os cuidados com a limpeza da casa, a educação e criação dos seus filhos. Todas estas tarefas são divididas com o fazer das rendas. Por isso, normalmente, estas mulheres não conseguem dedicar oito horas de seu dia ao fazer das rendas. Na citação abaixo, Noronha (2011) aborda o assunto do tempo:

Essa assimetria entre produtores e consumidores revela as forças que interferem na produção artesanal de Alcântara e, cada vez mais, é possível projetar um cenário no qual o tempo da produção artesanal vai deixando de existir. Se pensarmos a atividade artesanal como a forma de expressão de um saber-fazer específico e que o valor do tradicional é importante na medida em que deixa as artesãs livres para expressarem o que pensam sobre si e sobre o seu lugar, o tempo da encomenda aliena esta possibilidade da vida dessas artesãs, dando lugar a outras formas de sociabilidades, mais pautadas no desejo e no tempo de um *outro*. (NORONHA et al, 2011, p. 89).

O tempo do fazer das rendas, algumas vezes, é visto como algo demorado, no entanto, precisamos levar em consideração toda a complexidade de situações nas quais estas mulheres estão inseridas. Este fazer está nos intervalos de suas atividades domésticas, nas suas tardes quando colocam as almofadas na porta de suas casas para aproveitar e conversar um pouco com suas vizinhas enquanto trabalham as rendas.

As características do tempo de trabalho dessas mulheres são alguns valores que também influenciam os preços das rendas. O valor pago pela hora de trabalho das rendeiras, normalmente é de quatro reais. Se formos considerar que estas mulheres trabalhassem 40 horas por semana, teriam no final do mês a remuneração de 640,00 reais (bastante inferior ao nosso salário mínimo atual de 998,00 reais). Estes baixos valores desestimulam o fazer das rendas.

Alguns profissionais da moda, estão compreendendo que o trabalho dos artesãos, em geral, têm seu próprio tempo, que deve ser respeitado e valorizado, como é o exemplo que trouxemos da conversa de Eduardo Motta (editor de moda) com Fernanda Yamamoto (estilista de moda).

Eduardo Motta: Que cuidados tomar para que projetos que incorporam artesanato cumpram seus objetivos de gerar renda para comunidades de artesãos e respeitem o patrimônio que lhes pertence?

Fernanda Yamamoto: Acho que respeitar o tempo deles, pensar em projetos de longo prazo e remuneração justa. É algo bem complexo: como remunerar? O que é o justo? Tivemos várias conversas com o coletivo Cunhã para chegar a um valor de remuneração. O fundamental é entender o contexto, compreender a realidade antes de intervir. Além disso, não pode ser uma relação vertical. No processo, é preciso respeitar a tradição, respeitar o tempo do artesão e sua bagagem cultural (MOTTA, 2017, p. 69).

Esta conversa nos aponta a importância da precificação das rendas em conjunto com as rendeiças. Afinal, para formar o preço das rendas precisam ser considerados: o tempo e a qualidade do trabalho, o conhecimento envolvido, os materiais utilizados e toda a complexidade de valores em que estes produtos estão envolvidos. Mais uma vez observamos que alguns profissionais estão entendendo que o artesanato tem seu próprio tempo. E que, embora o mercado exija demanda em larga escala, as rendeiças não deixarão de fazer suas atividades diárias, pois se não as fizer, não há outra pessoa que as ajude. Além disso, a questão do preço é um componente que muitas vezes pode atrair ou repelir as artesãs do fazer de seu artesanato, dependendo dos valores que são estabelecidos. Por isso, a importância de envolver estas mulheres na elaboração dos preços dos produtos.

No próximo item, abordaremos a questão da flexibilidade e o jogo de cintura que estas mulheres precisam ter nos seus comércios.

3.1.4.2. “Alisar a cara”

Adaptar-se ao meio em que se vive é uma capacidade que o ser humano adquire a partir das experiências de conviver com outras pessoas, também é bastante direcionado na autogestão de líderes, ou seja, trata da capacidade de gerenciar suas emoções para que não sejam destrutivas (RUSSO e CUNHA, 2005). Adaptação e flexibilidade são características obrigatórias para comerciantes, no entanto, em comércios informais, elas são aprendidas através da experiência de vida.

Adaptabilidade: capacidade de ser flexível, permitindo a adaptação em situações voláteis ou na superação de obstáculos. É também a capacidade de

lidar com várias demandas simultaneamente sem perder o foco ou a energia (RUSSO e CUNHA, 2005, p. 365).

Em nossa pesquisa, as rendeiras, como líderes de seus comércios, precisam ter “jogo de cintura” para se adaptarem às diversas situações que possam ocorrer diariamente. Sejam elas a negociação de valores com clientes ou sacoleiros, as encomendas que envolvem estabelecimentos de regras para os clientes, para cumprir acordos estabelecidos, e para as rendeiras com as quais o trabalho será dividido. Gláucia, trabalhando no comércio das rendas e do crochê, vivenciou diversas situações às quais precisou se adaptar. A um dos tipos de adaptação ela nomeou “alisar a cara”. Com sua experiência de vida, ela entendeu que não adianta se prejudicar emocionalmente para lidar com situações complicadas³¹:

Gláucia: Ela trouxe aquela boneca de 25,00 ela fez pra mim de 10,00.
 Edvanda: Bora mandá ela fazê umas, bora?! Ainda se zanga, ela se zanga...
 Gláucia: Pode se zangá, eu já alisei minha cara mesmo...
 Camila: Que é alisar a cara?!
 Gláucia: Que tô nem aí! de primeiro a pessoa se zangava e eu ficava zangada também... agora eu fico é sorrindo... feliz da vida!!
 Camila: Eu não acredito!!! rrsrs
 Edvanda: Faz parte da vida...
 Camila: Alisei minha cara é boa... gostei dessa!!!
 Gláucia: Aqui tem que aprendê ou alisa ou morre!! É não, Edvanda?!

Nesse caso, elas estão conversando sobre a negociação de uma boneca, mas diariamente elas têm que se desvencilhar de diversas situações que ocorrem nas vendas de seus produtos. Por isso precisam “alisar a cara”, como elas mesmas dizem. A experiência de vida permitiu que elas tivessem mais tranquilidade para tratar alguns assuntos, que inicialmente eram vistos como difíceis ou desgastantes.

Embora no próximo item também seja necessária a flexibilidade e o “alisar a cara” para que determinadas situações sejam solucionadas, focaremos a concorrência entre as rendeiras da comunidade da Raposa e de outras localidades.

3.1.4.3. Ética na concorrência

A concorrência entre as rendeiras as faz esquecer, ainda que momentaneamente, o sentimento de reciprocidade entre elas. De um lado, a rendeira que sabe fazer o papelão dificilmente repassa suas criações para as demais. Por outro, as demais rendeiras não querem pagar pelos novos papelões, nem aprender ou ajudar nesta atividade, cujo

³¹ Referente ao encontro do dia 08 de agosto de 2018, no qual participaram Márcia, Edvanda, Gláucia e Camila, na loja de Edvanda.

conhecimento tem sido deixado para trás pela maioria delas. Fazer papelão não é uma atividade fácil, nem rápida para quem está aprendendo. Exige dedicação e tempo. E possui valor de troca, pois a partir dos papelões as rendeiras podem diferenciar seus produtos. Caso não haja novos, elas continuarão fazendo as mesmas rendas e usando os mesmos papelões, até que um modelo novo chegue a elas e possa ser copiado.

Quando as detentoras do conhecimento do papelão repassam suas novas criações às demais rendeiras, são chamadas de “bom coração”, conforme a conversa abaixo³²:

Raquel: E como é que faz? Pede emprestado?

Edvanda: É, muitas vezes, umas não quer nem emprestar o papelão. A gente já pega de outras que faz, já, tipo assim “eu sou rendeira, eu dei um papelão pra uma pessoa, mas a rendeira que deu não quer que passe pra outra, pra não pegar, não copiar, mas sempre tem uma de bom coração que faz “ah eu faço pra ti”, aí a gente pega.

Em nossas primeiras visitas, percebemos certa concorrência entre as demais rendeiras com esta que sabe criar papelões. No entanto, com o passar do tempo, observamos que a reciprocidade das trocas não ocorre: a rendeira mais conhecida pela diferenciação de produtos e por fazer novos papelões é vista como alguém que segura estes papelões para si, no entanto, não observamos qualquer outra rendeira ajudando-a ou pedindo-lhe que ensine esta atividade com a finalidade de ampliar a diversificação de produtos de sua própria loja. O comum e o comodismo se juntaram na prática de reclamar.

Segundo Marcel Mauss (2003), os objetos têm uma espécie de vida ao serem trocados e a troca pré-determina que uma pessoa tenha que dar e a outra receber e então retribuir à primeira. Nessas ações se estabelecem o equilíbrio. Afinal, fazer um papelão não é uma atividade simples. Nós, como pesquisadoras, fomos em busca de aprender esta etapa da produção para compartilhar com algumas rendeiras e percebemos que se trata de uma atividade difícil, que demanda tempo e dedicação.

Assim, percebemos que as trocas são importantes, no entanto, pouco valorizadas. Mauss (2003) aborda a importância sobre o retribuir das coisas:

A obrigação de retribuir dignamente é imperativa. Perde-se a “face” para sempre se não houver retribuição ou se valores equivalentes não forem destruídos.

(...) Cada uma dessas coisas preciosas tem dentro de si, aliás, uma virtude produtora. Ela não é apenas signo e penhor; é também signo e penhor de riqueza, princípio mágico e religioso da hierarquia e da abundância. Os pratos

³² Visita ao corredor das rendas, na Raposa no dia 15 de dezembro de 2017.

e as colheres com que se come solenemente, decorados e esculpidos, brasonados com o totem de clã ou o totem de posição hierárquica, são coisas animadas. São réplicas dos instrumentos inesgotáveis, criadores de alimentos, que os espíritos deram aos antepassados. Eles próprios são tidos como mágicos. Assim, as coisas são confundidas com os espíritos, seus autores, e os instrumentos de comer com os alimentos. Assim, os pratos kwakiutl e as colheres haïda são bens essenciais de circulação muito escrita, e são cuidadosamente repartidos entre os clãs e as famílias dos chefes (MAUSS, 2003, p. 250; 257; 258).

Neste texto, as dádivas ou presentes devem ser retribuídos, caso contrário fica “pesado” para um lado, pois apenas um dos lados é beneficiado e o outro o eterno doador. Isso significa, por exemplo, que se a rendeira que detém o conhecimento do papelão resolve dar um deles, a pessoa que recebe deveria ao menos aprender como fazer e confeccionar seus próprios e então trocar alguns dos seus com esta rendeira com a qual aprendeu esta atividade ou dar em troca algo de valor para a rendeira que doou o papelão.

Estas questões de papelões com modelos novos geram concorrência entre elas, devido à existência de muitos produtos semelhantes. Por isso, as rendeiras escondem os novos papelões, para que a exclusividade seja delas. Assim, temos um corredor de rendeiras com uma certa competitividade entre essas artesãs.

Observamos essa concorrência quando fomos ao corredor das rendeiras e visitamos Marilene. Ela nos informou que uma das últimas lojas do corredor tinha rendas de modelos novos. Em outro momento, ao comprarmos uma blusa de Márcia ela nos pediu que escondêssemos a blusa para que as outras rendeiras não nos abordassem, pedindo para copiar o modelo. Ou quando conversávamos com Dorizete e fazíamos os papelões junto com ela e ela nos pedia exclusividade nos modelos.

Entretanto, existe outra concorrência: há competitividade entre as rendeiras (da Raposa) que participam de feiras fora da Raposa, e entre as rendeiras da Raposa e as rendeiras de outras localidades.

Dependendo de qual rendeira participe, ela pode levar produtos das rendeiras que fazem parte do seu convívio, deixando as demais com um sentimento de rivalidade. Normalmente é o que ocorre quando Marilene ou Edvanda são chamadas para participar das feiras (normalmente apenas uma delas vai).

Ao participar de uma feira em Fortaleza, Marilene nos relatou que havia rendeiras do Ceará no evento. Ela nos contou que sempre que vai a lugares novos, antes de expor seus

produtos, ajuda todos os outros participantes a montarem seus locais e observa tudo. Ela também entendeu que a demonstração do fazer da renda é uma atividade que promove seu produto, pois, curiosos, os clientes querem vê-la fazendo a renda e vão além, querem aprender este fazer também. Ao sentar em frente a almofada e pegar os bilros para trançar, eles percebem que este fazer não é simples de se aprender e através disso valorizam as rendas que estão expostas para venda.

Além de saber desta forma de comunicar seu produto, ela também observou que havia outra pessoa que também vendia rendas. Para que não houvesse concorrência, ela foi conhecer esta pessoa e seus produtos. Ao ver que eram poucos, ela comprou praticamente todos e percebeu que as outras rendeiras foram embora, pois haviam levado poucos produtos para serem expostos. Depois disso, Marilene expôs sua almofada e começou a fazer renda. Segundo ela, um grupo de estrangeiros foi conhecer seus produtos e quiseram aprender a fazer. Ela nos contou que vinte minutos foi o suficiente para eles perceberem a dificuldade desse fazer. Com esta prática, quase todas as suas rendas foram vendidas. Percebemos, então, a importância de mostrar este fazer e o valor que ele estabelece com a existência do produto pronto.

O próximo item abordará a diferenciação de produtos, que é importante para se destacar entre as rendeiras da Raposa e também, para aumentar as ofertas de opções para os consumidores.

3.1.4.4. Roupas Diferentes

Nem sempre as rendeiras têm habilidade ou o conhecimento para desenvolver novos papelões. Algumas vezes elas ganham papelões de suas amigas, em outras, compram as novidades e repassam o modelo para o papelão (segundo elas, se a renda está pronta é possível transpor o molde da renda para o papelão) e além disso, elas também inovam misturando renda com pano ou renda com crochê ou ainda a renda de bilros com outros tipos de renda. Fazer roupas diferentes é uma preocupação entre as rendeiras.

Edimar: É.

Camila: Tá joia, me diz uma coisa, que produto que a senhora mais vende aqui, dona Maria?

Edimar: Minha irmã, eu faço as roupa, né? E vendo muito porque é diferenciada, né? São roupas diferente. Que só eu faço.

Camila: E o que que tem de diferente nas rendas da senhora? Me conta!

Edimar: Tem assim, ó, cadê? Assim oh, por que eu faço assim...

Camila: Ah... aplique nas blusas?
 Edimar: Aquela lá azul, lá no canto...
 Camila: Nossa, que linda!!
 Edimar: É...
 Camila: É uma bata com aplique, né?
 Edimar: Um aplique, na batinha, aí eu bordo, eu faço pontinho de mão em cima...
 Camila: Essa manguinha aqui... que tá com um pouquinho de renda de bilro, a senhora faz aqui e depois aplica nela, é isso? A renda é linda!
 Edimar: Eu sempre inovo, eu faço bolsa, eu boto renda, eu sempre inovo o meu trabalho, eu diferencio ele. Porque assim, toda loja que você entrar tem uma blusa de renda, né?

Para elas é importante que se tenha “produtos diferentes”, pois eles farão a diferença entre as demais rendeiras. Isso possibilita que um cliente saia de sua loja e depois volte para comprar o produto que apenas ela tem. As diferentes formas de um produto: “Muitos produtos podem ser diferenciados quanto à forma - tamanho, formato ou estrutura física” KOTLER e KELLER (2012, p. 351). Além da forma, Kotler e Keller (2012) também abordam as características de produtos:

Muitos produtos podem ser oferecidos com características variáveis, que complementam sua função básica. Uma empresa pode identificar e selecionar novas características apropriadas fazendo pesquisas com compradores recentes e, em seguida, calculando o valor para o cliente em relação ao custo para a empresa de cada característica potencial (KOTLER e KELLER, 2012, p. 351).

Para a diferenciação, observamos Kotler e Keller (2012) mencionar a necessidade de fazer pesquisas com compradores. Percebemos que estas rendeiras observam estas questões na prática, por suas produções existirem em pequena escala. Assim, elas fazem os produtos novos e observam se eles são vendidos ou não. Caso percebam que os consumidores estejam comprando, elas produzem mais. Assim, chega-se a próxima reflexão, quando a renda se converte em valor econômico.

3.1.4.5. A complexidade da renda que gera renda

Estas mulheres precisam ser mais do que rendeiras, pois elas direta ou indiretamente também são comerciantes e precisam lidar com as negociações diárias de seus clientes. Para isso, lançam mão de argumentos, que muitas vezes, fazem-nas mostrar almofadas, a forma com que trabalham nessas almofadas, o tempo envolvido nesse fazer, o valor pago pelas peças que elas vendem, pois só assim conseguem transmitir ao cliente a ideia real de valor com relação a estes produtos.

Na conversa com Marilene, entendemos a importância de utilizar o próprio fazer para comunicar seus produtos aos clientes. A aproximação entre o fazer e o consumidor, possibilita mostrar a ele a dificuldade desta produção: isso ajuda a comunicação dos produtos por meio do tato e permite ao cliente aumentar seu valor percebido sobre as rendas.

Ao falar com dona Edimar foi possível observar que ela como rendeira e comerciante entende a importância de ter produtos diferenciados ou “diferentes” na sua loja. E em conversas anteriores com ela, também percebemos sua preocupação de expor produtos em diversos lugares, para que a renda de bilro fosse vista e vendida para mais consumidores.

Edvanda sabe da importância que as feiras fora da Raposa têm para suas vendas. Em algumas conversas, ela nos relatou que fora da Raposa os consumidores pedem menos descontos pelos seus produtos, já na Raposa, ela precisa argumentar a respeito dos seus preços para que os consumidores comprem seus produtos.

Dorizete sabe da importância dos novos papelões para o seu fazer, além de serem inspiradores para seu dia a dia, pois ela quando começa algo novo, quer logo terminar para ver o resultado do novo papelão transposto em rendas. Para ela, a renda também auxilia na renda de sua família, afinal, sua filha mais velha é a herdeira do seu saber-fazer, na sua família.

Gláucia sabe como “alisar a cara” e não se preocupar com os incômodos de algumas negociações no seu cotidiano. Ela tem experiência em saber quais rendas são as mais bem-feitas e apesar de não fazer rendas, teve interesse em aprender o fazer dos papelões para pedir às suas colegas rendeiras que produzam suas criações dos papelões.

Márcia se preocupa com a concorrência das outras rendeiras. Sua loja é uma das mais cheias de produtos, onde encontramos grande variedade. Ela gosta de exclusividade no seu fazer.

Cada rendeira, com sua forma de agir, contribui para que o mercado tenha produtos novos, para que os produtos sejam vendidos pelos preços estabelecidos por elas, para que elas consigam comunicar seus produtos de forma a atrair mais clientes. E estas ações são feitas de forma experimental, na tentativa e erro. Observamos que as vendas em feiras são algumas vezes melhores, pois os clientes questionam menos os preços.

Assim, observamos mais uma vez o mercado, como o todo, sendo regulado pelas atividades que o circulam como a venda, a comunicação, a precificação, a negociação e a escolha de novos lugares para expor seus produtos.

O próximo item abordará o tema aprendizado, pois nossa convivência com as artesãs nos possibilitou observar diversos tipos. E a partir do aprendizado tudo se inicia nas rendas.

3.1.5. Aprendizado

Aprender nos traz a ideia de escola, onde um professor ensina aos alunos as disciplinas, conforme as instituições de ensino se propõem a fazer. Ingold (2018) aborda a visão de aprendizagem não do ponto de vista da transmissão do conhecimento, mas sim de sua construção, algo que deve acontecer em conjunto, em correspondência. Segundo ele:

Pedagogia é a arte de ensinar. Há várias maneiras de distinguir ensino de aprendizagem, ou de mostrar como um excede o outro, dependendo do exemplo ou se o aluno meramente toma hábitos a partir de observações sobre o que os outros fazem ou têm demonstrado, ou se a demonstração é construída em termos de regras ou princípios abstratos de contextos de aplicação (INGOLD, 2018, p. 2, tradução nossa)³³.

Percebemos hoje no fazer das rendas a transmissão de conhecimento, observando como as rendeiras aprendem e aperfeiçoam o fazer: o manusear do bilro, o fazer dos pontos mais firmes sem quebrar as linhas e o fazer dos diversos tipos de pontos.

Nem todas elas sabem fazer os papelões, que servem de moldes para suas rendas. Com isso, o fazer é aperfeiçoado, no entanto, as formas continuam as mesmas.

Aprender um fazer manual pressupõe prática. E a partir dela que alguns erros e acertos ocorrem para que haja a perfeição da forma.

A aprendizagem é a primeira etapa para se começar a fazer a renda, o início de tudo. Nesta pesquisa, o aprender é uma fase importante, pois é a partir dele que a renda é transmitida às demais rendeiras, também é a partir de então que se escolhe ser rendeira ou não.

Para melhorarmos a compreensão deste tema dividimos em *aprendendo a fazer papelões, aprender com as redes sociais e hereditariedade*.

³³ Pedagogy is the art of teaching. There are all sorts of ways of distinguishing between teaching and learning, or showing how the one exceeds the other, depending for example on whether the learner merely picks up habits from observations of what others do or has them deliberately demonstrated, or on whether the demonstration is framed in terms of rules or principles abstracted from contexts of application.

3.1.5.1. Aprendendo a fazer papelões

Ter uma blusa com um desenho do boi, das festas juninas de São Luís, nos motivou a encontrar formas de elaborá-la. Ao conversar com Marilene, uma das rendeiras que sabe fazer papelões, percebemos que este material, que é norteador para o fazer das rendas, não era tão simples de elaborar. No entanto, propusemo-nos a aprendê-lo. Marilene nos passou a teoria inicial, dizendo que precisávamos de um molde de costureira, com o formato da roupa que gostaríamos de fazer e que deveríamos desenhá-lo em um papel quadriculado. Depois, ensinou-nos a marcar o papel quadriculado, no qual o desenho seria feito, para então seguir as marcações e desenhar todos os detalhes que gostaríamos que a renda tivesse.

Depois de aprender e treinar o fazer de alguns papelões, achamos que seria interessante repassar este conhecimento para outras rendeiras e também aproveitar a oportunidade de aprender com o que elas já sabiam do fazer das rendas.

Nossos encontros foram interessantes e juntas começamos a pensar novas formas de fazer as rendas, até mesmo imaginando almofadas maiores e com elas tiras maiores e em menor número:

Camila: Tá? Aí, depois que ficou desse jeito, a gente vai começar a pensar o que a gente vai querer colocar neste papelão... ah não... primeiro a gente vai tem que saber aonde é o meio. Sempre tem que ter o meio, não tem? Uma regata é formada de 8 partes...

Márcia: Oito partes...

Camila: Duas aqui, duas aqui, duas nas costas e mais outras duas, né?

Márcia: É exatamente.

Camila: Então aqui por exemplo, vamos pensar o seguinte: quer ver...

Gláucia: O meio dá aqui, né?

Camila: isso, o meio dá aqui. Vamos pegar o meio por aqui? Esta aqui vai ser a linha do meio... vai ser aonde a gente vai cortar ao meio esse papelão...

Gláucia: Não podia ficar inteiro?

Camila: Vocês que sabem, poderia ser inteiro isso aqui na almofada?

Edvanda: Mas a almofada muitas vezes...

Gláucia: É pequena...

Márcia: Não é... porque aqui no caso seria duas tiras, né?

Gláucia: Aí duas tiras...

Camila: Duas tiras, uma pra cá e uma pra cá...

A finalidade desses encontros era o de vivenciar a aprendizagem, os ensinamentos e construir as nossas relações por meio do fazer. Repassar o que nós havíamos aprendido com a Marilene sobre os papelões e também aprender as técnicas das rendas que essas mulheres

tanto conhecem. E assim, o codesign acontecia e nós inicialmente éramos professores e depois alunos e os papéis se misturavam em uma regulação de fazeres. Era a *autopoiesis* (ESCOBAR, 2016) regulando os papéis que foram se estabelecendo na aprendizagem dos papelões.

Por codesign refiro-me mais a um amplo e multifacetado diálogo entre indivíduos e grupos que iniciam atividades de design nos nós das redes das quais fazem parte: um diálogo social no qual diferentes atores interagem de diferentes maneiras (da colaboração ao conflito) e em diferentes momentos (em tempo real ou off-line). (MANZINI, 2017, p. 62)

Manzini (2017) aborda o codesign na forma do diálogo entre indivíduos que realizam atividades de design em conjunto. Em nossa abordagem não tratamos nós de redes (pois não eram relações de união), e sim encontros de linhas dos emaranhados das rendas (onde diversas linhas fazem parte do entrelaçar das rendas), contrapontos estabelecidos por conta das nossas vivências. Tratamos aqui mais do que redes de contatos em que as pessoas estão somente conectadas e somando conhecimento. Nessa vivência, os conhecimentos foram sobrepostos, vivenciamos fluxos de relações estabelecidos em conjunto, éramos nós e as rendeiras no decorrer das situações que vivemos juntas e que permitiram nos corresponder (INGOLD, 2018). Afinal, a correspondência pressupõe mais que interações em relações unilaterais (redes), pressupõe o compartilhar da atenção, a forma como habitamos e nos habituamos ao mundo, do agir e da agência da vida sobre nós. Assim pudemos aprender, ensinar e viver a correspondência nas trocas que foram estabelecidas entre todas nós.

Observamos que o fazer dos papelões (FIGURA 49) não era uma atividade fácil para elas, pois era necessário concentração e criatividade. Dona Gláucia uma vez brincou com uma rendeira que passou apenas algumas horas conosco e disse³⁴:

Gláucia: Natalice, não pode errar! Porque seus neurônios não estão queimados!! Nós já queimamos com marido, com filho...

Esta fala remete às preocupações diárias dessas rendeiras e de não ter filhos e conseqüentemente não precisar cuidar do lanche da escola ou das roupas limpas ou ainda

³⁴ Referente ao encontro do dia 16 de agosto de 2018, no qual participaram Natalice, Márcia, Edvanda, Gláucia e Camila, na loja de Edvanda.

das tarefas escolares, ou do almoço ou jantar do marido ou todos os afazeres domésticos que isso implica, significa ter mais tempo para si e se dedicar às suas rendas.

Figura 46- Vivenciando a correspondência através dos papelões



Fonte: autora (2018).

No trecho abaixo, a conversa fala sobre a acomodação das rendeiras em relação ao desenvolver novos papelões, que atrapalha essas mulheres a fazer produtos novos:

Gláucia: A minha coleguinha, que eu compro renda dela, mulher, eu disse: dona Raimunda, ela tem um monte de filho e cria neto, eu sempre gosto de comprá, aí, eu pago rápido, o mais que eu posso, que eu sei que ela precisa, aí... eu digo, dona Raimunda, procura uns papelão novo, mulher, umas coisa diferente... Eu fico zangada delas dizê que não sabe isso, que é o papelão. Mulhé, se tu tem uma profissão, tu tem obrigação de sabê manipulá ela. Sim... Criá, ir atrás, elas dão um papelão pra ela, oh um modelo mais antigo é esse tem outros modelo novo agora. Esses são modelo mais antigo. E todo mundo tem. Mas se eu fosse uma rendeira, eu já teria criado outros papelões. Entendeu?

Camila: Mesmo porquê, se você for vê dentro desse aí, tem vários tipos dentro dela, vários tipos de flores.

Gláucia: Exato, dá pra você criá outras coisas, não é, oh... ela me trouxe um dia desse, essa camisetinha, eu achei linda, diferente.

Camis: Ah... que doce!!

Gláucia: Aí eu digo: dona Raimunda, faça uma dessa grande pra mim... num tem. Só tem papelão... digo mulhé, tu pega o papelão pequeno e aumenta: Num sei... Eu digo Ave Maria! Elas também são acomodada.

Algumas rendeiras observaram que o fazer dos papelões é uma atividade que demanda tempo, pois inicialmente precisa-se transpor o desenho do molde de roupa para o papel quadriculado. Depois elaborar o desenho dentro do papel quadriculado, pensando como será cortado, quais pontos serão utilizados e qual o desenho se quer obter. E por último pensar a forma de “pinicá-lo” (ou furar deixando as marcações do desenho da renda) em

um papel mais firme, que não se desfaça tão facilmente (normalmente são escolhidos materiais como os de caixas de sapato ou caixas de leite longa vida). Todas essas etapas demandam tempo que, muitas vezes, equivalem ao mesmo tempo dedicado ao fazer de uma blusa de renda. Por isso, a maioria delas não acha vantajoso se dedicar a algo que serve de base para as peças, mas que no momento da venda os clientes não pagam o valor que estes trabalhos merecem, na sua visão. Em outra conversa a respeito do conhecimento dos papelões, pudemos perceber que esta atividade é feita por poucas rendeiras:

Ana: Assim, fazer a peça, que seria moldar o papelão, né isso que cê tá falando?

Camila: Isso, isso!!

Ana: A criação do desenho é aquela mesma história que eu tô te falando. Entre 60 ou 100 rendeiras vai tê uma ou duas que conseguem fazer isso.

Camila: Aqui também?

Ana: Aqui tem uma senhora que ela... Essa é até conhecida, que ela tem esse talento, mas ela tá uma pessoa de muita idade e ela tem muito neto, muito filho... Ela já deu muitos curso. Já fez muito isso aí. Ela já fez coleções de desenhos pra muitas coisas, mas também ela foi mais voltada pra mesa posta. Nada de... de roupa. Agora apareceu uma moça por aqui que ela não é daqui, ela é da Itália e tá morando no Brasil e arranjou um estilista e ela tá fazendo um trabalho assim: eles fizeram os desenhos e arranjaram uma rendeira com esse talento de fazê. Eles fazem, digamos, a modelagem, e a rendeira faz o desenho, orientado por eles. Eles estão conseguindo fazer uns vestidos de festa, de noiva.

A maioria das rendeiras aprendeu como fazer renda, mas a atividade dos papelões, normalmente, não foi transmitida para todas. Ao aprender como fazer o papelão e ao repassar este conhecimento, entendemos que esta etapa exige corresponder-se com os desenhos vislumbrados para as rendas, exige dedicação, atenção e prática, para que esta tarefa se torne parte do hábito dessas mulheres.

Normalmente, a escola nos transmite conhecimento e nós entendemos e decoramos para fazer as provas, no entanto, não nos correspondemos e nem convivemos com tudo o que aprendemos. Talvez esta questão tenha ocorrido com as rendeiras e os papelões. Nós e as rendeiras conseguimos nos corresponder, trocar atenção, nos dedicar nas tardes que nos propusemos a fazer esta atividade, aprendemos juntas os primeiros passos. No entanto, cada uma dessas rendeiras também precisa continuar o exercício de tê-los nas mãos, observá-los, compreender sua formação e então criar novos e caso tenha dúvidas, discutir com as outras rendeiras uma forma de finalizá-los.

Toda vida tem a tarefa de trazer outras vidas para a existência e sustentá-las pelo tempo que for necessário para que esta última, por sua vez, gere mais vida. A continuidade do processo da vida não é, portanto, individual, mas social. E a educação, no seu sentido mais amplo, segundo Dewey, é “o meio dessa continuidade social da vida”. Onde e quando a vida estiver acontecendo, o

mesmo acontece com a educação. Está acontecendo nas esferas da vida humana e, particularmente, na escola (INGOLD, 2018, p. 3, tradução nossa)³⁵.

No trecho acima, o autor refere-se tanto à nossa vida como ser humano quanto à vida do saber-fazer. O saber-fazer é transmitido a partir de nós, humanos, mas ele se mantém vivo apenas se cuidarmos de sua transmissão aos nossos herdeiros. E normalmente a transmissão acontece através da educação. Por isso, a importância de que o conhecimento do papelão seja transmitido e que as rendeiras o desenvolva, pois somente assim teremos novos tipos de rendas. E a atualização da renda com o passar do tempo é necessária para que ela se perpetue pelas próximas gerações.

No próximo item, abordaremos o tema da aprendizagem com as redes sociais, que hoje é uma das tendências para a transmissão de conhecimento.

3.1.5.2. Aprender com as redes sociais

Com a facilidade da internet, hoje encontramos como fazer crochê, bordado, todo tipo de trabalho manual, inclusive a renda de bilros. A nora de dona Gláucia aprendeu a fazer crochê pelo *Youtube*. Dona Gláucia e sua nora sempre buscaram modelos novos do crochê pela internet e falaram que encontraram até a renda de bilro sendo ensinada por lá.

Ver este fazer sendo ensinado pela internet e seu registro nestes locais é algo que nos faz refletir: por um lado, não é necessário que as mães das rendeiras ensinem este fazer às suas filhas. Este fazer não será perdido, pois está registrado nas redes sociais. Por outro, percebemos que é uma forma de distanciar as pessoas, algo pouco comum na comunidade de rendeiras da Raposa, na qual uma rendeira tem uma loja bastante próxima da outra.

Edvanda: Agora dona Gláucia, a sua nora aprendeu a fazê o croché rápido.

Gláucia: Aprendeu, quando ela qué uma coisa, ela é muito interessada.

Edvanda: Muito rápido mesmo...

Gláucia: Mulhé, mas esse youtube aí é bom demais! No meu tempo num tinha youtube não...

Edvanda: Eu é de aprendê com negócio em youtube. A minha irmã. se for pra mim fazê a renda... pode até ser que a gente pegue, mas...

Gláucia: E tem ensinando a fazê renda no youtube...

³⁵ Every life is tasked with bringing other lives into being and with sustaining them for however long it takes for the latter, in turn, to engender further life. The continuity of the life process is therefore not individual but social. And education in its broadest sense, according to Dewey, is “the means of this social continuity of life”. Wherever and whenever life is going on, so too is education. It is going on, more narrowly, in spheres of human life and in the latter, most particularly, in the school.

Edvanda: É?

Gláucia: tem.

Camila: A renda de bilro?

Gláucia: Tem mas as rendera que dão aula é aquela de não sei daonde que a almofada é cumprida.

Compartilhar conhecimento pela internet tem seus prós e contras. Por um lado, o fazer das rendas de bilros é repassado a um grande número de pessoas. Por outro, a riqueza da aprendizagem em conjunto, na qual o aluno e o professor têm a oportunidade de aprenderem juntos, se perde.

Para o compartilhar para ser educativo, eu tenho que fazer um esforço imaginativo para lançar a minha experiência de maneiras que possam se juntar às suas, para que possamos - em um sentido - percorrer os mesmos caminhos e, ao fazê-lo, sentir-nos juntos. Não que você termine com um pedaço de conhecimento implantado em sua mente que uma vez pertenceu apenas a mim; ao invés disso, chegamos a uma concordância que é nova para nós dois. A educação é transformadora (INGOLD, 2018, p. 4, tradução nossa)³⁶.

A aprendizagem permite ao professor transferir não só seu conhecimento ao aluno, mas também discutir todo o conteúdo, a entender de que forma este conteúdo pode ser melhor transmitido ao outro e a corresponder-se com o outro, de forma que ambos aprendam juntos por meio de debates e discussões de temas. A internet hoje tem a facilidade de entregar muita informação em tempo real, além de transmitir aulas gravadas e conhecimentos adquiridos por diversas pessoas, no entanto, a correspondência entre as pessoas se perde e a vida que a arte de ensinar possui é perdida na virtualidade da aprendizagem.

No item a seguir, abordaremos o tema hereditariedade, falando da importância da transmissão deste saber-fazer por ancestrais e mantendo-o como parte do emaranhado da vida desta comunidade de rendeiras.

3.1.5.3. Hereditariedade

Normalmente, o fazer das rendas é apreendido pelas filhas das rendeiras, ainda na infância. Observando suas mães ou avós sentadas em frente às almofadas e sentando também em frente às suas, este é normalmente o momento em que as rendeiras mais experientes ensinam às novatas este fazer. Aprender a fazer rendas também pressupõe

³⁶ For sharing to be educative I have to make an imaginative effort to cast my experience in ways that can join with yours, so that we can - in a sense - travel the same paths and, in so doing, make meaning together. It is not that you end with a piece of knowledge implanted in your mind that once had belonged only to me; rather we come into a concordance that is new to both of us. Education is transformative.

observar com atenção. Entender a ordem dos bilros e quando se deve ou não colocar um espinho para fechar o ponto. Também pressupõe entender como são feitos os pontos das laterais, pois são diferentes dos localizados no meio das rendas. Aprender a fazer renda pressupõe observar e repetir e então inventar a sua própria maneira de fazer.

Ao conversar com as rendeiras, percebemos que grande parte delas aprendeu com suas mães, ainda crianças. Uma delas foi Edvanda. Ela nos relata um pouco de como foi seu aprender³⁷:

Camila: Como assim, renda da cigana?

Edvanda: É um nome que dá, uma renda de metro, que tem. Até a Márcia tá fazendo ela, mas a Márcia tá fazendo ela miúda, que é de linha fina. E eu fazia graúda com linha grossa. Eu levei muito cascudo pra mim aprendê essa renda de bilro. Aí eu fazia traça, a traça ficava parecendo com minha cara, aí mamãe: “Cê num tá vendo que essa traça num tá legal”... “Folga essa linha” “Relaxa tuas mão pra essa traça ficá bunita”... desmanchava até que eu fazia... mas eu levei cascudo.

Aprender pressupunha fazer, avaliar a qualidade e refazer se necessário. E algumas vezes as mães dessas crianças não tinham tanta paciência para ensinar, por isso os “cascudos”.

Conhecimento difere de cultura para cultura, assim como as instituições que facilitam sua passagem de geração para geração. (...) Para aqueles que defendem que a educação é uma prática da pedagogia universal para os seres humanos, indo à escola ou não, a mesma lógica se aplica. A escola pode não ser o único tipo de instituição com propósito pedagógico, mas práticas institucionais alternativas que vão desde a narração de histórias a iniciação de rituais, podem ser modelados, ao menos em análise e creditando às funções equivalentes. Assim, pode-se dizer que eles operam de maneira escolar, para transmitir o legado de costumes, moralidades e crenças que somam ao que chamamos de cultura para cada geração sucessiva, de tal forma que posteriormente seja expressa e legitimada na prática da vida cotidiana (INGOLD, 2018, p. 2, tradução nossa)³⁸.

Assim, vemos no ensino das rendas o conhecimento passado de mãe para filha e de filha para neta, assim sucessivamente, como uma tradição que permanece nas famílias.

³⁷ Referente ao encontro do dia 08 de agosto de 2018, no qual participaram Márcia, Edvanda, Gláucia e Camila, na loja de Edvanda.

³⁸ Knowledge differs from culture to culture, as do the institutions that facilitate its passage from each generation to the next. (...) For those who hold that education is a practice of pedagogy universal to humans, whether they attend school or not, the same logic applies. The school may not be the only kind of institution vested with a pedagogic purpose, but alternative institutional practices ranging from storytelling to ritual initiation may still be modelled on it, at least in analysis, and credited with an equivalent function. Thus they may be said to operate in a “school-like” way, to transmit the legacy of custom, morality and belief that adds up to what we call a “culture” to each successive generation, such that it may subsequently be expressed and enacted in the practice of everyday life.

A transmissão do saber-fazer não é de responsabilidade das instituições de ensino, mas das famílias, para manter vivas as histórias, narrativas dos saberes-fazer de gerações familiares. Conhecemos rendeiras que foram para a Raposa ainda crianças, e aprenderam com mulheres de suas famílias o fazer das rendas. Hoje, a transmissão deste conhecimento ocorre de forma tímida, pois as meninas aprendem, mas não querem dar continuidade devido ao valor recebido pelas rendas. Elas preferem estudar e buscar oportunidades no comércio e nas indústrias locais para terem condições de vida melhores.

3.1.6. Linhas da vida e das rendas

Estas mulheres estão envoltas por linhas da vida, que remetem às reflexões de acordo com as reflexões de Ingold (2012) sobre os fluxos e as intersubjetividades que se constituem ao longo da vida. Linhas que urdem as tramas da maternidade, do casamento, que as unem aos seus filhos e maridos; outras que as conectam com seus pais, outras do comércio que as ligam com diversos clientes e turistas que passam pela Raposa e deixam diversas histórias, opiniões e experiências de vida. Outras que unem as rendeiras às outras rendeiras, sejam elas comerciantes, donas de uma loja no corredor das rendas ou donas de casa, que fazem a renda nos intervalos de suas tarefas domésticas. As linhas da vida estão sempre se cruzando, formando emaranhados que podem ser aludidos pelas próprias rendas. É interessante perceber as linhas das experiências de vida dessas mulheres, pois são a partir delas que a ideia de vida existe e se reflete no dia a dia de cada uma delas³⁹:

Gláucia: Mas eu quero cheio... Trocado inteiro.
 Edvanda: Se não vai ficá mole.
 Camila: Fica mole?
 Edvanda: Não fica um coração bacana, não. Fica um coração mole. Aí o trocado inteiro fica um coração duro... um coração cheio...
 Gláucia: Fica cheio... um coração porreta!!
 Edvanda: É, tudo isso tem que vê.
 Camila: O coração fica fraquinho, né? Batendo devagar.
 Edvanda: É, fraquinho, é? Não pode! Tem que sê um coração forte!! Pra aguentá as pancada! Que se não for vai direto na primeira lapada! Mas não é não, irmã Márcia?! Márcia: Sim!

Por estas falas, percebemos que as experiências de vida se cruzam de forma bastante complexa. Nestas falas, elas remetem à força que as rendeiras precisam ter para suportar

³⁹ Referente ao encontro do dia 08 de agosto de 2018, no qual participaram Márcia, Edvanda, Gláucia e Camila, na loja de Edvanda.

seus problemas diários. O símbolo deste coração para elas é mais do que uma figura, pois representa a vida delas como rendeiras, mães, comerciantes, esposas e pessoas que passam por problemas e ainda assim resistem a eles com força e coragem e seguem adiante nos seus caminhos da vida ainda mais fortes.

Também percebemos a complexidade da vida delas, suas relações com tudo e todas as pessoas ao seu redor: com o fazer das rendas, com as tarefas domésticas, com as tarefas do comércio, com seus filhos, familiares, amigos, com os turistas que apreciam seu trabalho e algumas vezes não levam, com os clientes que conhecem seus trabalhos e buscam novidades nas suas lojas e todos aqueles que as cercam.

Ingold (2018) afirma que “Nós, humanos, não apenas vivemos nossas vidas. Nós lidamos com elas. Esta é a diferença entre *bios* e *zoe*, entre vida vivida como uma história e a vida limitada pelos ciclos da natureza” (INGOLD, 2018, p. 20, tradução nossa)⁴⁰. E quando trazemos esta afirmação para as vidas dessas rendeiras, observamos que ao viver, elas lapidam suas próprias personalidades para serem pessoas mais fortes e corajosas. Isso faz com que cada uma delas tenha um *coração porreta!*

E lidar com a vida também pressupõe viver o caminho por onde passamos. Ingold (2018) ao dar o exemplo de uma caminhada, explica que cada passo afeta e transforma o caminho por onde passamos, seja no atrito com o solo e as pegadas que deixamos ao caminhar, ou ao ver melhor o próprio caminho e observar coisas novas.

Nossa pesquisa pela Raposa nos permitiu modificar nossa forma de ver o mundo das rendeiras recebendo atenção e carinho e percebendo a importância de transmitir esses cuidados para as pessoas que estimamos e estão ao nosso redor. E acreditamos que muitas de nossas conversas também tenham modificado a forma na qual elas também veem o mundo, seja deixando ideias para novas formas de vendas de seus produtos ou tentando trazer o conhecimento de algo perdido por elas com o passar do tempo, como foi o fazer dos papelões.

E assim, vivemos um pouco do caminho das rendeiras junto delas, nesta pesquisa. Nossos encontros como fios de vida se cruzaram. Ao sair deste lugar, elas podem achar que nada aconteceu, mas elas modificaram a nossa forma de ver o mundo. E também mudamos

⁴⁰ “We human beings don’t just live our lives. We lead them. That’s the difference between bios and zoe, between life lived as a story, and life bound to the cycles of nature”.

algo na vida delas. Fez-nos perceber que o cuidado, a atenção e o carinho com as pessoas que nos são importantes é algo que deve ser cultivado.

Embora a ação de manter este fazer não seja simples, pois algumas vezes falta dinheiro para pagar uma conta, as vendas estão em número menor, os maridos nem sempre são tão companheiros quanto poderiam e a vida é como uma renda: um emaranhado de problemas e alegrias constantes, para os quais precisamos ser fortes para não irmos “direto na primeira lapada”.

Escobar (2016) traz em seu texto a teoria da *autopoiesis* de Maturana e Varela. Acharmos importante relembrar mais uma vez, que somos sistemas e vivemos dentro de outros sistemas.

Eu acho que é útil pensar sobre a “organização” neste contexto como um sistema de relações entre os componentes (por exemplo: biofísicos, celulares, bioquímicos, nervosos, etc, somente para pensar em termos biológicos) cuja interação continua produzindo a unidade em questão. Todos os sistemas vivos devem manter esta organização básica para seguir sendo os sistemas vivos que são; perder esta organização leva a sua desintegração. Segue-se que todas as relações entre as unidades vivas têm que respeitar os critérios de conservação da *autopoiesis*. Isso é feito através do que Maturana e Varela chamaram de acoplamento estrutural; todos os sistemas vivos interagem com seu entorno através do acoplamento estrutural. A questão chave aqui é que o ambiente não dita essa relação, mas sim que é a organização da unidade (seu sistema básico de relações) que determina sua interação com o ambiente (ESCOBAR, 2016, p.194)⁴¹.

Assim, consideremos cada indivíduo como um sistema social. Isso implica que embora as pessoas, a família, os amigos, os clientes e todo o ambiente das rendeiras influenciam suas decisões, quem irá realmente tomá-las, será a rendeira (um sistema). Caso as decisões sejam em grupo, será o grupo de rendeiras em consenso que decidirá por suas ações, contando com as opiniões individuais que formam o coletivo (um agrupamento de sistemas).

⁴¹ Me parece útil pensar en la ‘organización’ en este contexto como un sistema de relaciones entre los componentes (e.g., biofísicos, celulares, bioquímicos, nerviosos, etcétera, sólo para pensar en términos biológicos) cuya interacción continua produce la unidad en cuestión. Todos los sistemas vivos deben mantener esta organización básica para seguir siendo los sistemas vivos que son; perder esa organización lleva a su desintegración. De ello se deduce que todas las relaciones entre las unidades vivas tienen que respetar los criterios de conservación de la autopoiesis. Esto se lleva a cabo a través de lo que Maturana y Varela llamaron acoplamiento estructural; todos los sistemas vivos interactúan con su entorno a través del acoplamiento estructural. La cuestión clave aquí es que el entorno no dicta esa relación sino, más bien, que es la organización de la unidad (su sistema básico de relaciones) la que determina su interacción con el entorno.

Assim, entendemos que embora os problemas do cotidiano influenciam a vida das rendeiras, que a família, os amigos, filhos e todas as pessoas que a rodeiam também ajam de determinada forma e mesmo que o viver de cada uma delas as façam perceber a vida de uma forma diferente, quem será responsável por suas próprias ações será cada uma delas. Por isso elas têm que ser fortes principalmente por conta das “lapadas” que podem acontecer no decorrer da vida.

3.2. Tirando o complexo de valores da almofada

Valores normalmente são vistos em termos financeiros: por exemplo, quanto o beneficiamento ou aprimoramento de um produto ou serviço trará de lucro. A cadeia de valor é bastante focada nos ganhos financeiros que as ações de cada departamento dentro de uma empresa ou indústria trará como resultado para a mesma.

Krucken (2009) aborda as dimensões de valores dos produtos: funcional, emocional, ambiental, simbólico e cultural, social e econômico. Percebemos que os conceitos de Kotler e Keller (2012), Keller (2012) e Foucault (1999) e mesmo de Krucken (2009) estão totalmente direcionados ao conceito de cadeia de valor relativos à empresas e indústrias, pressupondo a entrada de um planejamento formal e a saída de produtos que são comprados por usuários.

Embora a reflexão de Krucken (2009) aborde dimensões de valores que são mais próximas dos produtos artesãos, percebemos que os produtos das artesãs da Raposa têm valores multidimensionais, que vão além de forma, funcionalidade e preço. O produto deste fazer não segue um fluxo de cadeia de valor, pois são feitos por pessoas que mantêm vivas tradições de gerações de rendeiras. Percebemos o gostar delas por este fazer e sua preocupação de mantê-lo por suas gerações futuras. Assim, compreendemos que o produto final (as rendas nas diversas formas que possuem) e o processo de venda das rendas não é o único resultado, mas também o de manter a tradição deste fazer vivo nesta geração e nas futuras.

Nestas relações, percebemos a complexidade e entendemos que assim como Morin (2015) compara a complexidade com um tapete, formado pelo entrelaçar de diferentes fios, tem-se que “O todo é ao mesmo tempo mais e menos do que a soma das partes” (MORIN, 2015, p. 86). Nesta, podemos perceber as relações conforme as teorias de *autopoiesis*

elaboradas por Maturana e Varela e abordadas por Escobar (2016), onde o todo é formado por diversos sistemas e estes sistemas se auto regulam de acordo com suas necessidades.

Observamos que os gostos das rendeiras com relação ao fazer das rendas, por exemplo, representam diversos sistemas pequenos que fazem parte de um sistema maior. Ao participarem de uma feira juntas, essas rendeiras têm a possibilidade de ofertar mais produtos do que se participassem sozinhas, por exemplo, regulando as ofertas de produtos, uma vez que elas sozinhas não conseguem produzir rendas em grandes quantidades e em curtos períodos.

Percebemos que assim como as feiras, diversas situações ocorrem na complexidade do fazer das rendeiras. Elas precisam cuidar de seus filhos, da casa, de seus maridos, de seus pais e no tempo que sobra fazem suas rendas. São ansiosas por ver como serão os resultados finais do que estão fazendo. Alguns dias trabalham mais na renda, outros mais em casa e assim os dias dessas mulheres caminham, permitindo a elas trabalhar e cuidar da família.

Estas relações complexas não podem ser determinadas por cadeias de valores, pois não há uma sequência lógica e mecânica da produção, mas orgânica, e tudo funciona de acordo com diversos fatores e não só com um. Assim, percebemos um emaranhado que podemos representar pelo desenho da própria renda.

Morin (2015) afirma:

A visão simplificada diria: a parte está no todo. A visão complexa diz: não só a parte está no todo; o todo está no interior da parte que está no interior do todo! Essa complexidade é algo diferente da confusão de que o todo está em tudo e reciprocamente.

Isso é verdade para cada célula de nosso organismo que contém a totalidade do código genético presente em nosso corpo. Isso é verdade para a sociedade: desde a infância ela se imprime enquanto todo em nossa mente, através da educação familiar, a educação escolar, a educação universitária.

Estamos diante de sistemas extremamente complexos, em que a parte está no todo e o todo está na parte. Isso é verdade para a empresa que tem suas regras de funcionamento e no interior da qual vigoram leis de toda a sociedade. (MORIN, 2015, p. 88)

Atentamos para o fato de que a regulação das relações sociais está no próprio viver da vida: por exemplo, as rendeiras, com toda a bagagem cultural e de valor familiar de seus ancestrais, transmitem seu conhecimento aos seus descendentes, atualizados no período e na região em que vivem. Por meio dessas atualizações, há muitas descendentes de

rendeiras buscando outros empregos, pois recebe-se muito pouco pela produção da renda nos tempos de hoje. Entretanto, existem ainda aquelas meninas que acham bonito ver as mulheres de sua família fazendo a renda na almofada, querem aprender fazer e continuarão com este fazer.

Da mesma forma, as relações que existem hoje na comunidade de rendeiras da Raposa têm uma estrutura semelhante a de seus ancestrais: saíram da Europa e vieram para o Brasil em busca de melhores condições de vida com terras e mares mais produtivos. E mais tarde, saíram de Acaraú e viajaram até Raposa, também em busca de melhores condições de vida.

Através da complexidade e relacionando-a aos depoimentos e nossas observações em campo, observamos a multidimensionalidade de valores existentes dentro da comunidade de rendeiras da Raposa. E percebemos que os valores não são formados por uma linha de produção, mas por uma complexidade de relações, tradições, cultura que extrapolam a temporalidade cartesiana e a produção de produtos comerciais. Estão embutidos valores herdados de gerações e atualizados nos tempos e locais nos quais hoje estão estabelecidos.

O gosto pelas rendas e pelo material da produção, por exemplo, são valores que nos remetem às formas e aos tipos de materiais que elas utilizam para manter estas formas, e tudo está de acordo com os valores do belo e bonito que elas têm como referência.

O fato de serem rendeiras traz valores antagônicos e complementares que se relacionam neste fazer, tais como o orgulho dessas rendeiras, a desvalorização de seu trabalho, as identidades que compõem a rendeira de hoje da Raposa no Maranhão, resultando na complexidade de ser rendeira.

Algumas características e atividades são extremamente importantes para a formação do valor financeiro dentro do fazer das rendas. O tempo livre para este fazer, por exemplo, é algo que define a forma como elas se organizam e se dispõem a fazer as rendas. Por exemplo: coordena-se o número de peças a serem feitas dependendo do tempo de dedicação de cada rendeira. “Alisar a cara” é uma característica que elas precisam desenvolver, na forma de “jogo de cintura” para lidar com negociações complicadas, nas quais elas percebem que precisam ser firmes para alcançar o objetivo financeiro que almejam.

A ética na concorrência aborda valores de troca, nas quais os papelões são vistos como coisas que precisam ser trocadas para aumentar a variedade de produtos, mas que poucas rendeiras se dispõem a aprender por demandar tempo para a criação.

As roupas diferentes permitem que clientes encontrem algumas peças específicas em determinados lugares do corredor das rendas, o que aumenta o valor do produto pela diferenciação.

O valor de se aprender da comunidade de rendeiras da Raposa está ligado ao aprender a fazer dos papelões que vivenciamos com estas rendeiras e que trouxe contribuição instigando o processo criativo destes materiais. O aprender com as redes sociais possibilita a expansão deste conhecimento para diversas partes do mundo, no entanto, reduz o contato interpessoal e de tradições entre as pessoas da mesma comunidade. A hereditariedade é uma característica valorizada, pois remete ao fazer de ancestrais, que foram aprimorados e trazidos para os dias de hoje.

As linhas da vida trazem a sobreposição de conhecimentos simbolizada pelo emaranhado das rendas, no qual os conhecimentos se juntam e misturam formando algo novo, que ocorreu nos encontros entre nós com as rendeiras da Raposa; os conhecimentos não eram somados, mas transformados em algo novo a partir do encontro.

Assim, o complexo de valores se constitui e está em constante *autopoiesis*, regulando-se no abrir e no fechar das relações que se estabelecem nos encontros, nas trocas, nas atenções estabelecidas, na forma como habitamos nossa região, como o mundo age sobre nós e como nos correspondemos ao mundo.

Inferimos que o codesign nesta relação foi fundamental para que juntos pudéssemos criar esta reflexão teórica, por meio das trocas que os diálogos nos proporcionaram e a correspondência nos guiava pelas vivências dessas trocas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TECENDO A COMPLEXIDADE DE VALORES

Em nosso primeiro ano de pesquisa, a observação participante permitiu estarmos mais próximos das rendeiras. Entretanto, ainda éramos considerados estranhos entre elas. Do início do segundo ano de pesquisa em diante, após nossa visita a Acaraú quando obtivemos mais informações do fazer das rendas em Acaraú e na Raposa, nossa relação ficou mais próxima. Foi quando aprendemos a fazer os papelões com Marilene e ensinar (aprendendo também um pouco mais) as outras rendeiras. Como designers mediadores de processos entendemos que a aprendizagem dos papelões, o ensinar e as trocas que nos foram permitidas, são partes de um começo para que estas artesãs continuem esta aprendizagem.

Os valores estão relacionados ao fazer das rendas, ao ser rendeira, ao aprendizado que elas têm com este artesanato e às relações que elas estabeleceram em torno deste fazer que norteia a complexidade de valores da comunidade de rendeiras da Raposa. Estes encontros nos modificaram. Nós não éramos *experts* em papelões, aprendemos com Marilene por onde começar e quais passos deveríamos seguir. A vivência que tivemos da correspondência permitiu-nos trocar conhecimento e atenção. Possibilitou sair do habitual e conhecer algo novo além de vislumbrar o universo das rendas com chances de inovação das formas.

Como pesquisadoras, pudemos mediar conversas e viver junto das rendeiras situações fora do contexto delas. Entendemos que a mediação de processos está além de pautas e passo a passo a serem seguidos. Nosso papel foi o de apresentar uma direção e estimular o reaprender do conhecimento que suas ancestrais tinham e que com o tempo foi se perdendo.

Vimos que a importância de um designer organizar e persistir nestes encontros. As atividades domésticas e familiares destas mulheres demandam muito tempo delas. Ter alguém que as motive e incentive a uma atividade nova e que tenha o conhecimento necessário para auxiliar no processo do reaprender dos papelões é de extrema importância.

Estar em campo e vivenciar a prática da correspondência não é algo simples. A teoria e a prática algumas vezes caminham de forma tão próximas que são indissociáveis; outras vezes afastam-se e vão por direções aparentemente opostas. Esses fluxos precisaram ser observados com profundidade para que chegássemos até aqui. Assim foi o experimentar

da correspondência, o qual nos permitiu encontrar valores nas diversas situações de nossa convivência com as rendeiras. Ingold (2018) aborda a educação transformadora como o compartilhar para ser educativo, assim os conhecimentos do professor se articulam com os conhecimentos do aluno e formam juntos um novo significado. Percebemos este tipo de troca como uma das formas de viver a correspondência. E foi assim que conseguimos ensinar e aprender sobre como elaborar os papelões, peça fundamental para a produção e, ao mesmo tempo, dispositivo de poder, que separa as rendeiras entre quem tem a expertise de produzir novos produtos e quem está destinada a reproduzir peças sempre iguais. Estar em correspondência nos possibilitou entender essas práticas e dinâmicas sociais e a complexidade que essa "coisa" tinha na vida destas mulheres.

Para chegar à elaboração dos papelões como forma de criar novos produtos, partimos dos 4 Ps de marketing, e mais uma vez retornamos a eles, agora com conceitos do design participativo, da correspondência, da observação participante, o DA, o papel da designer na contemporaneidade como mediador de processos, a cadeia produtiva, a cadeia de valor e que finalmente nos permitiu desenvolver o conceito de complexo de valores para a comunidade de rendeiras da Raposa. E nesse caminhar, os jogos mediativos unidos à observação participante foram de extrema importância para que percebêssemos a falta do conhecimento de uma das etapas das rendas, a elaboração dos papelões.

A elaboração do complexo de valores (FIGURA 50) surgiu a partir da teoria de cadeia de valor. Percebemos que para a comunidade de rendeiras da Raposa, o fazer das rendas não pode ser visto em forma de cadeia (linear), onde entram matérias-primas (linhas) e saem produtos prontos (rendas). Neste fazer, existem valores envolvidos que não conseguem ser representados por uma cadeia, mas sim por um emaranhado. O aprendizado das rendas chegou às rendeiras da Raposa por seus ancestrais europeus, que migrando vieram para algumas cidades do litoral do Brasil, chegaram ao Ceará e continuaram migrando até chegar à Raposa.

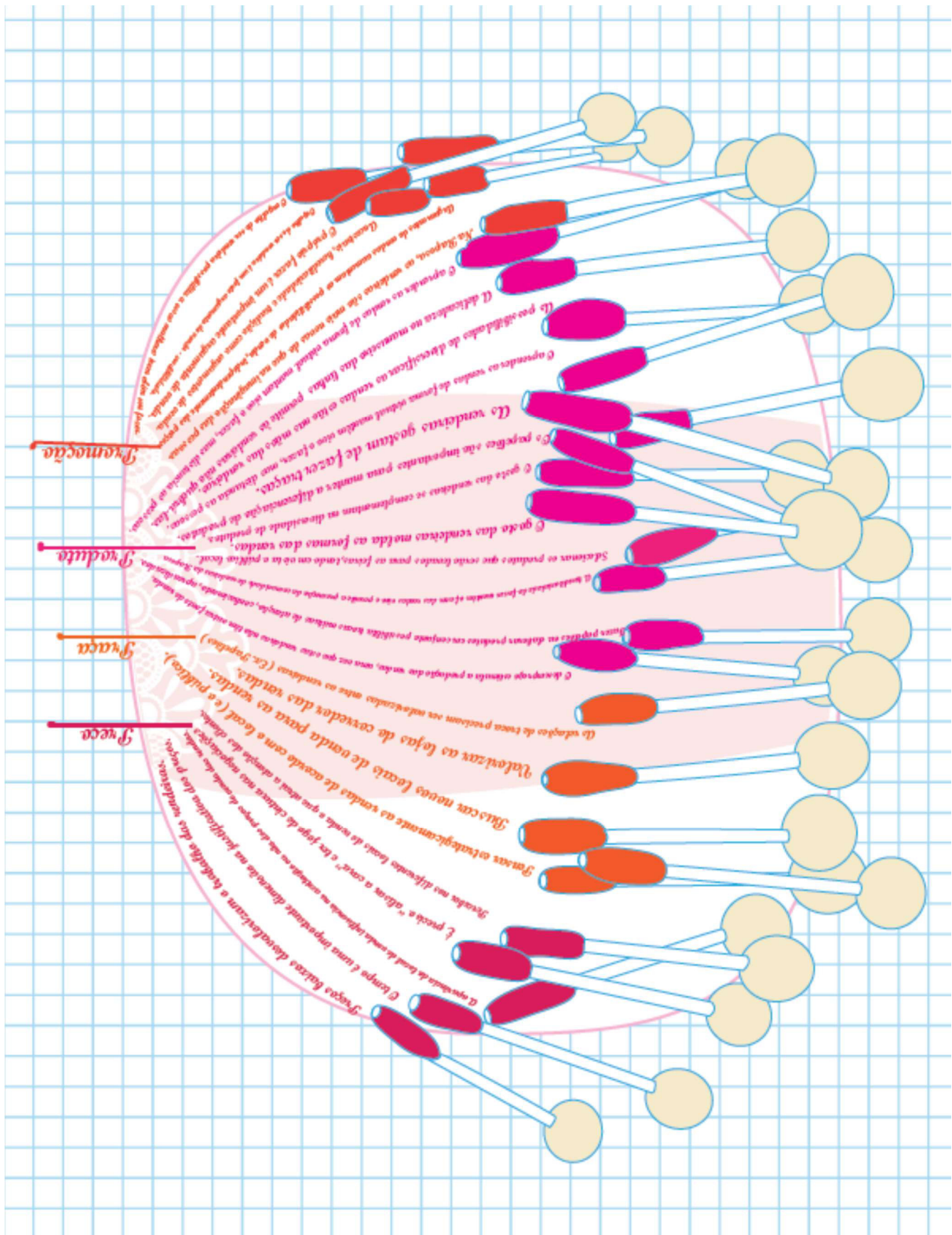
Com o aprendizado, também vieram histórias de rendeiras, a forma em que elas habitam e se habituaram ao local em que vivem. E existe a atenção trocada por elas, e transmitida pelas famílias, fazendo parte de todo o contexto de relacionamento entre as rendeiras e o mundo ao seu redor. Outro aspecto que Ingold (2018) cita ao falar das correspondências é o agir e a agência, no sentido da forma como as pessoas agem e o que elas recebem através das consequências das suas ações e as dos outros. E ao observar a comunidade de rendeiras da Raposa, percebemos suas relações algumas vezes com desavenças e outras

apoios mútuos, mas de forma a irem se regulando com o vivenciar e o experimentar da vida. E a vida das rendeiras segue de acordo com as relações que elas estabelecem.

Ao imaginarmos as relações de cada uma das rendeiras com outras rendeiras, filhos, maridos, amigos e a diversidade de pessoas que elas têm ao seu redor, se fôssemos desenhar todas elas, visualizaríamos um emaranhado, assim como existe nas rendas. Nele temos a representação da complexidade e de sua formação através dos valores que foram observados na comunidade de rendeiras da Raposa.

Em nosso percurso, percebemos que o valor econômico não é o único valor que possibilita manter este fazer vivo, mas sabemos que ele é um grande pilar para o sustento de famílias inteiras da Raposa. Assim, trazemos algumas reflexões sobre o P de preço e a importância dele para as rendeiras. Temos como um dos pilares do complexo de valores o tema “a renda que gera renda”, pois trata uma forma que as mulheres da Raposa encontraram de ajudar nas despesas de casa sem deixar de lado seus afazeres domésticos e cuidados com os filhos, marido e familiares.

Figura 50 - Complexo de valores



Através do preço podemos ter a valorização ou desvalorização do trabalho das rendeiras. Os preços baixos podem ser traduzidos em muito trabalho e pouco resultado financeiro. Muitas vezes, eles são barganhados e entendemos que isso ocorre porque os clientes não percebem o valor das rendas que têm em suas mãos. Kotler e Keller 2012 trazem o conceito de percepção de valores e afirmam que quando são percebidos pelos clientes, a compra pelo preço da venda é feita sem questionamentos.

Em nossas observações, entendemos que o tempo é uma dimensão de muito valor para as rendeiras, pois mais tempo disponível pode significar a possibilidade de fazer uma renda de forma mais rápida. Normalmente, o tempo do fazer é dividido com o tempo dos afazeres domésticos e os cuidados com a família. Assim, percebemos que o tempo das rendas é comandado diferentemente de uma produção industrial. Conforme Noronha (2011) afirma, o tempo do artesanato segue ritmo próprio, pois respeita o andamento da vida dessas mulheres, no qual a atenção, o cuidado, o carinho, o afeto com seu próximo são divididos com o fazer das artesãs.

Além do tempo, o P de preço, agora aliado ao P de promoção (ou comunicação) nos faz pensar as relações que estas rendeiras e muitas vezes comerciantes precisam estabelecer com seus clientes. Elas usam de argumentos prontos, como o tempo de produção e visualidade do próprio fazer (confeccionando rendas nas almofadas em frente as suas lojas) para mostrar a dificuldade desse fazer e que descontos não devem ser solicitados, uma vez que aqueles trabalhos merecem o preço que têm. E em outras situações precisam “alisar a cara”, ou seja, ter “jogo de cintura” para saber lidar com as mais diversas situações.

Em nossas observações, percebemos que o P de preço algumas vezes pode aliar-se ao P de praça, ou local de venda dos produtos. Ouvimos das rendeiras a questão das barganhas por preços. E percebemos que nas feiras ou nas lojas de artesanato fora do corredor das rendas, dificilmente os clientes pedem descontos. Com isso, entendemos que a simplicidade do local de venda muitas vezes traz consigo a ideia de produtos mais baratos. Por isso, sugerimos para estudos futuros, que o local geográfico de venda e sua apresentação seja observada como parte da gestão deste comércio.

Outro aspecto bastante relevante que une os Ps de preço e praça é o desemprego. No contexto de desemprego, as artesãs dedicam-se ao fazer das rendas para gerar renda para suas famílias. Assim, com o dinheiro que recebem deste fazer auxiliam na compra algum

mantimento para suas casas ou pagam alguma conta que precisem. Uma das rendeiras da Raposa nos contou que a venda das rendas possibilitava sua mãe ajudar seu pai na época em que ele estava desempregado. Hoje, a filha da Dorizete vive da renda que faz: comercializa, cria e segue em frente com seu fluxo da vida.

Também devemos lembrar de uma das contribuições dos jogos mediativos para o local de venda. Ressaltamos dentro das discussões destes jogos a importância de as rendeiras participarem de redes sociais de forma comercial e expor a imagem dos produtos que elas fazem, pois são relevantes para aumentar o alcance e divulgação das rendas da Raposa para os diversos lugares do Maranhão e do Brasil.

Além do preço, o P de produto também é de extrema importância para este complexo, pois quando atrelado a um mix de produtos variados gera mais oportunidades para que os clientes retornem ao corredor das rendas, em busca de novas opções. Os papelões são fundamentais para a diferenciação de produtos, pois norteiam o desenho, o formato das rendas e este fazer como um todo. Além das formas, a mistura de rendas com pano ou outras tramas como o crochê ou a renda filé são variações que possibilitam inovar. A criação de produtos novos possibilita atrair mais clientes, pois estes normalmente buscam novidades.

Outro aspecto do produto no corredor das rendas da Raposa é o gosto das rendeiras, pois ele norteia o fazer seja pelo gosto do próprio fazer de determinadas formas ou ainda pela preferência da beleza de determinados pontos. E estes gostos se regulam, pois quando uma não gosta de fazer determinado ponto ou produto, a outra gosta e faz, assim, os fazeres se complementam, aumentando a variedade de produtos existentes no corredor das rendas.

Além do gosto, a prática de manusear os bilros também norteia a forma como o produto é feito. Possibilita que as rendeiras utilizem ou não a linha fina para fazer suas peças. Algumas rendeiras afirmam que as linhas quebram (ou arrebentam) pela fragilidade da sua estrutura. Por isso, elas precisam ser usadas com muita delicadeza. Deste fazer surgem belos produtos, que demandam das rendeiras mais tempo e material para o fazer das rendas.

A aprendizagem do fazer das rendas é uma importante etapa da elaboração do produto. Ela tem como característica principal a hereditariedade do fazer, quando as mães ensinam

as filhas, que ensinam as netas e assim sucessivamente. O fazer se torna uma tradição familiar.

Hoje, com o avanço da tecnologia e com a disponibilidade da internet a todos, vivemos em um mundo onde tudo pode ser feito através das receitas ou passo a passo que encontramos na internet, principalmente no YouTube. Com a internet, a possibilidade de aprender a fazer renda sozinho apresenta prós e contras: como prós, temos que esta atividade pode estar em constante aprendizagem, de forma que este fazer não se perca. No entanto, a tradição do apreender através das gerações não trata apenas da troca de conhecimentos e técnicas, mas também de convívio entre estas pessoas.

Além das trocas na aprendizagem pelo conhecimento das rendas, temos as trocas relativas aos papelões. E hoje, devido a poucas rendeiras saberem e se disponibilizarem a fazer novos papelões, temos neste um dispositivo de poder. Afinal, novos papelões significam novidades, diversificação e inovação no mix de produtos. Nestas relações de trocas, observamos diversas rendeiras reclamando da falta de solidariedade da rendeira que detém o conhecimento deste fazer. No entanto, não observamos quaisquer solicitações para que o fazer dos papelões fossem transmitidos a elas. Percebemos que as contrapartidas das trocas não são estabelecidas de forma equilibrada como proposto por Marcel Mauss (2003). Assim, as questões de poder por conta deste dispositivo estão sempre ocorrendo.

Outro aspecto importante na comunicação do fazer das rendas une praça, produto e promoção. Nas praças fora da Raposa, onde as rendeiras são novidade, é possível perceber algumas estratégias adotadas de forma intuitiva por elas. Estas rendeiras inicialmente auxiliam os outros feirantes a montarem seus pontos de vendas e por último montam os seus. Com isso, observam o entorno: os questionamentos levantados e as curiosidades. Perceber o contexto ao redor delas permite que consigam reagir de forma a comunicar seu fazer com criatividade, atraindo mais clientes e apresentando a Raposa como uma terra de rendeiras.

Ouvir uma rendeira falando que tem orgulho de ser chamada de rendeira nos remete ao gosto pelo fazer, à felicidade que isso traz a elas, à satisfação que ser rendeira remete a estas artesãs. É uma característica que impulsiona estas mulheres a irem adiante com suas vidas e batalhas, dando o melhor de si em todos os momentos. Além disso, entendemos que a felicidade dessas mulheres também está atrelada à forma livre e digna de trabalhar.

Elas podem escolher seus horários e ainda cuidar da casa e de sua família. Ao conversar conosco, uma rendeira contou que uma consumidora tinha dito que nunca compraria renda porque é trabalhosa para manter (deve-se lavar à mão e não na máquina de lavar). Como resposta, a rendeira disse que por falar como esta que o fazer das rendas está cada vez menor. Além disso, ao pensarmos nas confecções de roupas feitas em outros países, por exemplo, lembramos que muito da mão de obra utilizada é paga de forma subvalorizada. E, muitas vezes, aqueles trabalhadores dependem do trabalho para manter suas famílias. Enquanto isso, as rendeiras daqui podem trabalhar de forma livre, com uma vida digna e que merece ter o resultado de seu trabalho, as rendas, valorizadas por todos.

Normalmente, elas têm este fazer como terapia. Como elas nos contaram, às vezes ficam horas e horas no torcer dos bilros e fechar pontos com os espinhos de forma tão concentrada que esquecem dos problemas diários.

Com relação aos quatro Ps de marketing, observamos oportunidades de trabalhar de forma mais aprofundada a comunicação deste fazer, com estratégias sólidas para que a Raposa seja conhecida pelo mundo, como dona Edimar e Dorizete tanto sonham. Além disso, novos locais de vendas, feiras ou novos pontos de venda (lojas compartilhadas nos shoppings, por exemplo) podem ser explorados, visando aumentar o número de compradores e o valor pago por estes trabalhos. Além disso, a aprendizagem das rendas é uma tradição entre as mulheres do corredor das rendas da Raposa e precisa ser preservada, para que histórias, costumes e valores continuem a ser transmitidos por este fazer.

Com relação a formação do complexo de valores e todo o percurso que trilhamos por esta pesquisa, a vivência da correspondência nos permitiu estar mais próximos destas rendeiras. Inicialmente, não foi fácil compreender a questão do borrar das hierarquias, pois as rendeiras entenderam que nós éramos líderes do processo de aprendizagem e nós queríamos que elas entendessem que elas também eram. Entretanto, este borrar é uma conquista do tempo de convivência e da forma como lidamos com este processo de aprendizagem.

Ao imaginarmos a aplicação da teoria do complexo de valores em outra comunidade artesã, entendemos que adaptações precisam ser feitas: a aproximação é muito importante para que o designer-pesquisador seja aceito na comunidade. Além de respeitar a cultura, os costumes e os valores locais, o tempo é uma dimensão que deve ser considerada. Nem

sempre obteremos as respostas no momento em que quisermos e isso reflete o respeito que temos por nossos copesquisados.

O vivenciar da correspondência pressupõe a busca pelo borrar das hierarquias. Sermos designers mediadores de processos e trabalharmos o design colaborativo nos faz refletir a teoria para que na prática consigamos agir nesta postura de liderarmos e sermos liderados de forma compartilhada, desempenhando assim o design colaborativo.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Tradução: Tadeu Breda. São Paulo: Editora Elefante, 2016. 264 p.

Anais do Museu Histórico Nacional, Brasil, 1968, vol. XX.

BORDEN, Neil H. **The Concept of the Marketing Mix.** In: Journal of Advertising Research, Classics, Volume II, September 1984, p. 7 – 12.

BRANDT, Eva et al. **Formating Design Dialogues - Games and Participation.** In: BINDER, T.; BRANDT, E.; GREGORY, J. (guest editors). **CoDesign - International Journal of CoCreation in Design and the Arts**, Volume 4, Number 1, p. 51-64. Taylor & Francis. March 2008.

BUZAN, Tony. **Mapas Mentais.** Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CANDAU; Joël. **Memória e identidade.** Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: 1ª Edição, 2014. 219 p.

CASTRO; Iná Elias, GOMES; Paulo C. da Costa, CORRÊA; R. Lobato. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço.** Rio de Janeiro, 2012. 192 p.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal.** Popayán, Colombia: Universidad del Cauca: Sello Editorial, 2016. 281 p.

FOUCAULT; Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** Tradução Salma Tannus Muchail – 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 541 p.

GATT, C.; INGOLD, T. “From description to correspondence: Anthropology in real time”. In: W. Gunn, T. Otto and R. Smith (Eds.) **Design Anthropology: Juxtaposing theory and practice.** London, Delhi, New York, Sydney: Bloomsbury, 2013, p. 139-158.

GUNN, Wendy; OTTO, Ton; SMITH, Rachel Charlotte (eds). **Design anthropology: theory and practice.** London, New York: Bloomsbury, 2013

HALL; Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro: 11a. Edição, 2006.102 p.

HALSE, Joachin. **Rehearsing the future.** Copenhagen: The Danish Design School Press, 2010. 211p.

KELLER, Paulo. **Cadeia de valor**. In: CATTANI, Antonio David e HOLZMANN, Lorena (orgs). Dicionário de trabalho e tecnologia. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. 12a Edição. Madrid, Espanha: Prentice Hall, 2008. 880 p.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de Marketing**. 14 Ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de Marketing**. 12a Edição. Brasil: Prentice Hall, 2006. 776 p.

KOTLER, P. **Administração de Marketing - Análise, Planejamento, Implementação e Controle**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1993.

KRUCKEN, Lia. **Design e Território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009. 126 p.

IIDA, Itiro e MÜHLENBERG, Poema. **O bom e o bonito em design**. In: CONGRESSO DE PESQUISA & DESENVOLVIMENTO EM DESIGN. 7. 2006. Paraná.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun. 2012.

_____. **Chega de etnografia!** A educação da atenção como propósito da antropologia. Educação. Revista Quadrimestral. v. 39, n.3, p. 404 – 411. Set – Dez 2016.

_____. **Anthropology and/as education**. London: Routledge, 2018. 128p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003. 311p.

LIMA, Marcio. **O avesso: alcances e limites da consultoria em design na Associação de Mulheres da Agulha Criativa, em São João dos Patos - MA**. 150f. Dissertação (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design) Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>> acesso em: 28/08/2018.

MORIN, Edgar et al., **Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin**. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011. 228p.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 5ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. 120p.

MORIN, Estelle M. **Os sentidos do trabalho**. Fator Humano: Os sentidos do trabalho. Revista trimestral. v.1, n.1, p. 70 – 75. Ago – Out 2002.

MANZINI, Ezio. **Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social**. Tradução Luzia Araújo – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017. 254p.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. Tradução: Paulo Neves. São Paulo. COSACNAIF. 2003. 536p.

NORONHA, Raquel. **Era uma vez no quilombo: narrativas sobre turismo, autenticidade e tradição entre artesãs de Alcântara (MA)**. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 43-60, mai. 2015.

_____. **Dos quintais às prateleiras: as imagens quilombolas e a produção da louça em Itamatatua – Alcântara – Maranhão**. 289f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.

_____. (Org.). **Identidade é valor: as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara**. São Luís: EDUFMA, 2011, 130p.

NUNES, Paulo. ENCICLOPEDIA TEMÁTICA. Disponível em <<http://www.old.knoow.net/cienceconempr/economia/consumerismo.htm>> Acesso em 16/09/2018.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. 167 p.

OTTO, Ton e SMITH, Rachel Charlotte. “Design Anthropology: A Distinct Style of Knowing”. In: W. Gunn, T. Otto and R. Smith (Eds.) **Design Anthropology: Juxtaposing theory and practice**. London, Delhi, New York, Sydney: Bloomsbury, 2013, p. 139-158.

PAROLIN, Sonia Regina H. **A criatividade nas organizações:** um estudo comparativo das abordagens sócio interacionistas de apoio à gestão empresarial. Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo, v.10, n.1, jan./mar. 2003.

SALGADO, Mara e FRANCISCATTI, Kety. **Arte, artesanato e trabalho:** Um estudo acerca dos limites do fazer e do criar artesanal. In: Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 4 n. 2, jul-dez, 2011, p. 284-296.

SANDERS, Elizabeth; BRANDT, Eva; BINDER, Thomas. A Framework for Organizing the Tools and Techniques of Participatory Design. In: ACM International Conference Proceeding Series, jan -2010, p. 1 – 4.

SANDERS, Elizabeth. From User-Centered to Participatory Design Approaches. In Design and the Social Sciences. J.Frascara (Ed.), Taylor & Francis Books Limited, 2002.

SENNETT, Richard. **O artífice.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 364 p.


SMITH, Rachel Charlotte; KJAERGAARD, Mette Gislev. Design Anthropology in Participatory Design. Interaction Design and Architecture(s) Journal. IxD&A, N.26, p. 73-80, 2015.

SILVA, Emanuelle K. R. da. **Design e artesanato:** um diferencial cultural na indústria do consumo. In. Diseño en Palermo. Encuentro Latinoamericano de Diseño. 4. 2009. Palermo. Actas de Diseño 7. Facultad de Diseño y Comunicación. Universidad de Palermo. p. 167 - 174.

TAVARES, Flavia Cerveira. **Raposa: Redes e Rendas.** Rio de Janeiro, IPHAN. 2015. 36 p.

APÊNDICES

Termos de consentimento livre esclarecido:



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
CURSO DE MESTRADO EM DESIGN

Título da Pesquisa: Colaboração e correspondências: o codesign no complexo de valores da renda de bilro da Raposa - MA

Responsáveis pela Pesquisa:
Orientadora Pro^{fa} Dr^a Raquel Gomes Noronha.
Pós-Graduando: Camila de Padua Aboud

Justificativa
Neste estudo iremos identificar e analisar os efeitos dos estudos de codesign e correspondências na comunidade de rendeiras da Raposa, a partir de discursos e práticas de artesãs e designers. A razão de estudarmos este assunto é para a construção da teoria do complexo de valores no âmbito do design.

Procedimento
Sua participação será em grupos focais permitindo que o pesquisador o realize e registre respostas em entrevistas sobre o assunto do trabalho.

Riscos
Os riscos serão mínimos aos participantes desta pesquisa, relacionados ao desconforto emocional frente ao momento das entrevistas. Os riscos serão minimizados através de esclarecimentos prévios sobre a pesquisa, considerando o grau de formação dos indivíduos a serem pesquisados. Além disso, a garantia do anonimato será assegurada se for requerido.

Benefícios
Sua participação neste estudo contribuirá para a elaboração de recomendações para o campo do design no que diz respeito às lacunas existentes na atividade artesanal sustentável.

Confidencialidade do Estudo
Os resultados desta pesquisa serão utilizados somente para fins científicos. O registro de sua participação será mantido confidencialmente caso deseje. Nas publicações e/ou relatórios resultantes deste trabalho a identificação dos participantes é revelada com o consentimento dos envolvidos.

Participação Voluntária
A sua participação é voluntária. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação a forma em que é atendido pelo pesquisador.

Esclarecimentos
Você será esclarecido sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Em caso de dúvidas pode entrar em contato com a Pro^{fa} Dr^a Raquel Gomes Noronha, (UFMA), no NIDA – Núcleo de Pesquisa em Inovação, Design e Antropologia, na Av. dos Portugueses, S/N, Bloco 8, Sala 104 – São Luis – MA. Tel: 3272-8289. Declaro que concordo em participar desse estudo e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luis, 05 de fevereiro de 2019.

marilene marques moeiro
Assinatura do voluntário

C. Aboud
Pesquisador responsável



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
 CURSO DE MESTRADO EM DESIGN

Título da Pesquisa: Colaboração e correspondências: o codesign no complexo de valores da renda de bilro da Raposa - MA

Responsáveis pela Pesquisa:
 Orientadora Prof^a Dr^a Raquel Gomes Noronha.
 Pós-Graduando: Camila de Padua Aboud

Justificativa

Neste estudo iremos identificar e analisar os efeitos dos estudos de codesign e correspondências na comunidade de rendeiras da Raposa, a partir de discursos e práticas de artesãs e designers. A razão de estudarmos este assunto é para a construção da teoria do complexo de valores no âmbito do design.

Procedimento

Sua participação será em grupos focais permitindo que o pesquisador o realize e registre respostas em entrevistas sobre o assunto do trabalho.

Riscos

Os riscos serão mínimos aos participantes desta pesquisa, relacionados ao desconforto emocional frente ao momento das entrevistas. Os riscos serão minimizados através de esclarecimentos prévios sobre a pesquisa, considerando o grau de formação dos indivíduos a serem pesquisados. Além disso, a garantia do anonimato será assegurada se for requerido.

Benefícios

Sua participação neste estudo contribuirá para a elaboração de recomendações para o campo do design no que diz respeito às lacunas existentes na atividade artesanal sustentável.

Confidencialidade do Estudo

Os resultados desta pesquisa serão utilizados somente para fins científicos. O registro de sua participação será mantido confidencialmente caso deseje. Nas publicações e/ou relatórios resultantes deste trabalho a identificação dos participantes é revelada com o consentimento dos envolvidos.

Participação Voluntária

A sua participação é voluntária. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação a forma em que é atendido pelo pesquisador.

Esclarecimentos

Você será esclarecido sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Em caso de dúvidas pode entrar em contato com a Prof^a Dr^a Raquel Gomes Noronha, (UFMA), no NIDA – Núcleo de Pesquisa em Inovação, Design e Antropologia, na Av. dos Portugueses, S/N, Bloco 8, Sala 104 – São Luis – MA. Tel: 3272-8289. Declaro que concordo em participar desse estudo e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luís, 05 de fevereiro de 2019.

M. Edson de Nascimento de Oliveira
 Assinatura do voluntário
C. Aboud
 Pesquisador responsável



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
 CURSO DE MESTRADO EM DESIGN

Título da Pesquisa: Colaboração e correspondências: o codesign no complexo de valores da renda de bilro da Raposa - MA

Responsáveis pela Pesquisa:
 Orientadora Prof^ª Dr^ª Raquel Gomes Noronha.
 Pós-Graduando: Camila de Padua Aboud

Justificativa

Neste estudo iremos identificar e analisar os efeitos dos estudos de codesign e correspondências na comunidade de rendeiras da Raposa, a partir de discursos e práticas de artesãs e designers. A razão de estudarmos este assunto é para a construção da teoria do complexo de valores no âmbito do design.

Procedimento

Sua participação será em grupos focais permitindo que o pesquisador o realize e registre respostas em entrevistas sobre o assunto do trabalho.

Riscos

Os riscos serão mínimos aos participantes desta pesquisa, relacionados ao desconforto emocional frente ao momento das entrevistas. Os riscos serão minimizados através de esclarecimentos prévios sobre a pesquisa, considerando o grau de formação dos indivíduos a serem pesquisados. Além disso, a garantia do anonimato será assegurada se for requerido.

Benefícios

Sua participação neste estudo contribuirá para a elaboração de recomendações para o campo do design no que diz respeito às lacunas existentes na atividade artesanal sustentável.

Confidencialidade do Estudo

Os resultados desta pesquisa serão utilizados somente para fins científicos. O registro de sua participação será mantido confidencialmente caso deseje. Nas publicações e/ou relatórios resultantes deste trabalho a identificação dos participantes é revelada com o consentimento dos envolvidos.

Participação Voluntária

A sua participação é voluntária. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação a forma em que é atendido pelo pesquisador.

Esclarecimentos

Você será esclarecido sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Em caso de dúvidas pode entrar em contato com a Prof^ª Dr^ª Raquel Gomes Noronha, (UFMA), no NIDA – Núcleo de Pesquisa em Inovação, Design e Antropologia, na Av. dos Portugueses, S/N, Bloco 8, Sala 104 – São Luis – MA. Tel: 3272-8289. Declaro que concordo em participar desse estudo e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luis, 05 de fevereiro de 2019.

Maria Dorizate de Carmo Meneses
 Assinatura do voluntário

C. Aboud
 Pesquisador responsável



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
 CURSO DE MESTRADO EM DESIGN

Título da Pesquisa: Colaboração e correspondências: o codesign no complexo de valores da renda de bilro da Raposa - MA

Responsáveis pela Pesquisa:
 Orientadora Prof^a Dr^a Raquel Gomes Noronha.
 Pós-Graduando: Camila de Padua Aboud

Justificativa

Neste estudo iremos identificar e analisar os efeitos dos estudos de codesign e correspondências na comunidade de rendeiras da Raposa, a partir de discursos e práticas de artesãs e designers. A razão de estudarmos este assunto é para a construção da teoria do complexo de valores no âmbito do design.

Procedimento

Sua participação será em grupos focais permitindo que o pesquisador o realize e registre respostas em entrevistas sobre o assunto do trabalho.

Riscos

Os riscos serão mínimos aos participantes desta pesquisa, relacionados ao desconforto emocional frente ao momento das entrevistas. Os riscos serão minimizados através de esclarecimentos prévios sobre a pesquisa, considerando o grau de formação dos indivíduos a serem pesquisados. Além disso, a garantia do anonimato será assegurada se for requerido.

Benefícios

Sua participação neste estudo contribuirá para a elaboração de recomendações para o campo do design no que diz respeito às lacunas existentes na atividade artesanal sustentável.

Confidencialidade do Estudo

Os resultados desta pesquisa serão utilizados somente para fins científicos. O registro de sua participação será mantido confidencialmente caso deseje. Nas publicações e/ou relatórios resultantes deste trabalho a identificação dos participantes é revelada com o consentimento dos envolvidos.

Participação Voluntária

A sua participação é voluntária. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação a forma em que é atendido pelo pesquisador.

Esclarecimentos

Você será esclarecido sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Em caso de dúvidas pode entrar em contato com a Prof^a Dr^a Raquel Gomes Noronha, (UFMA), no NIDA – Núcleo de Pesquisa em Inovação, Design e Antropologia, na Av. dos Portugueses, S/N, Bloco 8, Sala 104 – São Luis – MA. Tel: 3272-8289. Declaro que concordo em participar desse estudo e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luis, 05 de fevereiro de 2019.

glaciapholanda
 Assinatura do voluntário

CPA

Pesquisador responsável



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
 CURSO DE MESTRADO EM DESIGN

Título da Pesquisa: **Colaboração e correspondências: o codesign no complexo de valores da renda de bilro da Raposa - MA**

Responsáveis pela Pesquisa:
 Orientadora Profª Drª Raquel Gomes Noronha.
 Pós-Graduando: Camila de Padua Aboud

Justificativa

Neste estudo iremos identificar e analisar os efeitos dos estudos de codesign e correspondências na comunidade de rendeiras da Raposa, a partir de discursos e práticas de artesãs e designers. A razão de estudarmos este assunto é para a construção da teoria do complexo de valores no âmbito do design.

Procedimento

Sua participação será em grupos focais permitindo que o pesquisador o realize e registre respostas em entrevistas sobre o assunto do trabalho.

Riscos

Os riscos serão mínimos aos participantes desta pesquisa, relacionados ao desconforto emocional frente ao momento das entrevistas. Os riscos serão minimizados através de esclarecimentos prévios sobre a pesquisa, considerando o grau de formação dos indivíduos a serem pesquisados. Além disso, a garantia do anonimato será assegurada se for requerido.

Benefícios

Sua participação neste estudo contribuirá para a elaboração de recomendações para o campo do design no que diz respeito às lacunas existentes na atividade artesanal sustentável.

Confidencialidade do Estudo

Os resultados desta pesquisa serão utilizados somente para fins científicos. O registro de sua participação será mantido confidencialmente caso deseje. Nas publicações e/ou relatórios resultantes deste trabalho a identificação dos participantes é revelada com o consentimento dos envolvidos.

Participação Voluntária

A sua participação é voluntária. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação a forma em que é atendido pelo pesquisador.

Esclarecimentos

Você será esclarecido sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Em caso de dúvidas pode entrar em contato com a Profª Drª Raquel Gomes Noronha, (UFMA), no NIDA – Núcleo de Pesquisa em Inovação, Design e Antropologia, na Av. dos Portugueses, S/N, Bloco 8, Sala 104 – São Luis – MA. Tel: 3272-8289. Declaro que concordo em participar desse estudo e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luís, 05 de fevereiro de 2019.

Marcia Maria dos Santos
 Assinatura do voluntário

Camila de Padua Aboud
 Pesquisador responsável